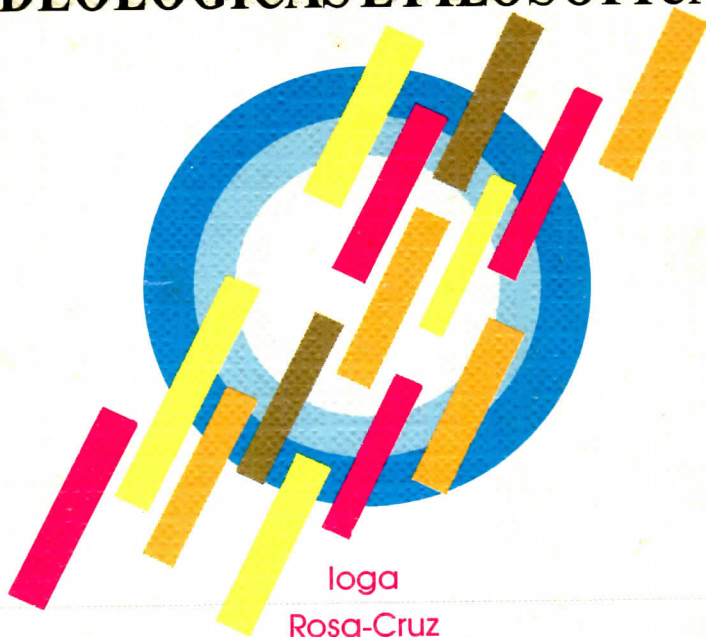


ATITUDES IDEOLÓGICAS E FILOSÓFICAS



loga

Rosa-Cruz

Teosofia

Krishnamurti

Satanismo

O Espiritualismo de Shirley McLaine

Astrologia

Maçonaria

Secularização

Evolucionismo

Ecumenismo

O Ritual do Daime

Tácito da Gama Leite Filho

ATITUDES IDEOLÓGICAS E FILOSÓFICAS

Conselho Editorial da JUPERP

Darci Dusilek, Fausto Aguiar de Vasconcelos, Joaquim de Paula Rosa, Joécio Rodrigues Barreto, Jean Young, Uirassú Tupinambá Mendes Câmara, Josemar de Souza Pinto, Marcílio de Oliveira Filho, Margarida Lemos Gonçalves, Merval de Souza Rosa, Myrtes Mathias, Napolião José Vieira, Niander Winter, Orivaldo Pimentel Lopes, Oswaldo Ferreira Bomfim, Roberto Alves de Souza, Zaqueu Moreira de Oliveira

Tácito da Gama Leite Filho

**ATITUDES
IDEOLÓGICAS E FILOSÓFICAS**

SEITAS DO NOSSO TEMPO

Volume 6



Todos os direitos reservados. Copyright © 1992 da Junta de Educação Religiosa e Publicações de CBB.

L533a Leite Filho, Tácito da Gama
Atitudes Ideológicas e Filosóficas/Tácito da
Gama Leite Filho. — Rio de Janeiro: JUERP, 1992.
142p. — (Seitas do nosso tempo; v.6)
Inclui bibliografia
1. Seitas. I. Título II. Série

CDD — 291.9

Capa: Antonio Carlos Rosa
Código para pedidos: 245014
Junta de Educação Religiosa e Publicações da
Convenção Batista Brasileira
Caixa Postal 320 — CEP: 20001
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti — CEP: 21370
Rio de Janeiro, RJ, Brasil

3.000/1992

Impresso em gráficas próprias

APRESENTAÇÃO

Este é o sexto volume da *Série Seitas do Nosso Tempo*, a qual tem por objetivo prover os crentes de informações sobre as seitas que mais trabalham no contexto brasileiro, chamando a atenção para o perigo das doutrinas que disseminam.

Numa época de tantas confusões teológicas e discórdias doutrinárias, sentimos a grande necessidade de irmos ao encontro dos crentes que costumeiramente se vêem assediados e molestados pelos adeptos das seitas, tendo dificuldades em rechaçá-los.

O autor desta série, o Pr. Tácito da Gama Leite Filho, é um estudioso do fenômeno das seitas há mais de 10 anos. Muito daquilo que conseguiu coletar e reunir em seus livros é fruto de pesquisas *in loco*, sem, evidentemente, desprezar as fontes bibliográficas existentes, principalmente os livros autorizados das próprias seitas.

Segundo o autor, todas as seitas usam de métodos proselitistas. Geralmente são os afiliados a uma igreja reconhecidamente evangélica os mais visados. Daí a importância do estudo dos livros desta série por todo crente que esteja buscando um melhor conhecimento, para argumentar, com segurança, com todo aquele que ouse questionar o caráter de sua fé e a razão de sua esperança.

A série traz, em seu conteúdo, uma sucinta explanação sobre as seitas proféticas, orientais, neopentecostais, mágico-religiosas, espíritas, atitudes ideológicas e filosóficas e encerra-se com uma fenomenologia das seitas. Ao todo, são 7 volumes. Cada estudo é didaticamente estruturado de maneira a facilitar também a utilização do livro em preleções e estudos em grupo nas igrejas.

Preocupa-se o autor em apresentar um resumo sobre as origens históricas de cada seita, uma sistematização de suas doutrinas, finalizando por confrontá-las com a Bíblia, sugerindo uma estratégia para o combate das suas heresias.

Que esta série venha contribuir grandemente para o fortalecimento doutrinário dos crentes de nossas igrejas e, num sentido mais abrangente,

na salvação de vidas mal-informadas, arrastadas pela sedução mística, fanática e enganosa das seitas.

Josemar de Souza Pinto
Coordenador do Departamento de Publicações Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. Ioga	13
2. Rosa-Cruz	23
3. Teosofia	35
4. Krishnamurti	45
5. Satanismo	53
6. O Espiritualismo de Shirley McLaine	63
7. Astrologia	71
8. Maçonaria	81
9. Secularização	97
10. Evolucionismo	109
11. Ecumenismo	117
12. Ritual do Daime	127
CONCLUSÃO	137
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	141

INTRODUÇÃO

O fenômeno do crescimento das seitas é perfeitamente aceito em nossos dias, isto é, não se contesta sua realidade. Como se não bastassem os inúmeros adeptos que elas fazem, por causa do seu proselitismo, existem ainda certos grupos que não tiram seus adeptos de suas igrejas, dizem que eles devem continuar fiéis à sua religião, no entanto, incentivam uma atitude anti-religiosa. Tais grupos foram enquadrados em atitudes ideológicas e filosóficas.

Quando tratamos de seitas e de atitudes filosóficas e ideológicas, devem ficar bem claros os elementos que fazem uma religião, e que são: doutrina (toda religião tem seu corpo doutrinário baseado na tradição dos antepassados, na palavra dos sábios iluminados ou na Palavra de Deus, como é o caso das religiões cristãs); ritos ou cerimônias; ética ou leis; comunidade (os adeptos que concordam com o corpo doutrinário e demais características reúnem-se em comunidade, estabelecendo uma comunicação entre os irmãos de fé); e, finalmente, um relacionamento espiritual com Deus, ou com seu deus. Uma vez constituídas as religiões, os grupos que saem das igrejas institucionalizadas são considerados seitas, e os grupos que influenciam os adeptos das religiões, sem exigir seu êxodo, são considerados atitudes ideológicas ou filosóficas.

A formação das filosofias e ideologias, através dos tempos, foi influenciada por diversos fatores, isto é, está ligada a diversas formas de agir e de pensar. Um desses fatores é o esoterismo. Esoterismo é a denominação dada ao sistema que reserva suas doutrinas e práticas *aos de dentro*, ou seja, aos iniciados. Distingue-se do exoterismo, que comunica suas doutrinas e princípios aos de fora, formando comunidades abertas e não fechadas. O esoterismo, que também pode ser chamado de ocultismo, abrange hoje em dia diversas modalidades ou escolas: Cabala, Astrologia, Teosofia, Rosa-Cruz, correntes espíritas e maçônicas. Tais grupos, como será apresentado no decorrer da obra, são entidades *científico-religiosas* de caráter secreto ou semi-secreto que existem também no Brasil nos dias atuais.

Os principais ensinamentos do esoterismo são esses: monismo ou unidade fundamental (todos os seres visíveis e invisíveis constituem uma única realidade, que se fragmenta no mundo, tomando múltiplos aspectos — é o conceito de panteísmo, quando relacionado a Deus); o homem como miniatura do Universo (o homem é um microcosmo dentro do macrocosmo, havendo correlação entre cada elemento do homem e seu análogo no Universo); o visível é a manifestação do invisível (todos os seres materiais são representações dos imateriais) — isso dá origem ao simbolismo das coisas e das palavras, por representarem realidades espirituais. Tais ensinamentos serão encontrados, de uma forma ou de outra, nas atitudes ideológicas e filosóficas apresentadas nesta obra.

Outro fator que alimenta as entidades esotéricas e demais atitudes filosóficas e ideológicas é o misticismo. A literatura esotérica, envolta em magia e ocultismo, tem sido largamente propagada no mundo e particularmente no Brasil. Nessa literatura há lugar para os que acreditam nos poderes mágicos dos cristais, na regressão a vidas passadas, nas cartas de tarô, em sessões de energização, nas pirâmides, no I Ching, nos mapas astrais, nas cabalas, nas quiromancias etc. A atitude mística do povo é explorada pelos grupos por duas razões, pelo menos: a propensão humana para se deixar enganar e a capacidade dos mágicos em utilizar a prestidigitação. Místicos, tarólogos, videntes, médicos do além e magos trabalham numa faixa do espectro vital que a ciência ainda não cobriu.¹ Dizem eles que lidam justamente com o controle de energias ainda não detectadas pela ciência; por isso, a fome pelo sobrenatural não escolhe classe social ou instâncias de poder: pessoas humildes e grandes políticos, jovens e velhos, deixam-se levar pelas superstições, pelas predições místicas, pela influência do horóscopo, pelo poder oculto das pirâmides...

Explorando esse misticismo estão: a Ioga; o espiritualismo de Shirley McLaine, propagadora do movimento New Age (Nova Era) e escritora de livros já traduzidos para o português; a astrologia; os movimentos alquimistas e cabalistas; os escritos do carioca Paulo Coelho; as predições de bruxos e bruxas do século 20; o movimento denominado de satanismo; o ritual do Daime, na Amazônia, e outros.

Ligada ao misticismo está a utilização de drogas que, acredita-se, podem proporcionar uma autêntica experiência mística e entrada no paraíso celeste. No satanismo e no ritual de Daime utilizam-se drogas com a finalidade de obter uma sensação de bem-estar acompanhada de visões extraordinárias. As drogas alteram as percepções dos sentidos, diminuem a capacidade de distinguir entre realidade e fantasia, e a noção de tempo e espaço deixa de existir, a memória torna-se caótica, a atenção difusa, a pessoa parece estar saindo do mundo cotidiano para um mundo novo;

em vista disso, a pessoa se julga poderosa, capaz de superar qualquer dificuldade.² Portanto, as experiências místicas alegadas pelos adeptos desses grupos não podem ser atribuídas a contatos com a divindade, mas simplesmente ao efeito de drogas alucinógenas.

Finalmente, o terceiro fator que influencia as atitudes desses grupos e movimentos abordados neste volume é a ideologia. Num sentido, a ideologia é uma teoria ou um sistema de pensamento elaborado para orientar uma ação política e social de tipo revolucionário. Nesse aspecto, a ideologia apresenta quatro características: a índole mística (as ideologias se fundamentam sobre mitos); a índole ativista (são teorias que incentivam a ação, a transformação); a índole afetiva (as ideologias têm ressonância sentimental e afetiva); a índole absolutista e totalitária (são sistemas que não admitem dúvidas, têm sempre razão). Por seu absolutismo, as ideologias são consideradas pseudo-religiões ou religiões secularizadas, que excluem a verdadeira religião (culto a Deus) e exigem dos seus adeptos uma dedicação total. Mesmo que alguns afirmem que a fé cristã e a religião sejam ideologias, entre elas há diferença radical.³ A fé cristã tem sua origem em Deus, e as ideologias são produtos do homem; a fé transcende a história, e as ideologias estão ligadas a ela; a fé é aberta a todos os homens, e as ideologias são para alguns grupos; a fé propõe a plena realização do homem espiritual, e as ideologias visam uma resposta para este mundo material; a fé visa à salvação do homem inteiro, e as ideologias tendem à conservação do poder, ao sucesso e ao domínio do mundo; a fé está fundamentada na Verdade que é Cristo, e as ideologias fundamentam-se nas verdades humanas. Ideologias como o secularismo, o evolucionismo e o ecumenismo não se coadunam com a fé cristã.

Portanto, o objetivo em apresentar atitudes ideológicas e filosóficas é mostrar que tais grupos e movimentos tendem a afastar os cristãos de suas igrejas e da verdadeira religião que é encontrada na fé em Jesus Cristo. Os cristãos devem ser alertados, orientados e esclarecidos para que possam, em sã consciência e em atitude de santificação a Cristo, estar preparados “para responder com mansidão e temor a qualquer que lhes pedir a razão da esperança que neles há” (1Pe 3.15).

NOTAS

1. Revista *Veja*, 22/08/1990, p. 60.

2. *Pergunte e responderemos*, 126/1970, p. 238.

3. *Pergunte e responderemos*, 271/1983, p. 451.

1

IOGA

Em meio a tantas seitas, manifestas ou secretas, com seus ritos mágicos e graus de iniciação, como se não bastassem, levantam-se adivinhos, encantadores, mágicos e médiuns. Está cada vez mais em voga consultar aqueles que dizem predizer o futuro. No Ocidente cada vez mais busca-se o ocultismo, a ioga e os fenômenos psíquicos; é a onda de misticismo invadindo nossa sociedade como opção para a resolução de tantos problemas de materialismo, choques de relacionamento, solidão, estresse e outros.

“A ioga penetra em todos os meios. Todos os motivos são válidos. Pode ser praticada em casa, na escola, nas academias, em qualquer estágio de formação. Busca-se a calma interior. Pratica-se a meditação transcendental, e existe também a ‘ioga cristã’ (!!) praticada em certas igrejas”.¹

Da raiz *yuj* — pôr sob o jugo, aparelhar, controlar, equipar, a ioga relaciona-se com a palavra inglesa *yoke* — jugo, canga. Seu primeiro significado, provavelmente, relacionou-se com trabalho, prática espiritual, e também é utilizada no sentido de união com o divino, idéia desenvolvida mais tarde. A união da alma consigo mesma acarreta a união com a divindade. Essa dupla união supõe que a alma se torna livre dos impedimentos que lhe provinham dos instintos inferiores. A união proposta pela ioga é obtida pelos exercícios físicos e pelos métodos de controle das desordens morais, de modo que ioga implica ascese e técnicas psicossomáticas.

O termo ioga é empregado de diversas maneiras. Aparece nas quatro modalidades da religião indiana: ritual (*carma-ioga*) — ou ioga de ação — recomenda o exercício das boas obras, a moral e a ascese como método de libertação interior; devocional (*bakthi-ioga*) — ou ioga da devoção — cultiva a piedade e a oração a Deus de maneira preponderante; intelectual (*jnana-ioga*) ou ioga do saber — proclama que a sabedoria é o meio de libertação e a ignorância é que mantém a alma afastada de si mesma e da divindade; e meditativa (*ana-ioga*), principalmente esta última. O termo pode referir-se também a certa técnica: *hatha-ioga* ou ioga do corpo —

procura a libertação, principalmente por meio do cultivo da saúde corporal e das posturas do corpo (ginástica); estas facilitam a concentração espiritual; raja-ioga ou ioga real — recorre, antes de mais nada, às técnicas de concentração da mente, procurando a união com a divindade mediante a meditação; kundalini-ioga — quando serve para despertar a energia vital; mantra-ioga — ou ioga do som — usa o som e o ritmo para entrar em sintonia com o Absoluto ou a divindade (esta é concebida como uma onda sonora cósmica; a mantra-ioga repete sons, sílabas e fórmulas [mantras] aos quais atribui poder mágico; o mantra supremo é a sílaba sagrada AUM ou OM); tantra-ioga — ou ioga dos ritos mágicos promotores da libertação — aqui insere-se a “ioga erótica”, que procura a união com a divindade mediante a satisfação dos instintos. Ainda existem: nada-ioga — quando se baseia em fenômenos acústicos similares; asparsha-ioga — quando se desliga de qualquer contato; laia-ioga — quando mergulha no divino; taraka-ioga — quando emprega fenômenos eidético-visuais (relativos à essência e não à existência das coisas). A autêntica ioga deve ser integral, reunindo diversos elementos.²

A palavra ioga também é destinada a abordagens espirituais sectárias, como: xiva-ioga, jaina-ioga etc. Mais comumente refere-se à escola ioga de Patanjali (darsana-ioga), um tipo de dhyana-ioga e raja-ioga (ioga real).

Dentro desse universo de significados, a ioga é um fenômeno universal. No sentido restrito de “mágico-espiritualidade indiana”, verifica-se que sua origem antiqüíssima é geralmente aceita.

No sentido em que será abordada aqui, ioga é uma filosofia de ação e uma terapêutica contra a agitação. Seus praticantes são denominados de iogues e ioguini (mulher); sua origem está na Índia. Os iogues não devem ser confundidos com os faquires, cuja origem é muçulmana.

A ioga implica uma concentração espiritual tão grande que o iogue chega a atingir o êxtase, em que fica imóvel, alheio a tudo mais.

Ioga é uma técnica e também uma filosofia.³ Enquanto técnica (ginástica, regime alimentar, repouso, exercícios, música, dança) favorece a saúde física e psíquica, pois o corpo condiciona o estado psíquico. As funções físicas estando em bom andamento e sob controle influenciam beneficentemente o raciocínio e o sentimento. O corpo cansado e desnutrido diminui a capacidade de pensar e de amar.

No Brasil, a ioga é bastante difundida como técnica e como filosofia.

Como filosofia de vida, defende que o ser humano deve desenvolver ao máximo todas suas potencialidades; para tanto, precisa descobrir quais os métodos a seguir; a ioga é um deles.

I — ORIGENS DA IOGA

Os escritos védicos são textos religiosos dos séculos 20 a 15 a.C. contendo cosmogonias, rituais, fórmulas de oração e regras de sacrifício. Vedas são os textos que contêm o conhecimento sagrado dos hindus, transmitidos de forma tripla: Rig-Veda, coletânea de 1028 hinos; Sama-Veda, versão reorganizada do Rig-Veda; Iajur-Veda, reúne fórmulas usadas pelo sacerdote ao executar os atos sacrificais. Foi adicionado o Atarva-Veda, mais popular, com fórmulas de encantamento, feitiços e cânticos exóticos.

Desde os tempos mais remotos, o homem se preocupa em elucidar problemas relacionados à sua existência na Terra e depois da morte. Sempre procurou a perfeição por seus próprios méritos. Na Índia, a partir dos textos védicos, foi desenvolvida uma filosofia religiosa que deu origem a diversos sistemas religiosos.

A prática da ioga está associada a tempos bem antigos, isto é, séculos antes de Cristo. O termo ioga aparece pela primeira vez no Taittiriya e depois no Upanixada Katha, acerca da parábola do carro.⁴

O atmã é o dono do carro; o carro é o corpo; a inteligência (buddhi) é o cocheiro e o espírito (manas), as rédeas. Os sentidos são os cavalos; os seus objetivos, o caminho diante deles. Quanto ao que desfruta (homem) é o atmã, sentido e espírito conjugados. O homem, cujo cocheiro é a sabedoria, e cujas rédeas um espírito (controlado), chega ao fim da viagem, à morada mais alta de Vixnu. (III, 3-4 e 9)

No texto mencionado, a ioga fica assim definida:

Quando os cinco conhecimentos (os sentidos) ficam sossegados, juntamente com o espírito, a inteligência já não se agita, esse é, dizem eles, o estado mais alto, ioga — que significa reprimir firmemente os sentidos, sossegá-los. Fica-se então livre de falta de prudência, porque a ioga é princípio e fim. (VI, 10-11)

Nas Puranas (compilações de mitos e algumas histórias) onde há relatos da criação, o criador é comparado a um perfeito iogue. No Upanixada (ou Upanixade — exegese sistemática dos Vedas) citado acima, a ioga aparece associada à psicologia e à cosmologia, e a pessoa medita numa sílaba mística. A finalidade de toda a meditação é conduzir ao conhecimento salvador do único Deus, fixando nela a inteligência, unindo-se com ele e contemplando sua verdadeira realidade. Num texto, provavelmente do 3.º século a.C., o autor define ioga como “o desligar da ligação com o sofrimento” e descreve dois tipos de ioga: a que tranqüiliza o espírito e une o homem com Deus; e a ioga de atividade desinteressada definida como habilidade nos trabalhos.

Dada a antiguidade do termo ioga, lembramos de um homem que utilizou sua técnica. Influenciado pela filosofia védica, tornou-se monge e levou uma vida de privações e asceticismo (que não dá valor às coisas materiais ou físicas), com o objetivo de se libertar de suas condições humanas, procurando fundir a alma com o cosmo, o individual com o universal, o homem com Deus, ainda nesta vida. Esse monge foi Buda, cujo nome significa o Despertado; ele viveu no 5.º século a.C. Propagou sua doutrina e sua técnica: a ioga, que já havia sido praticada por outros antes dele. Textos que já existiam em sua época e que hoje são difundidos no Ocidente referiam-se também à ioga; alguns desses textos: Upanixada, Aforismos de Patanjali e Bhagavad-Gita. Este último quer dizer "O Canto do Senhor" e é talvez o livro mais popular da escritura hindu. Faz parte do grande poema épico, o Mahabharata, datado entre 2.º século a.C. e 2.º d.C.

As iogas desenvolvidas pelo budismo são tipos paralelos não-teísticos, isto é, não buscam, como outras, um relacionamento com Deus. Seu objetivo é a auto-salvação e se espalhou juntamente com as doutrinas de Buda.

Patanjali foi um pensador e filósofo hindu que viveu no 2.º século a.C. e foi o autor de Mahabhashya, comentário do tratado gramatical Ashtadhyayi de Panini (4.º século a.C.). Suas idéias filológicas e filosóficas (especialmente sobre a natureza das palavras) fazem dele um dos mais antigos *scholars* do mundo. Foi o compilador do mais antigo tratado sistemático da ioga, o Ioga-Sutra (5.º século a.C.). A maior parte do que hoje é conhecido como a ciência da ioga deriva desse livro básico. Ele é considerado o pai da ioga darsana, embora a ioga já fosse conhecida anteriormente, como foi verificado. Nos seus quatro livros de sutras examina sucessivamente a concentração (*samadhi*), a prática da ioga, as forças psíquicas e o isolamento do espírito de tudo (*kaivalya*), no que consiste a salvação final.⁵ Essa ioga admite um Senhor divino, mas só como aquele que está na quietude da ioga, e não como o Criador e Salvador; é apenas um modelo para ser imitado pelos iogues (é a mesma idéia do iogue supremo).

Entre os anos 800—1300 d.C. desenvolveu-se a *hatha-ioga*, com ênfase nos exercícios físicos, também chamada ioga de violência, porque propõe posições difíceis do corpo e práticas fisiológicas para conseguir efeitos psicossomáticos, como o aumento da moralidade, auto-domínio e recolhimento na meditação. Sustenta que o organismo vivo contém uma força vital chamada prana. Os centros de armazenamento dessa energia são os *chackas*, localizados em sete áreas fundamentais do corpo humano, entre a base da espinha e o topo do cérebro, que são: em volta do reto, do umbigo, do coração, da garganta, do céu da boca e da cabeça.

A energia vital é representada por uma serpente enrolada na parte mais baixa do corpo (kundalini), figura essa tirada do tantrismo (doutrina religiosa e práticas psicossomáticas que começaram a florescer no 7º século a.C. e influenciaram o budismo, xivaísmo, ioga e outros). Seus textos sagrados são os Tantras, formados sobretudo pelos diálogos entre o deus Xiva e sua esposa Devi). A prática desse tipo de ioga objetiva fazer subir a energia vital pela coluna vertebral até a cabeça.

O primeiro *chacka* tem uma ação direta sobre os órgãos genitais; pode produzir uma superatividade da energia sexual, e esse despertar é vigiado com rigor nas Escolas do Oriente. Existem diversos problemas e desequilíbrios hoje relacionados a esse setor. Utilizando a figura do tantrismo, certa ioga necessita de um homem e de uma mulher para a meditação; utiliza-se a força sexual para ser transformada em energia espiritual.⁶

Através da ioga, os iogues chegam a controlar, com a mente, a pressão sanguínea, as batidas do coração, a função respiratória e de outros órgãos internos. Essas funções, em condições normais, são controladas pelo subcórtex do cérebro, controle não exercido pelo esforço consciente.⁷

Através dos tempos, desenvolveu-se uma grande variedade de ioga, mas permaneceu seu princípio básico que é psicofisiológico, unindo corpo e mente para liberar a força vital.⁸ As escolas filosóficas e comunidades religiosas da Índia possuem suas respectivas formas de ioga.

A ioga em si, não obstante as diferentes ênfases, é adaptável a qualquer tipo de filosofia e religião. Está reduzida, no Ocidente, a uma disciplina psicossomática, que não se relaciona com o transcendental. A maioria das escolas de ioga ocidentais são influenciadas pela hatha-ioga. Os exercícios visam fortalecer o corpo, manter os membros ágeis, remover resíduos, acalmar os nervos. Até crianças estão sendo levadas a fazer tais cursos. Faz-se pouca menção à liberação da alma pela encarnação; por isso é considerada apenas uma ginástica ou esporte.

Na década de 1960, o interesse dos Beatles pela meditação transcendental despertou a atenção do Ocidente para esta prática. É uma terapia de ioga baseada na filosofia de Maharishi Mahesh Yogi, discípulo de um erudito hindu chamado Brahmanda Saraswati, que iniciara um movimento de regeneração espiritual no noroeste da Índia. Maharishi estudou física na Universidade de Allahabad e refletiu em sua ioga um aspecto científico. A meditação transcendental se espalhou de Londres para mais de vinte Ilhas Britânicas e para os Estados Unidos, onde muitas faculdades e até o exército têm demonstrado interesse pela sua prática. Publicações científicas têm considerado os efeitos terapêuticos da meditação transcendental.⁹

O interesse do Ocidente pela filosofia oriental deve-se a alguns fatores: o materialismo e seu apelo à aquisição de bens de consumo têm rejeitado a reflexão e a meditação; a televisão e os vídeos têm prejudicado o interesse pelas leituras construtivas; a identificação de Deus com tudo (panteísmo) da filosofia oriental tem sido uma solução para unir o material ao espiritual; a novidade e o mistério que envolve as práticas orientais espalhadas pela ioga, hare-krishna, seicho-no-iê e outras seitas têm atraído as pessoas; o apelo à meditação que leva à saúde física e mental tem sido uma resposta em face das muitas doenças nervosas de nosso século.¹⁰

II — CARACTERÍSTICAS¹¹

Segundo a ioga desenvolvida por Patanjali, os aspirantes devem estar totalmente desapegados e prontos para perseverarem em seus exercícios. A ênfase da ioga de Patanjali é a meditação. É a darsana-ioga, uma mistura de dhyana-ioga (meditativa) e raja-ioga (ioga real).

1. **Passos** — Os dois primeiros passos da ioga têm a ver com a ordenação ética da vida:

Yama — abster-se da violência, mentira, roubo, sexo e gula.

Niyama — observar a limpeza, o contentamento, austeridade, estudo e contemplação do Senhor ideal.

Só depois desse treino moral, vem a ioga externa:

Asana — sentar-se numa posição firme e confortável.

Pranayama — domínio da respiração por meio de um ritmo lento e regulado da inalação, retenção e exalação.

Pratyahara — recolhimento dos sentidos para liberar a mente da escravidão das impressões sensoriais.

Em seguida vem a quietude mental:

Dharana — fixação num ponto por meio da atenção concentrada, quer real, como o umbigo, a ponta do nariz, quer imaginário.

Samadhi — o êxtase ou fusão do sujeito e do objeto no conhecimento puro.

Samyama — perfeito domínio.

Através desse exercício mental, a pessoa consegue a perfeita libertação do espírito. Na ioga clássica, a finalidade não está relacionada a nenhum deus, mas é pura liberação do espírito.

A postura do corpo e a meditação (concentração mental) terão efeito sobre o corpo e a psique. A ioga liberta uma força cada vez maior que leva a pessoa a uma iluminação interior, quando a alma se desliga do corpo e encontrar o poder de elevar-se até as esferas onde não há dualismos. Este estado é denominado nirvana.

A ioga Patanjali é um misticismo adquirido, transcendendo todos os fenômenos conscientes para buscar o puro conhecimento que é o espírito absoluto do homem.

2. Efeitos Sobre o Iogue — O iogue experimenta a ampliação do conhecimento (sobre o passado, o futuro e o desconhecido) e da força (levitação, passar através dos corpos etc). O iogue se liberta totalmente das limitações desta vida. Quando a ioga desperta o amor-próprio e o apego à vida, ela é desaprovada pelos autênticos mestres.

O iogue é conduzido para um processo que acaba escapando do seu controle. Sua vontade é colocada a serviço de suas posturas: elas exigem grande concentração de energia física e mental, e toda a atenção do iogue. Ele também é envolvido pela vibração de sons e fórmulas rituais produzidas por sua boca. Perde a consciência daquilo que o rodeia.

3. Hatha-ioga — Possui uma técnica peculiar, enfatizando os aspectos físicos. Realiza-se inicialmente uma limpeza das cavidades interiores (dos intestinos) engolindo água e ar e provocando movimentos peristálticos do reto e da bexiga pela lavagem; do nariz e da boca, com água, respiração forte e pano fino; das paredes abdominais, pelas contrações espasmódicas; dos olhos, fixando-os sem pestanejar. A seguir são feitas posturas de todos os tipos possíveis; obturações da faringe com a língua invertida, do coração, obrigando a reduzir as pulsações etc.¹²

Vem a seguir o recolhimento dos sentidos, o domínio da respiração, a fixação do espírito e a não-fixação do espírito.

Na hatha-ioga há o perigo de a técnica sobrepujar a espiritualidade e o iogue não alcançar o objetivo da meditação, justamente pela ênfase que é dada nos exercícios físicos.

Mesmo que, para alguns, a ioga pareça apenas uma ginástica, a pessoa poderá ser conduzida à ioga indiana, com exercícios mentais, através de frases comuns à filosofia indiana e que vão induzindo as pessoas a se libertarem mentalmente, levando-as a perderem a consciência de tudo que as rodeia.

4. Meditação Transcendental — Terapia de ioga, é apresentada como uma técnica de aperfeiçoamento da atividade psicológica, aplicada à percepção, à aprendizagem, à redução da dependência de drogas etc. O Maharishi tem garantido que a meditação transcendental elimina o estresse, que é a doença nervosa mais comum de nossos dias.

Sua técnica é a repetição silenciosa de um mantra (verso místico da escritura indiana ou verso com significado especial; fórmula mágica ou canto), sob a orientação de um tutor. Os mantras não são uma simples fórmula ou uma proposição; representam forças divinas ou cósmicas. Pela repetição, crêem os hindus, a alma pode identificar-se com as forças que

os mantras representam. Na repetição do mantra é muito importante a qualidade de quem os repete e as vibrações sonoras também, a fim de que se consiga conduzir a atividade mental até a serenidade consciente.

Deus não é mencionado, mas sim “Inteligência Criadora”, com a qual o iogue deve entrar em contato, quando ultrapassar os processos mentais comuns e ingressar na “consciência pura”.¹³

O Maharishi, através da revista *Inteligência Criadora* e de argumentos de sábios de renome, afirma que se utiliza de princípios da ciência física, como o da inércia e as leis da termodinâmica. Esse tipo de filosofia ioga relaciona-se com o pensamento existencialista, pois a inteligência criadora pode ser a experiência do próprio ser. Talvez essas sejam as razões de seu fascínio sobre alguns intelectuais de hoje.

A orientação que é dada aos adeptos da meditação transcendental é que se exercitem durante vinte minutos diários, em contraposição à meditação exercida por Hare Krishna, Moon e outros movimentos orientais, que é constante e ininterrupta.

Atualmente, aplicações tecnológicas das tradicionais técnicas da ioga são utilizadas para o combate à hipertensão arterial, ataques cardíacos, dor de cabeça e outras doenças. Enquanto a ginástica comum estimula o sistema nervoso e aumenta a atividade cardíaca e metabólica, os exercícios da ioga resultam num estado parassimpático — diminui a atividade cardíaca, metabólica e outras funções; a pessoa se sente relaxada e não exausta.

Os americanos Marion Wenger e Basu Bagchi viajaram para a Índia em 1957 para estudarem os fenômenos dos iogues. Submeteram os iogues a exercícios de meditação e exames de eletroencefalografia e verificaram a preponderância de ondas alfa, que em geral aparecem antes do sono; representam o estado mais relaxado de uma pessoa acordada. Concluíram, juntamente com outros estudiosos, que a mente pode controlar o corpo acima do que normalmente seria possível.¹⁴

5. Deificação do Homem — A prática da ioga, como todas as práticas hindus, tem suas implicações com a transmigração da alma. Esta deve purificar-se por seus próprios esforços para atingir a plena libertação e não precisar reencarnar. O ego real do homem (atmã) é idêntico ao espírito universal (Brama): a alma, em sua natureza e substância, é uma com o divino, é o próprio.

Cada escola de ioga possui seus ensinamentos específicos, mas o interesse principal é descobrir o “ego” da pessoa, redescobrir a natureza pura e divina da pessoa, em suma, deus no homem. Segundo o ensinamento básico da ioga, a natureza humana é essencialmente boa e digna. Os iogues se consideram parte da divindade. Os gurus são reverenciados

como divindades personificadas.¹⁵ Para liberar seu verdadeiro ego divino, a pessoa é levada a esvaziar-se de si mesma e a receber as forças do Universo. É auto-redenção ou auto-salvação.

Mesmo sendo a ioga uma filosofia e uma técnica, mesmo não se relacionando com a religião propriamente dita, sua prática pode desvirtuar a pessoa de seus ideais cristãos, que são servir a Cristo e propagar o evangelho. A ênfase que é dada à própria pessoa pode afastá-la de seu convívio com os outros, por se achar em superioridade mental e em melhores condições espirituais até mesmo do que os próprios cristãos, segundo o seu modo de pensar.

Por outro lado, os ensinamentos da filosofia hindu conduzem ao panteísmo e à lei do carma; o cristão deve estar alerta em relação a essas idéias anticristãs.

O mais prejudicial da ioga, entretanto, é buscar um caminho diferente para se aproximar de Deus que não Jesus Cristo (Jo 3.3; 14.6). O homem só pode adquirir o conhecimento espiritual através de Jesus Cristo (At 17.23-31). A prática da ioga objetiva a paz; como cristãos, sabemos que a verdadeira paz somente é encontrada em Jesus Cristo. A ioga relaxa o corpo, mas Cristo dá paz à alma (Jo 14.27). Buscam também a libertação, mas a verdadeira liberdade nos é oferecida por Cristo (Jo 8.32,36). Almejam a auto-salvação, mas Cristo obteve a nossa salvação pagando o preço necessário para nos redimir.

NOTAS

- 1 DOSSMANN, Daniel. *A ioga diante da Bíblia*, p. 41.
- 2 HINNELLS, John R. (ed.). *Dicionário das religiões*, p. 134 e QUILES, Ismael. *Que é a ioga*, SP, Loyola, *Pergunte e responderemos*, 299/1987
- 3 SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*, p. 204.
- 4 Enciclopédia VERBO, vol. XVIII, p. 1680.
- 5 Idem, vol. XIV, p. 1447.
- 6 DOSSMANN. *Op. cit.*, p. 54.
- 7 INGBER, Dina. Artigo: "Ioga para não-iniciados", revista *Ciência Ilustrada*, nº 7, 04/1983, p. 77.
- 8 DOSSMANN. *Op. cit.*, p. 34.
- 9 CLEMENTS, R. D. *Deus e os gurus*, p. 32.
- 10 A propósito, verificar o vol. II desta série.
- 11 Enciclopédia VERBO, vol. XVIII, p. 1683.
- 12 Idem, p. 1683.
- 13 CLEMENTS. *Op. cit.*, p. 33.
- 14 INGBER, Dina. *Op. cit.*, p. 77.
- 15 SCHLINK, M. Basilea. *Os cristãos e a ioga*, p. 10.

ROSA-CRUZ

As questões relacionadas aos rosa-cruzes são obscuras, contraditórias e legendárias. As fraternidades rosa-cruzes consideram-se as continuadoras da sabedoria milenar do Egito e da Índia. Suas tradições afirmam que sua origem está nas escolas dos mistérios da sabedoria esotérica, no antigo Egito. Os primeiros estudantes, dizem eles, reuniam-se nas câmaras da Grande Pirâmide e eram iniciados nos grandes mistérios. Em seguida, como mestres, transmitiam seus conhecimentos nas escolas mencionadas. Arkon Daraul, um dos investigadores da história das seitas, afirma que “não foi visto jamais, por nenhum observador imparcial, qualquer documento autêntico que ateste ser a Ordem Rosa-Cruz oriunda da antiguidade, como tem sido considerada”.¹

A primeira contradição observada nessas fraternidades é que, dizendo não serem secretas, pela prática agem como tais; somente são conhecidos os mais altos diretores das mesmas. Os locais das reuniões não são divulgados. Os adeptos comunicam-se através de senhas.

A segunda contradição é que não querem ser confundidos como uma seita religiosa. Entretanto, já houve época em que foram perseguidos pela Igreja, sendo confundidos com os essênios, gnósticos, neoplatônicos ou com qualquer outro grupo de ligações religiosas.

Essa filosofia religiosa tem muito em comum com a teosofia, tanto que as livrarias que vendem obras dos teósofos também possuem as dos espíritas, rosa-cruzes, iogues e outros ocultistas. São os movimentos que se deixam envolver pelos ensinamentos dos grandes mestres.

I — ASPECTOS HISTÓRICOS

Embora afirmem os rosa-cruzes que seus iniciadores são de tempos antiqüíssimos, não citam nomes de pessoas nem de organizações que tenham perpetuado seus ensinamentos. Dizem que os seguintes personagens foram rosa-cruzes, mas não há como prová-lo: Pitágoras, Paracelso, Isaac Newton, Leibniz, Benjamin Franklin, Debussy, Bacon, Descartes, Cornélio Agripa, Dante, Manzzini, Vaughan, Saint-Germain e outros.²

Os primeiros nomes que, oficialmente, constam como membros da fraternidade são: Andrea, Maier e Fludd (entre 1574 e 1650).

A primeira referência definida sobre os rosa-cruzes data de 1614, quando apareceram na Alemanha duas obras, ou seja, dois manifestos anônimos: “Fama Fraternitas des Löblichen Orders des Rosenkreuzes” e “Confessio Fraternitatis Rosae Crucis” (este de 1615).

A adoção do novo calendário gregoriano com os anos bissextos (o que ocorreu em 1582) criou um sentimento de que o mundo ia acabar e os místicos aproveitaram o momento para divulgar suas idéias esotéricas, mágicas e misteriosas.

Nascido em 17 de agosto de 1581, Johann Valentim Andrea influenciou o rosa-crucianismo com seu romance *O Casamento Químico de Cristiano Rosa-Cruz* (início do século 17), onde Cristiano é um velho e somente pôde casar-se quimicamente. A partir desse romance, e depois dele, surgiram os dois manifestos acima citados, anônimos, onde se enfatizou a necessidade de buscar a iluminação interior para chegar ao verdadeiro conhecimento.

O primeiro manifesto, “Fama”, apresenta as viagens do suposto organizador do movimento, Christian Rosenkreutz, ao Oriente, onde adquirira muita sabedoria secreta. Voltando à Alemanha, teve muitos alunos. Dizem que morreu aos 150 anos; outras lendas dizem que encarnou várias vezes. De acordo com a segunda obra, Rosenkreutz morreu em 1484 e sua tumba esteve escondida por 120 anos, período em que o movimento esteve em oculto. Dizem que um de seus seguidores encontrou a tumba em 1604 e junto dela havia coisas maravilhosas: inscrições curiosas, espelhos mágicos, lâmpadas que não se apagam, livros com letras de ouro, cantos artificiais, o vocabulário de Paracelso etc.

Até hoje permanece a dúvida se Rosenkreutz foi o fundador histórico ou apenas um personagem simbólico que o escritor das obras utilizou para identificar o início do novo movimento. Manley F. Hall fez um longo estudo sobre o assunto e chegou à conclusão de que as obras foram escritas por um famoso literato e estadista inglês, Francis Bacon, que organizou o sistema como parte de um plano de apoio à renovação política e sociológica da Europa.³

Schreiber⁴ acha que o primeiro rosa-cruz inglês foi Robert Fludd e não Bacon. O fundador também poderia ter sido Agripa, de quem se fala que iniciou uma sociedade secreta dedicada ao estudo da cabala e da alquimia, chamada Os Irmãos da Cruz de Ouro.

De qualquer forma, o início dos rosa-cruzes está envolto em lendas e mistérios. Dizem que naqueles primeiros dias curavam os enfermos, podiam ficar sem comer e beber, atraíam pedras preciosas e jóias, podiam

tornar-se invisíveis. Faziam, porém, algumas exigências a seus participantes: curar sem remuneração, vestir-se conforme os costumes do país em que viviam, participar da reunião anual da Ordem, eleger o sucessor em caso de morte e não divulgar os segredos da Ordem por 100 anos.

Faziam-se conhecidos pelos escritos da época, pois ninguém sabia onde se reuniam e quem eram os rosa-cruzes. Formavam uma sociedade secreta e misteriosa, composta de amigos fiéis, que juravam solenemente inviolável fidelidade e rigorosa castidade. Dedicavam-se à alquimia, à aplicação da cabala e da ciência dos números e ao descobrimento dos segredos mais ocultos. Asseguravam que possuíam muitos livros misteriosos e um tão extraordinário que contém o saber de todos os livros do passado e do futuro. O local das reuniões era denominado Capela do Espírito Santo.

Quando Andrea escreveu aquele romance talvez quisesse ridicularizar a mania pelo oculto, a alquimia e os desvarios da época, mas aconteceu justamente o contrário, pois muitos saíram em busca de tal Fraternidade, como foi o caso de Descartes. Não encontrando a sede, alguns trataram de organizar uma Fraternidade por si mesmos, sociedades secretas nos moldes apontados.

Foi o próprio Andrea quem explorou o simbolismo da rosa-cruz, sugestivo e correspondente às ansiedades da época. A cruz podia simbolizar o sol dos primitivos, os quatro pontos cardeais, a árvore da vida, a força criadora da natureza; era um símbolo positivo e ativo, representando a força masculina. É comparada ao Yang da filosofia oriental. A rosa seria o princípio passivo, o Yin. A rosa simboliza a beleza, a delicadeza e a formosura; representa a mulher e o princípio da fecundidade; a mãe natureza. A rosa que começa a abrir-se é a personalidade que começa a brotar para tornar real a cruz.⁵ A união da cruz e da rosa simboliza o encontro das forças geradoras opostas da natureza; dois pontos contrários se unem para originar uma só verdade.

O símbolo também pode ser associado ao símbolo da alquimia: a pedra filosofal. Os cavaleiros templários o utilizavam. No escudo de armas de Lutero figurava a rosa e a cruz, e Andrea foi um teólogo luterano empolgado!

Para os alquimistas, a cruz simbolizava a luz, e a simbologia pode ser traduzida também por “luz da rosa”, nesse caso, o movimento rosa-cruz pode ser associado à escola árabe de iluminados conhecida como Luz da Rosa. E ainda pode ser associado a um grupo herege extirpado em 1623, que praticava a concentração sob uma união mental sobrenatural ou iluminada.

Robert Fludd (1574-1637) relacionou o símbolo à cruz de Cristo e a rosa tinta pelo sangue com os espinhos do sofrimento.

O significado do símbolo, enfim, também está envolto em mistérios e pode significar tudo que foi exposto acima. Hoje os rosa-cruzes dizem que a cruz simboliza o sofrimento, e a rosa, o amor.

Andrea começou a viajar por diversas cidades e a organizar lojas dos rosa-cruzes, a princípio para divulgar o protestantismo, embora, depois, passassem a aceitar, nas lojas, também os católicos. O papa, por sua vez, instituiu a Ordem da Cruz Azul para a contrapartida católica, em face do crescimento acelerado das sociedades secretas. Na Áustria, o imperador chegou a proibir todas as sociedades secretas, exceto a maçonaria; por isso, muitos rosa-cruzes se tornaram maçons, pois já havia afinidades entre os dois grupos.

Michael Maier era médico alquimista e colaborou com a disseminação do movimento através do jornal *Temis Aurea*, que se tornou o livro das leis da liga secreta.⁶

Goerlitz Jacó Boehme (1575-1624) foi o pensador alemão que deu ao movimento a profundidade de que precisava. A partir de seus escritos surgiram outros, bem como as bases para novas organizações.

Martin Moller escreveu seu *Praxis Evangeliorum*, um dos mais importantes documentos escritos sobre a prática de evangelização dos rosa-cruzes. Em sua obra são referidas muitas ressurreições, ou seja, reencarnações.

Em 1622, a sede do movimento foi instalada em La Haya, de onde se estendeu para a Áustria, Holanda, Itália, Inglaterra. As células-bases iniciais das comunidades alemãs dos rosa-cruzes visavam à renovação do cristianismo pela transformação interna e purificação da vida; queriam também aprofundar-se nos conhecimentos medicinais e cuidar dos doentes gratuitamente; queriam a transformação da sociedade para minorar a miséria das massas.⁷

Em 1646, alguns físicos, matemáticos e médicos da Inglaterra fundaram uma nova Ordem Rosa-Cruz, com tendências ocultistas e finalidades éticas e humanitárias. Em 1777, fundou-se na Alemanha a Ordem Rosa-Cruz de Ouro (também denominada Ordem de Jesus) que logo se tornou muito poderosa. Apresentaram-se como os legítimos rosa-cruzes e superiores à maçonaria. A esta poderosa instituição pertenceram o conde St. Germain, Cagliostro e Wöllner, famoso ministro prussiano de cultos de 1788-1798.⁸

Já no século 18, os propósitos da fraternidade rosa-cruz foram alterados. As reuniões das lojas só se realizavam em aposentos próprios todo-aparmentados, castiçais, cordões vermelhos, recipientes para brasas

e tabela mística com divisões que representavam os graus dos membros da loja. Dentre eles já não se encontrava um que se comparasse à elevação espiritual de um Andrea ou de um Maier.

Os rosa-cruzes, pouco a pouco, na França e na Alemanha, começaram a se deixar influenciar pelas ciências ocultas, por causa da adesão de diversos espíritas ao movimento.

Na Inglaterra, somente em 1836 é que surgiu uma sociedade rosa-cruz estabelecida em moldes bem sólidos. Os sócios se reuniam quatro vezes por ano e uma vez para um jantar em comum.

As comunidades rosa-cruzes abrigavam em seu interior pessoas de todos os tipos e camadas sociais, desde o torrador de café até o príncipe. A maior parte era de homens, embora algumas mulheres também participassem e dessem contribuições valiosas ao movimento.

O certo é que, desde a Idade Média, nenhum outro século, como o 18, viu tantos fanáticos e intrujões, sectários e sociedades secretas.⁹

No livro de Waite, *A História Verdídica dos Rosa-Cruzes*, é descrito o selo dos rosa-cruzes: um homem de pé, cercado de toda sorte de sinais cabalísticos e revestido de um triângulo, que está circunscrito num quadrado e finalmente num círculo.

Aproximadamente em 1910 foi fundada a Associação Rosa-Cruz pelo dinamarquês Max Heindel, homem de expressão no meio rosa-cruz. Segundo diziam, Heindel possuía o dom da vidência. Em 1911, comprou uma grande extensão de terra em Oceanside, Los Angeles, onde construiu um templo, que ficou pronto em 1920. Ali se realizam curas, pois a associação abrange terapeutas espirituais. O local chama-se Mount Ecclesia e será mencionado mais adiante.¹⁰

Entre as organizações rosa-cruzes, a que mais influenciou na América Latina foi a Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis (AMORC), fundada em 1915, com sede em San José, Califórnia, EUA. Trata-se de uma organização internacional que instrui os membros em doutrinas esotéricas por correspondência.¹¹

Uma outra ordem é a Fraternitas Rosae Crucis, com sede em Quakertown, Pensilvânia, EUA; foi dirigida desde 1902 por R. Swinburne Clymer, que esteve presente na organização da Ordem da América do Sul, em Santiago do Chile (1941).

Em 1939, foi organizada nos Estados Unidos a Federação Universal de Ordens, Fraternidades e Sociedades de Iniciados, unindo num só grupo as irmandades genuínas, legalmente constituídas e legitimamente existentes nos Estados Unidos, França, Bélgica, Suíça, Holanda, Inglaterra, Polônia, México e Madagascar, sob a direção do Supremo Grão-Mestre, R. Swinburne Clymer.

No Manual Rosa-cruz, página 27, está que a Ordem é “principalmente um movimento humanitário, com a finalidade de conseguir maior saúde, felicidade e paz na vida terrena de todo gênero humano”. E ainda: “Note-se particularmente que dizemos na vida terrena de todos os homens porque nada temos a fazer com doutrinas consagradas aos interesses de indivíduos que vivam nalguma condição futura e desconhecida. O trabalho do rosa-cruz é para ser feito aqui e agora (...).”

Outra finalidade é “capacitar a todos, homens e mulheres, a levar vidas puras, normais e naturais, segundo os propósitos da natureza; e desfrutar de todos os privilégios, dons e benefícios que esta tem reservado para o gênero humano; e libertá-los das cadeias da superstição, das limitações, da ignorância e dos sofrimentos do carma evitável”.

Almejam assim alcançar, através do estudo, um estado de harmonia, felicidade e equilíbrio consigo mesmo e com o Universo, o que em última análise vem a ser a comunhão com todas as coisas e pessoas que existem.

A organização disciplinar da AMORC é semelhante à maçonaria, em suas palavras de passe, toques, sinais e saudações, diferentes em cada grau, nas cerimônias secretas para iniciação; no juramento de nada revelar; no rigor da fiscalização dos que querem entrar na loja; nos termos utilizados, como: loja, grande loja, mestre, grão-mestre, supremo conselho etc.¹²

No Brasil, a AMORC instalou sua Grande Loja do Brasil no Rio de Janeiro, em 1955. A sede central fica atualmente em Curitiba, PR, com prédios em estilo egípcio, onde se realizam convenções a cada dois anos. Faz sua propaganda nas principais publicações periódicas. Através do livrete *O Domínio da Vida*, propagam os ideais e a antiguidade da Ordem, enfatizando não ser uma seita religiosa; dizem que querem trazer à luz as grandes verdades do passado, combater a superstição, a ignorância e o medo; oferecem cursos gratuitos e aceitam donativos; pedem sigilo do leitor e prometem inúmeras coisas boas.

Existem dois tipos de membros da AMORC: os membros das lojas regionais, que assistem às reuniões e recebem os seus ensinamentos, e os membros correspondentes, chamados membros do Sanctum da Grande Loja. Estes recebem o material escrito que, por declaração assinada pelo próprio membro, são estritamente confidenciais.

Os membros correspondentes, em suas casas, diante de um espelho e duas velas sobre uma mesa, repetem diversas frases, inclusive aludindo ao símbolo rosa-cruz, cerimônia essa que lhes dá o direito de serem participantes da Ordem. Recebem outros materiais escritos para galgarem outros dois graus preliminares (em um ano). Caso não queiram continuar como sócios, devem devolver todo material à Ordem. Alcançando

o terceiro grau, devem filiar-se a alguma loja da vizinhança, onde serão instruídos para mais doze graus, chamados do Templo, ou podem optar em continuar recebendo ensinamentos e monografias por correspondência. As doutrinas recebidas versam sobre cosmologia, psicologia, mentalismo, biologia, história, curandeirismo, espécie de teosofia, reencarnação, relação do homem com Deus. As instruções dos três últimos graus são de elevada mística, somente transmitidas psiquicamente e a pouquíssimos, chamados de Illuminati, e que vão constituir a “organização superior da ordem”, sob a direção daquele que chamam de Imperador e dos Mestres Cósmicos.¹³

Existem outras Ordens: A Fraternidade Rosa-Cruz, organizada nos Estados Unidos por Max Heindel, teósofo alemão, da qual existem três organizações independentes no Brasil; ainda existe a Fraternitas Rosae Crucis, já mencionada, e que foi introduzida no Brasil em 1942, com sede no Rio e filiais em São Paulo, Santos Dumont (MG), Resende (RJ) e Niterói (RJ). Ainda no Brasil existe a Fraternitas Rosicruciana Antiqua (FRA), fundada em 1933, no Rio de Janeiro, também denominada Igreja Gnóstica, com filiais em Minas e Mato Grosso.

Há aproximadamente 40 entidades no Brasil, entre as quais não há homogeneidade quanto às convicções e ênfases dadas.¹⁴

II — FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS

1. Rosa-cruz e Rosa-crucianos — Dizem que os rosa-cruzes formam “uma comunidade espiritual e mágica integrada simultaneamente por encarnados e desencarnados, com o mesmo objetivo humanitário e científico”.¹⁵ De fato, pretendem que rosa-cruz é um estado que se atinge depois de uma série de estudos e provas; os verdadeiros rosa-cruzes formam uma comunidade de luz e nunca se constituíram em sociedade ou ordem; passam despercebidos pela multidão e sua atividade se resume em semear, consolar e curar.¹⁶ Os rosa-crucianos, por sua vez, são discípulos daqueles e podem viver isolados ou se agrupar em ordens e sociedades secretas.

O Manual Rosa-cruz (8.^a ed., 1983) traz um código com 29 normas, bem como informações sobre os ideais, os princípios e a doutrina rosa-cruz.

2. Alma Humana — Não aceitam uma alma para cada pessoa, mas uma Alma universal: vital consciência de Deus. Essa Alma está presente no interior de cada ser e não deixa de fazer parte integrante da alma universal, assim como uma série de lâmpadas não são porções isoladas, mas ligam-se à corrente elétrica. A alma é Deus no homem, o que torna a humanidade parte integrante de Deus.

Ensinam que Deus é inteiramente uma experiência subjetiva e, portanto, uma interpretação pessoal. A mente divina ou cósmica é a consciência de todos os seres vivos na terra; entretanto, a Mente Suprema não é um conjunto de inteligências individuais, pois a soma é insuficiente para igualar a Mente Universal. Ela está presente em todas as células do nosso ser. Na consciência cósmica projetam-se as consciências psíquicas de todos os mestres, e todos os adeptos podem harmonizar-se com ela.

3. **Panteísmo** — Aceitando a identificação substancial de Deus com a natureza humana, e não aceitando um Deus pessoal mas uma força suprema, coloca-se mais para um panteísmo do que para um deísmo.

4. **Reencarnação** — Os princípios doutrinários dos rosa-cruzes acerca da reencarnação e da lei do carma são semelhantes aos dos teósofos, embora se esforcem para lhes darem um sentido mais cristão. Para eles, a alma do homem é imortal e inseparável da essência cósmica ou divina. Com a morte, a alma passa ao plano cósmico até encarnar num outro corpo físico, onde viverá novas experiências mundanas, que são acrescentadas à sua memória, formando um grande acervo de conhecimento e sabedoria. No plano cósmico, a personalidade permanece cônica de si mesma e, vida após vida, evolui, à medida que se torna mais consciente da inteligência cósmica em seu interior. O processo se encerra quando a personalidade se une com a Consciência Cósmica. A reencarnação se dá a cada 144 anos.

5. **Salvação Pelo Conhecimento** — Existe um só pecado: a ignorância, e uma só salvação: o conhecimento aplicado.¹⁷ A Terra é comparada a uma escola; os que forem aplicados em aprender progredirão mais depressa. Uma pessoa somente poderá cumprir sua missão neste mundo se estiver previamente preparada para ela; esse preparo lhe vem da outra vida.

Para os rosa-cruzes, a teoria da hereditariedade só se aplica aos caracteres físicos; entretanto, mostram-se incoerentes quando afirmam que os filhos dos criminosos podem ter herdado tendências para o crime.¹⁸

6. **Mundos Visíveis e Invisíveis** — O mundo físico visível é composto de sólidos, líquidos e gases; nenhuma forma tem sentimento no verdadeiro sentido da palavra: essa é a região química do mundo visível. A região etérica é formada pelo éter; é percebida pela investigação do ocultista, que descobre as coisas além da matéria. A faculdade de ver o éter não é comum a todas as pessoas; outras pessoas desenvolvem a visão espiritual, mas não possuem a visão etérica. A visão espiritual pode ser desenvolvida; a pessoa torna-se vidente. Os rosa-cruzes acham que os

anjos pertencem à região etérica e por isso podem ser percebidos por algumas pessoas.

Outro grau de mundo é o mundo do desejo: é a morada da maioria dos que morreram e permaneceram durante algum tempo entre os amigos que vivem, movendo-se pelos lugares habituais, mas invisíveis. É a maneira que os rosa-cruzes encontraram para justificar suas visões. No mundo do desejo há regiões inferiores e regiões mais elevadas; nessas, a linguagem é uma só. Em grau mais elevado está o mundo do pensamento, dividido em região do pensamento concreto e região do pensamento abstrato; esse é o mundo das idéias e aquele é o mundo dos pensamentos.¹⁹

Tal qual o mundo, o homem também é constituído de corpo vital, corpo dos desejos e mente.

Existem dois tipos de pessoas no mundo: as sensíveis e as não-sensíveis. Naturalmente, os rosa-cruzes que mais se desenvolvem através dos estudos, mais aperfeiçoam seus sentidos e se tornam sensíveis.

7. Purgatório — Aceitam um purgatório como meio de purificar a pessoa, livrando-a de sua paixões terrestres. Oferecem os ensinamentos dos mistérios rosa-cruzes como método científico pelo qual um aspirante à vida superior pode purificar-se a si mesmo, continuamente, para se livrar do purgatório. Depois do purgatório, admitem um primeiro, um segundo e um terceiro céus, relacionados ao mundo do desejo, ao mundo do pensamento concreto e ao mundo do pensamento abstrato.²⁰

8. Hierarquia Espiritual — Os estudantes, aspirantes a serem participantes da Ordem, primeiramente aprofundam-se nos ensinamentos de Heindel durante dois anos (na Ordem que foi fundada por ele); depois, tornam-se candidatos e se dirigem ao Mount Ecclesia, já mencionado, onde ficam em convivência com os irmãos no templo; por fim, alguns candidatos são admitidos como discípulos que recebem os verdadeiros rosa-cruzes (idéia de possessão). Para eles, cada ser humano possui o germe da perfeição em seu corpo, em sua alma e em seu espírito. O rosa-cruz faz germinar essa potencialidade, tornando-se sábio e santo ao mesmo tempo.²¹

Os membros correspondentes da AMORC, bem como os que assistem às reuniões de alguma Ordem, passam também por diversos graus de aperfeiçoamento intelectual, com a finalidade de se tornarem Illuminati.

9. Pseudo-religião — Se no início do aparecimento das lojas seu objetivo foi divulgar o protestantismo, fazer o bem, transformar a sociedade, hoje em dia tais ideais desapareceram. Não falam mal de nenhuma religião e admitem adeptos de todas elas. Cada um deve possuir sua religião desde que lhe traga benefícios. Entretanto, em suas lojas possuem

lugares santos, cerimônias, pessoas consagradas ao culto. O Mui Venerável Soberano Grão-Mestre é quem dirige as cerimônias; a Madre, mãe dos filhos de cada loja, ouve os problemas das pessoas, que depois são ajudadas, material ou espiritualmente; diante da mãe há uma autêntica confissão ou um desabafo psicológico; as vestais são moças de 13 a 18 anos que prestam serviços até 21 anos, sem se casarem: cuidam da luz azul e do incenso e precedem aos demais nas cerimônias. Os rosa-cruzes praticam uma espécie de batismo, para dar nome à criança e obter a promessa dos pais de que será encaminhada à Ordem na idade própria.²²

Utilizam-se da Bíblia, como o livro que regula a vida, como o fim verdadeiro de todo estudo e como o compêndio do mundo universal; sua interpretação pode ser aplicada a todas as idades e é o livro mais admirável e belo. Como fazem os espíritas, citam a Bíblia para defender sua doutrina da encarnação. Consideram bendito quem possui a Bíblia e a lê, e mais bendito aquele que verdadeiramente a compreende. Entretanto, sua Bíblia é interpretada à luz da cabala e de outros escritos de outras religiões.²³

Jesus é considerado um grande mestre, um dos avatares (mestres místicos ou filhos de Deus) — que merece toda consideração e respeito, assim como líderes de outras religiões.

Os rosa-cruzes se apresentam como uma comunidade mais filosófica do que religiosa, de caráter eclético, reunindo diversos tipos de conhecimentos.

Pode um cristão ser rosa-cruz?

Se os rosa-cruzes se contentassem em ter apenas o conhecimento para o desenvolvimento social, intelectual e moral de seus membros, os cristãos não teriam objeções a eles. É quando entram no campo da religião que há algo para dizer sobre seus erros. Assemelham-se aos gnósticos dos primeiros séculos do cristianismo, baseando a salvação do homem em seu conhecimento. Não falam no novo nascimento como crêem os cristãos. Indicam o esforço próprio como meio para se obter a salvação, mas o cristão diz ao Senhor: “A tua graça me basta, porque o teu poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12.9) e sabe que “Deus resiste aos soberbos mas dá graça aos humildes” (Tg 4.6).

Para os rosa-cruzes, o pecado pode ser vencido pelo conhecimento. Para os cristãos, o único que pode vencer o pecado em nós é Jesus Cristo e o Espírito Santo, através da redenção em seu sangue e através da iluminação, pela oração e leitura da Palavra de Deus.

Os rosa-cruzes não crêem num Deus pessoal mas admitem o panteísmo, doutrina completamente adversa ao cristianismo. Admitem a

reencarnação e a lei do carma, que não coadunam com as doutrinas cristãs sobre o juízo de Deus, o livre-arbítrio do homem, o céu e o inferno.

O verdadeiro cristão não será rosa-cruz.

NOTAS

- 1 YÁÑEZ, Antonio. Artigo: "La fraternidad Rosa-Cruz", em HERNANDO, Julián García. *Pluralismo religioso en España*, vol. II, 1983, p. 433.
- 2 Idem, p. 438.
- 3 McCONNELL, C. *Bahaísmo, teosofia, rosa-crucianismo*, 1967, p. 22.
- 4 SCHREIBER, Hermann e Georg. *História e mistério das sociedades secretas*, 1967, p. 207.
- 5 YÁÑEZ, Antonio. *Op. cit.*, p. 433.
- 6 SCHREIBER, Hermann e Georg. *Op. cit.* p. 208.
- 7 Idem, p. 211.
- 8 KLOPPENBURG, B. *O rosa-crucianismo no Brasil*, 1959, p. 9.
- 9 SCHREIBER. *Op. cit.*, p. 220.
- 10 FRÈRE, Jean-Claude. *Vida e mistérios dos rosa-cruzes*. 1984, p. 217.
- 11 HINNELLS, John R., ed. *Dicionário das religiões*, 1984, p. 234.
- 12 KLOPPENBURG, B. *Op. cit.*, p. 18.
- 13 Idem, p. 15,16.
- 14 DROOGERS, André. *Ciências da religião*, vol. II, 1984, p. 120.
- 15 FANTONI, Bruno A. L. *Magia e parapsicologia*, 1977, p. 205.
- 16 *O ocultismo*, 1973, p. 110.
- 17 HEINDEL, Max. *Os mistérios rosa-cruzes*, 1986, p. 16.
- 18 Idem, p. 19.
- 19 Idem, p. 23ss.
- 20 Idem, p. 89ss.
- 21 FRÈRE. *Op. cit.*, p. 155.
- 22 KLOPPENBURG. B. *Op. cit.*, p. 21ss.
- 23 YÁÑEZ, Antonio. *Op. cit.*, p. 445.

3

TEOSOFIA

O termo teosofia é bem antigo, sendo encontrado no latim medieval (880 d.C.) e no grego tardio (500 d.C.). Significa “sabedoria referente a Deus e às coisas divinas”. Reviveu no século 17 para designar certas especulações que buscavam encontrar, a partir do conhecimento de Deus (nos livros sacros e nas tradições místicas), um conhecimento e domínio mais profundo da natureza. Na segunda metade do século 19 recomeça a entrar em evidência.

Theós — Deus; *sophía* — ciência — diz respeito a um sistema de pensamento sincrético que reúne religiões, filosofia e ciência. “A teosofia pode ser definida como a reunião de verdades que formam a base de todas as religiões”.¹ Não se limita a um sincretismo religioso (reunir diversas religiões) mas acrescenta tradições, conclusões racionais, alquimia, teologia, metafísica, medicina, espiritismo e demais ciências ocultas. Deseja substituir todas as religiões pela reflexão mística. Pode-se dizer que é uma filosofia religiosa.

Seu objetivo é unir o ser humano com o divino pela ascensão espiritual até a iluminação.² Visa ao conhecimento da divindade, não pelo entendimento, mas “pela intuição iluminadora provocada pelo sentimento religioso que anela pela união mística com Deus”.³ A iluminação é reservada a poucos e atinge verdades que o raciocínio já não consegue alcançar.

I — ASPECTOS HISTÓRICOS

Em todos os povos tem existido especulação sobre a verdade final da vida, física ou espiritual, estendendo-se à vida após a morte. Enquanto os espíritas têm forçado a porta do saber, os teósofos modernos têm aprendido com aqueles que chamam de grandes mestres de vidas puras e que, para eles, aprenderam os segredos do Universo. Nos primeiros tempos da era cristã, os gnósticos, combatidos pelo apóstolo Paulo, já haviam defendido idéias semelhantes às da teosofia; o gnosticismo era um sincr-

tismo de doutrinas filosóficas e religiosas, fundamentadas num pretensão conhecimento superior e misterioso. A teoria gnóstica dos éons (seres espirituais emanados de Deus, que dele se afastaram até a plena materialização e que depois tornaram ao ponto de partida, restabelecendo a harmonia primitiva) deu origem à idéia da reencarnação, também aceita pelos teósofos.

Nos meados do século passado, a sociedade européia se viu invadida pelos excessos do materialismo, tecnologia, consumo desenfreado, poluição, destruição dos recursos naturais e pelo culto ao deus dinheiro. O intelectualismo, baseado nas descobertas científicas, deixou um vazio espiritual que as igrejas não podiam preencher. Surgiram, então, paralelamente a diversas seitas cristãs reavivalistas, especulações religiosas místicas que influenciaram o pensamento europeu e norte-americano, “assimilando, notadamente através dos movimentos espíritas, esotéricos e ocultistas, fundamentos essenciais que integram as grandes religiões do Oriente”.⁴ Por esse tempo surgiram as sociedades maçônicas, os rosa-cruzes e o espiritualismo de Allan Kardec.

1. Helena Petrovna Hahn de Blavatsky (1831-1891) — Mística russa deu origem ao moderno movimento teosófico e às sociedades secretas. Era filha de nobre família. Aos 17 anos (1848) casou-se com um velho general, Nicephoré Blavatsky, governador da província de Erivan, a quem, depois de alguns meses, ela abandonou, vindo este a falecer. Helena era espírita, de personalidade irrequieta e muito sensível aos problemas espirituais; deixou sua pátria e foi para Londres, onde iniciaria a carreira de líder espiritual. Durante 25 anos empreendeu viagens por diversos países, como: Egito, Grécia, França, Estados Unidos, Índia, México. Afirmou ter estado, em pessoa ou em transe, no Tibete, onde aprendera os segredos de *mahatmas*, mestres do saber humano e divino.

Blavatsky tivera seu primeiro encontro com um hindu no Hyde Park, em Londres (1851) e depois afirmou que entrara em contato com outros, aos quais deu nomes: Kut-Humi, Djwal Khul, Rakoczi, Hilarion, Serapis, Veneziano, e que lhe haviam transmitido conhecimento superior das artes, religiões e filosofias.⁵

Em 1863, Mme. Blavatsky esteve à frente de uma casa de reputação duvidosa, em Tiflis, no Cáucaso russo.⁶ Durante vários anos foi médium espírita, tentando organizar uma sociedade espírita no Cairo em 1871, o que não conseguiu devido às muitas fraudes acontecidas.

Mais tarde Helena Blavatsky diz ter recebido a revelação de que os Estados Unidos eram a nação que conduziria os destinos da humanidade e assim tomou rumo de Nova York, onde se uniu ao coronel Henry Steele Olcott e a William Q. Judge, para organizar um grupo de

estudos semelhante à maçonaria. O grupo dedicou-se aos conhecimentos filosóficos, correntes de pensamento oriental, filosofia, religião comparada. Olcott, atraído pelo mistério de Mme. Blavatsky, começou a freqüentar sessões de espiritismo em sua casa, chegando a fundar o Clube dos Milagres, com o objetivo de investigar todas as manifestações espíritas. Esta organização, porém, teve vida curta.

A 17 de novembro de 1875 foi fundada a Sociedade Teosófica, em Nova York. Seu primeiro presidente foi Olcott. Entre 1877 e 1888, Mme. Blavatsky publicou seus principais livros: *Ísis sem Véu* e *Doutrina Secreta* (editado na Inglaterra), repletos de pensamentos orientais, principalmente budistas. Outros livros de sua autoria: *A Chave da Teosofia* (1889), *A Voz do Silêncio* (1889). Em 1937, Mary K. Neff publicou seu livro de memórias: *Memórias Pessoais de H. P. Blavatsky*.

Em fevereiro de 1879, Blavatsky e Olcott transferiram a sede principal da Sociedade Teosófica para Adyar, perto de Madras, na Índia. Enquanto Olcott seguia para o Ceilão, começou em Madras a publicação do periódico "O Teosofista" (1879-1888). Na Sociedade Teosófica da Índia, religião e ciência associavam-se. Verificavam-se fenômenos maravilhosos, semelhantes ao espiritismo, como: mensagens, luzes no ar, descidas de flores, cartas... tudo obtido, segundo diziam, pela intervenção de espíritos evocados por alguns mestres tibetanos chamados *mahatmas*. Olcott começou a exercer publicamente suas faculdades de curandeiro, depois de ter sido iniciado por um mestre hindu muito hábil.⁷ Obteve êxito e a Sociedade Teosófica ficou famosa em 1883-1884. Nesta época, Olcott operou a cura milagrosa do marajá de Cachemira, cuja doença era enxaqueca.

Em 1888, quando Mme. Blavatsky voltou à Inglaterra, conseguiu grande sucesso nos círculos intelectuais. Aí formou uma seção esotérica dentro da Sociedade Teosófica, enfatizando estudos sobre o ocultismo, que, segundo ela, ensinam a força e a influência secretas da natureza e desenvolvem poderes ocultos latentes nos seres humanos. Propagaram-se, então, os princípios fundamentais da Teosofia, na Inglaterra e na Irlanda. Blavatsky faleceu na Inglaterra aos 60 anos de idade.

Segundo Murillo Nunes de Azevedo, estudioso brasileiro de Helena Blavatsky, ela teve a coragem de quebrar alguns tabus de sua época para levar até o fim seus propósitos: emancipou-se do papel tradicional da mulher, como instrumento de trabalho e do prazer; viajou pelo mundo em tempos difíceis; ocasionou grandes escândalos no campo das idéias; revelou ao mundo o conhecimento tradicional da Índia; contestou pensamentos filosóficos e científicos; levantou suspeitas de ser espiã russa; foi uma revolucionária.⁸

Olcott, por sua vez, levou sua missão até o final. Quando morreu a 17 de fevereiro de 1907, seu corpo foi cremado no parque de Adyar.

2. **Annie Vood Besant** (1847-1933) — Irlandesa, filha de um clérigo inglês, jornalista, adepta do pensamento livre, foi a maior sucessora de Helena. Abandonou o marido, também pastor, em 1873. Depois de entrar para o movimento teosófico (1890), escreveu muito e fez conferências em diversos lugares.

Annie assumiu a liderança da Sociedade norte-americana, em 1891, sendo substituída no outro ano por Judge, que se separou da Sociedade inglesa. Morrendo Judge em 1896, houve uma cisão do movimento norte-americano, indo uma parte dos seguidores para a liderança de Besant.

Se, devido às superstições, a teosofia ficara um tanto quanto desacreditada, recebeu nova vida graças a Annie Besant, que soube valorizar o caráter ético da sociedade e acentuou seus elementos cristãos e panteístas. Besant, contudo, sentiu-se prejudicada pelo prestígio intelectual do teósofo Rodolfo Steiner (1861-1925).

Steiner desenvolveu qualidades de percepção extra-sensorial e ingressou na teosofia em 1902, da qual se afastou em 1912, para organizar a antroposofia, um novo ramo da teosofia, que “defende a existência de um mundo espiritual compreensível ao pensamento puro, mas acessível apenas às faculdades superiores do conhecimento latentes em todo homem”⁹

Annie Besant transferiu-se para Adyar em 1899, onde fundou o Colégio Central Híndu, ligado ao movimento nacionalista do país. Nessa época adotou um dos filhos de numerosa família de brâmanes pobres, de nome Krishnamurti, em quem descobriu potencialidades para ser o novo Messias. Em 1910, foi criada a Ordem da Estrela do Oriente, para receber o novo avatar (encarnação divina). Krishnamurti, educado na Inglaterra, França e Estados Unidos, assumiu ainda na adolescência a direção desse movimento, mas em 1928 renunciou até mesmo ao papel quase divino que lhe atribuíram. Abandonou a Ordem e confessou que tudo era invenção e fraude.

Besant possuía grande capacidade de trabalho. De 1895 a 1907 publicou mais de 60 títulos.¹⁰ Ela acreditava que, pela educação popular, as idéias da Sociedade Teosófica triunfariam. Instituiu, assim, o Theosophical Educational Trust, que abriu numerosos estabelecimentos escolares para os indianos, dentre os quais o colégio de Adyar, de grande reputação. Criou a Universidade de Benares, a Liga dos Filhos da Índia, da qual foi presidenta. Doutrinou Mahatma Gandhi. Transformou Adyar por completo. Morreu a 20 de setembro de 1933. Seu corpo também foi incinerado.

George Arundale foi sucessor de Annie Besant na presidência da Sociedade Teosófica Mundial.

Entre os demais dirigentes, Carlos W. Leadbeater chegou a ser o bispo da Austrália, em 1916, da chamada Igreja Católica Liberal, que combinava sacramentos com elementos ocultos da teosofia e que se tornou uma seita de teosofia. Leadbeater havia sido colaborador de Besant na Índia. As opiniões de Leadbeater se acham em diversas obras e artigos; o essencial está no livro *Un apunte de la Teosofia* (em castelhano), que marca a etapa moderna da doutrina. Tirou de Augusto Comte suas idéias sobre Deus, divulgadas pela teosofia: “Deus está em nós e fora de nós; o homem é de essência divina; de nossa essência divina vem nossa segurança de que, cedo ou tarde, chegaremos ao nível da divindade”.

A teosofia ramificou-se por diversas cidades dos cinco continentes. São múltiplas as sociedades teosóficas, que se encontram principalmente na Índia, Estados Unidos, Inglaterra, Irlanda, Alemanha e França.

“Os seus adeptos são recrutados, principalmente, em ambientes de ignorância religiosa, aliciados pelo rótulo de síntese de todas as religiões, seduzidos pelo esoterismo oriental e pelo ideal humanitarista da fraternidade”.¹¹

A teosofia tem atingido mais as pessoas da classe média, por não terem a pretensão de alcançar o padrão das classes mais altas e por não sofrerem as condições precárias da classe proletária. Essas pessoas encontram a consolação da promessa de um conhecimento superior que explica a situação presente e visualiza um futuro harmonioso e perfeito.

No início do século 20, a teosofia sofreu uma crise interna, com três correntes principais: o movimento Back to Blavatsky; a neoteosofia e a nova teosofia.¹²

No Brasil, os teósofos estão divididos em dois grupos: a Sociedade Teosófica do Brasil, fundada em 1919 pelo general Raimundo Pinto Seidl e filiada à Sociedade Teosófica Mundial, com sede em Adyar, Índia; e a Sociedade Teosófica Brasileira de Eubiose, fundada em 1921, por Henrique José de Sousa, com sede em São Lourenço, MG. Esta é autônoma e independente do movimento internacional.

II — FUNDAMENTOS DOUTRINÁRIOS

Dependem das maneiras de a Teosofia interpretar Deus, o Universo e o homem. Helena Blavatsky apontou os seguintes objetivos da Sociedade Teosófica.¹³

1) Formar um núcleo da fraternidade universal da humanidade, sem distinção de raça, cor, sexo ou credo.

2) Fomentar o estudo das Escrituras, das religiões e das ciências, e reivindicar a importância da literatura asiática, e principalmente das filosofias brâmane, budista e zoroastriana.

3) Investigar os mistérios ocultos da natureza sob todos os aspectos possíveis, e poderes psíquicos e espirituais latentes no homem.

Não se considerando religião, nem ciência, nem filosofia, a teosofia pretende ser a doutrina universal e a síntese definitiva da sabedoria humana. Todas as religiões, para ela, são importantes; cada seguidor de uma religião deve permanecer nela e interpretar os significados de seus credos e cerimoniais.

Destacamos algumas das principais teses da Teosofia¹⁴ (*Pergunte e Responderemos*, 1959/17, p. 180).

1. A Atitude Fundamental do Pensamento Teosófico — As fundadoras da teosofia teriam explorado o patrimônio universal de todas as religiões, que remonta aos tempos da Atlântida (9000 a.C.), cujos destroços teriam sido guardados nos arquivos secretos do Egito, Tibete e China. Na teosofia a pessoa pode encontrar a verdade plena.

2. Deus para os Teósofos — Não é um Deus pessoal, distinto do mundo, mas é uma substância neutra que se identifica com tudo. Identificam a divindade com a natureza, eterna e incriada “que estaria em todas as partes e em cada ato visível ou invisível do Universo”. É um deus panteísta: Deus é tudo e tudo é Deus. Mme. Blavatsky afirmou:¹⁵

Cremos em um Princípio universal, do qual tudo procede e no qual tudo será reabsorvido no fim do grande ciclo do Ser (...) Nossa Divindade é (*It is*, no gênero neutro) o misterioso poder de evolução e involução, a onipresente, onipotente e mesmo onisciente Potencialidade criadora.

A idéia que o ser humano pode ter de Deus refletiria apenas a luz do espírito humano. Na literatura teosofista percebe-se claramente que Deus não é separado da matéria, dos homens e das outras criaturas. Todo ser humano é parte do divino.

3. O Universo e o Homem — Se não existem separados de Deus, não há uma doutrina da criação do Universo. O Universo só existe à medida que o percebo. Chamam de “ciclo da vida” ao mecanismo do surgimento do Universo procedendo da eterna “Essência desconhecida”; e chamam de “noite universal” quando o Universo desaparece de seu plano objetivo.¹⁶

O mundo e o homem são apenas aspectos fugazes da divindade em evolução.

Para os teósofos, todos os homens possuem a mesma natureza espiritual, constituindo uma “centelha do fogo divino”. Todos possuem a mesma essência infinita, eterna e evolutiva, e assim, o que afeta

um indivíduo ou uma nação refletir-se-á entre todos os homens e sociedades.

Cada alma humana, chamada mônada, é fundamentalmente divina, é uma emanção do Absoluto. Inconscientes, as almas somente se tornam conscientes quando entram nos corpos das pessoas e se individualizam, isto é, tornam-se um *eu* distinto do tu e do ele: distinguem-se das outras almas. Cada pessoa deve aprofundar o seu eu, e nesse processo passa por sucessivas encarnações, que servem para purificar a alma.

Acreditam num processo evolutivo apenas dentro do mesmo gênero e não uma evolução de uma espécie a outra. Dizem que os indivíduos comuns não utilizam a parte superior de sua mente, o que ocorre no ocultista iniciado, que a utiliza para emitir pensamentos bons, puros e fortes. Para os teósofos, cada pessoa tem a capacidade de controlar seu próprio pensamento e determinar a orientação a seguir.

As reencarnações seguem a lei do carma: a conduta do homem neste mundo é correspondente à sua vida futura, numa cadeia de causa e efeito. Cada ato é efeito que se torna causa e, infalivelmente, produz outro efeito. Cada homem, por isso, é seu próprio juiz, dando-se as recompensas e castigos merecidos. Através da lei cármica, encontram a justificativa para todos os acontecimentos, mesmo diante do sofrimento. A lei cármica também é aplicada a famílias e sociedades. O grau de prosperidade de um povo pode ser avaliado pelo carma coletivo.

4. Vida Após Morte — Os homens são essencialmente espíritos, mesmo antes da morte física. Cada espírito se acha abrigado num corpo e, exercitado, pode relacionar-se com outros mundos. Admitem que o espírito pode abandonar o corpo temporariamente, em estado de sono ou vigília (espiritismo). Pelas observações extrafísicas a pessoa se enriquece e a inteligência se torna mais poderosa e ativa, segundo dizem.

No final do processo de aperfeiçoamento neste mundo, a alma chega à natureza divina, a ser igual a Deus — é o Nirvana. Essa expressão significa que a alma deixou de ser alguma coisa e se tornou tudo; adquire a consciência perfeita de sua divindade e perde a ilusão do eu e do tu.

O inferno para os teósofos significa uma situação transitória dos espíritos pouco evoluídos. A felicidade no Devacan (terra dos deuses) depende da capacidade de cada um em usufruí-la. Para eles, o “amor na terra é um fracasso, no céu é um triunfo”.

5. Moral — É sóbria; a teosofia conduz as pessoas a praticarem o bem e o altruísmo, como fizeram os grandes mestres Buda e Jesus. O homem é o seu próprio legislador, formula suas normas de conduta, sem ouvir uma autoridade que lhe fale em nome de Deus. Fazem restrições alimentares, recomendando dietas vegetarianas e a abstenção do fumo

e da bebida, com o objetivo de cultivar o autodomínio que pode levar ao desenvolvimento espiritual.

Na sociedade teosófica distinguem-se aqueles que alcançaram alto padrão de conhecimento doutrinário e estágio superior de iluminação.

6. Raça Dourada — A partir de um pronunciamento profético, acreditam os teósofos filiados à Sociedade Brasileira de Eubiose que em 1924 findou o ciclo espiritual do Oriente, que se transferiu para o Ocidente, principalmente para a América do Sul e Brasil, país que apresenta condições ideais para realizá-lo, pelos traços culturais, psicológicos e genéticos de sua população. Acreditam que se pode formar aqui a prometida “raça dourada”.¹⁷ A raça branca, segundo observam, já assimilou muitas experiências culturais da humanidade; o índio é o remanescente direto da população de Atlântida e possui elementos culturais dos fenícios e hebreus (estabelecidos no Brasil há muito tempo). O negro possui traços de personalidade, como a resignação, bondade, paciência, contribuindo para as artes e a religião. A miscigenação destes três grupos e seu prolongado contato, pensam os teósofos brasileiros, podem acelerar o processo evolutivo para o surgimento da “sétima raça dourada na América do Sul”.

7. Os Mestres — São os homens tornados perfeitos, tais como: Krishna, Hermes, Zoroastro, Orfeu, Buda, Cristo. As pessoas devem mirar-se neles e imitá-los para se tornarem tais quais eles são. São os *mahatmas*, que já alcançaram a perfeita união com o divino. Mme. Blavatsky recebeu seus conhecimentos desses mestres, e os colocou em seu livros. Uma pessoa pode se tornar um *mahatma*, mas tem que pagar o preço, começando pelo estudo da literatura teosófica, que pode orientar em tudo. Deve também fazer boas obras, ter uma vida de pureza, ajudar as pessoas, abandonar os maus caminhos, ser úteis em qualquer lugar, enfim, viver com nobreza, generosidade e pureza.¹⁸ Há teósofos, entretanto, que não crêem nos mestres e na comunicação de seu conhecimento aos homens.

8. Verdade — Helena Blavatsky e Annie Besant ensinaram que não existe a verdade absoluta. Ela se encontra fragmentada e distribuída através de todos os credos e filosofias. A teosofia não possui dogmas, que são opiniões fundamentadas na autoridade, mas constrói seu sistema em postulados e corolários. “A liberdade de pensamento é vital para o futuro da Sociedade Teosófica.”

Assim, podemos resumir os fundamentos doutrinários da teosofia na iluminação interior, na unidade essencial entre o espírito e o divino e na correspondência do macrocosmos com o microcosmos.

É uma filosofia que possui um pouco de cada religião, mas ao mesmo tempo afasta as pessoas de suas religiões, através dos ideais que

vai incutindo em suas mentes. Não é cristã, como não o são as demais ideologias e atitudes filosóficas tratadas neste livro.

Entre o cristianismo e a teosofia não existem pontos em comum. Jesus é considerado simplesmente como um dos grandes *mahatmas*, assim como Buda, Zoroastro e Orfeu.

Pode um cristão ser teósofo? Pode, se aceitar chamar de irmãos a todos que fazem parte da sociedade teosófica: muçulmanos, budistas, brâmanes, espíritas e materialistas. Pode, se negar, junto com os demais teósofos, a personalidade de Deus, a misericórdia divina, a possibilidade de perdão, o poder redentor da morte do Senhor Jesus Cristo, a supremacia da Bíblia, a realidade do céu e do inferno. Pode, se aceitar a lei do carma e a doutrina das reencarnações. Pode, se aceitar que ele próprio, e não Deus, é seu próprio legislador e que alcança a perfeição por seus próprios esforços. Pode, se aceitar que a teosofia é de fato a essência de todas as religiões. Entretanto, o verdadeiro cristão concorda com as comprovações já feitas de que os ditos dos *mahatmas* iluminados e o testemunho dos videntes são falsos e nulos. A Etnologia e a História das Religiões, em suas conclusões mais recentes, ensinam que o patrimônio primitivo do gênero humano não é o panteísmo com o seu reencarnacionismo, mas, antes, o monoteísmo, ou seja, a crença num Deus que é Pai bondoso e tutor da moralidade. O verdadeiro cristão crê em seu amado Pai celestial que lhe concedeu um Redentor Jesus Cristo e um Ajudador constante na pessoa do Espírito Santo.

NOTAS

- 1 *Mirador Internacional*, vol. 19, p. 10847.
- 2 SCHLESINGER, Hugo, e PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*, 1982, p. 265.
- 3 *Enciclopédia Verbo*, vol. 17, p. 1368.
- 4 *As grandes religiões*, vol. 5, p. 1059.
- 5 PELLEGRINI, Luis. *Madame Blavatsky*, 1986, p. 13.
- 6 McCONNELL, C. *Baháismo, teosofia, rosa-crucianismo*, 1967, p. 16.
- 7 LANTIER, Jacques. *La teosofia*, 1978, p. 60.
- 8 PELLEGRINI, Luis, *Op. cit.*, p. 3.
- 9 *Mirador Internacional*, p. 10847.
- 10 LANTIER. *Op. cit.*, p. 74.
- 11 *Enciclopédia Verbo*, p. 1370.
- 12 LANTIER. *Op. cit.*, p. 147.
- 13 BLAVATSKY, H. P. *La clave de la teosofia*, 1963, p. 39.
- 14 *Pergunte e responderemos*, 1959/17, p. 180.
- 15 BLAVATSKY, H. P. *Op. cit.*, p. 44.
- 16 *As grandes religiões*, p. 1064.
- 17 *Idem*, p. 1072.
- 18 BESANT, Annie. *Los maestros — El futuro de la Sociedad Teosofica*. 1972, p. 17-22.

4

KRISHNAMURTI

Cabeleira branca, olhar suave e profundo, Krishnamurti criava logo uma atmosfera de autoridade sem intimidade. Em 1975, com 80 anos de idade, todas as manhãs fazia conferências em Saanen, Suíça.

Jiddu Krishnamurti foi um pensador místico hindu. Nasceu no dia 25 de maio de 1895, em Madranapalle, perto de Madras, ou Madrasta, Índia. Recebeu o nome de Krishnamurti por ser o oitavo filho da família que, conforme as tradições dos brâmanes da Índia Meridional, devia ser consagrado a famoso guia espiritual. Foi dedicado a Shri Krishna, que é crido na Índia como uma das encarnações da divindade. Um horóscopo proferido sobre o recém-nascido, por um velho astrólogo da região, prenunciava que ele se manifestaria como a encarnação do próprio Deus do amor!

Quando estava com apenas cinco anos, ficou órfão de mãe. O pai não pôde tomar conta, por muito tempo, dele e de mais oito filhos, porque logo depois da morte da esposa se desligou do sistema administrativo inglês (onde ocupava alto posto).

Raquitico e desabrigado, passou Krishnamurti, junto com o irmão mais novo, a perambular pelas estradas e praias de Bengala, onde sofreu muita miséria. Foi então que Van Manen, da Sociedade Teosófica (cuja sede fora transferida para Adyar, Madras), encontrou o menino e o levou para Annie Besant, presidenta, e para o secretário Leadbeater. Besant o adotou como pupilo, porque percebeu que possuía ricos dotes espirituais e resolveu prepará-lo, segundo os princípios da teosofia, para ser um grande mestre da humanidade. Descobriu nele potencialidades que o levariam a desempenhar o papel de um novo "instrutor do mundo".

Para educar Krishnamurti, Annie Besant o enviou para a França e Inglaterra, países onde era melhor para se estudar na época. Ele aproveitou bem o tempo e, com 14 anos, escreveu o primeiro de seus livros: *Aos pés do Mestre*, no qual apontou as qualidades essenciais para quem deseja percorrer o caminho da perfeição: amor, autodomínio, compreensão e tolerância.

Besant e Leadbeater redigiram uma obra onde se referiam às trinta últimas encarnações do novo Messias. O jovem Krishnamurti costumava aparecer com vestes que lembravam o tipo tradicional de Cristo. Em vista das predições correntes, os teosofistas organizaram, em 1911, a Ordem da Estrela do Oriente, destinada a preparar o jovem para que exercesse sua missão futura. Krishnamurti foi considerado irmão superior da Ordem. A organização era de âmbito mundial e queria transformar o jovem no novo avatar (encarnação divina).

Krishnamurti, entretanto, começou a se desviar do misticismo teosófico: desejava que a Estrela do Oriente procurasse resolver os problemas sociais, que adotasse um critério universalista e que, em lugar de aplicar a filosofia tradicional, combatente, assumisse atitude fraternal, de cooperação, na qual se basearia o mundo novo que ele anunciava.¹

Ao mesmo tempo, o pai do futuro mestre, sendo bramanista ortodoxo, protestou contra a educação que Annie Besant dava ao jovem. Moveu uma ação judicial e o tribunal de Madras lhe deu ganho de causa, para ficar com o filho. Este, no entanto, estava na Europa, fora do alcance do tribunal de Madras. Besant apelou para o Conselho Privado de Londres, que a habilitou a guardar Krishnamurti consigo, o que deixou o jovem satisfeito. Ele continuou na Inglaterra, sem contudo freqüentar a universidade.

Em 1914 explodiu a Primeira Guerra Mundial, que estragou com os planos de Krishnamurti para instaurar o novo sistema de vida. Quando a guerra terminou, ele ainda se encontrava na Europa. Ali assistiu às grandes agitações sociais provocadas pelas ideologias comunista e socialista. Não ficou satisfeito com as soluções apresentadas; faltava-lhes o fator psicológico, pois queriam resolver os problemas da alma com soluções políticas e econômicas.

Em 1922, Krishnamurti foi para a Califórnia, EUA, e, depois de alguns anos, para a Holanda, onde ficou no castelo de Eerde, em Ommen, que lhe fora doado pelo barão Philip van Pallandt, teosofista e admirador do novo mestre. Nesta região, começaram a se reunir anualmente os admiradores de Krishnamurti, vindos do mundo inteiro. Em 1925, chocado com a morte de seu irmão Niatiananda, K. dedicou-se definitivamente à meditação.

Em 1927, o filósofo hindu declarou, perante grande auditório, ter conseguido a plena liberdade da mente e a identificação com o Todo ou o Bem-Amado! Declarou a todos os membros da Ordem da Estrela que nunca mais lhes falaria do carma ou da reencarnação, dizendo que estava liberto de preconceitos e que era realmente o Instrutor. Declarou

ainda que não era missão do instrutor criar mais uma religião, mas libertar os seres humanos das religiões.

Daquela data em diante (1927), K. não se cansou de dizer que as religiões são desnecessárias, pois estabelecem confusão no espírito dos homens. Nas conferências que fazia a partir de então, nas cidades do mundo inteiro (européias, asiáticas e americanas), recomendava a dúvida sistemática e a revolta.

Inesperadamente, em 1929, K. dissolveu a Ordem da Estrela do Oriente, alegando que qualquer organização seria uma barreira à procura da verdade. Fê-lo no campo de Ommen, na Holanda, e disse que cada religião tem seus dogmas, impostos aos devotos, mas que cada homem deve abandonar todos os dogmas para alcançar a libertação. Repudiou todos os títulos que lhe foram conferidos.

Desligou-se, também, definitivamente, da Sociedade Teosófica, pondo-se a viajar pelo mundo inteiro como pensador independente, fazendo conferências em toda parte para despertar a consciência dos homens contemporâneos. Esteve no Brasil em 1935.

Na Califórnia, Krishnamurti estabeleceu uma importante sede denominada Centro de Estudos Filosóficos Espiritualistas, contando com discípulos das mais variadas nacionalidades.

Publicou diversos livros para divulgar sua mensagem humanista, fundamentada na liberdade inalienável da pessoa. Incitou os homens a disporem devidamente sua vida, para aderirem à verdade e ao bem.² Alguns de seus livros, como *o Reino da Felicidade*, *A Canção da Vida*, *Educação e Significado da Vida*, foram traduzidos para muitas línguas.

“Para compreendermos profundamente o mistério da vida e da morte”, afirmou ele, “só possuímos um único ponto de penetração: nós mesmos.”³

Em 1975, o jornalista Carlos Marques esteve com Krishnamurti na cidade de Saanen, na Suíça.⁴ O filósofo vivia uma vida retirada, no Chalé Tanneg, e não queria saber de fotógrafos e entrevistas. Pela intervenção de Juliana Marques, amiga comum de ambos, o jornalista conseguiu a entrevista. Sua ideologia continuava a mesma: o importante é o processo de liberdade interior.

Lady Zimbalist, secretária encarregada de zelar pela solidão do mestre, comentou sobre os traços de sua personalidade, descritos pelo jornalista francês Claude Begdon: eticamente hindu e mentalmente uma combinação do Oriente e do Ocidente. Essa polaridade se revela quando mostra força e fraqueza ao mesmo tempo, amargura e doçura, ceticismo e fé.

Às conferências proferidas por K., compareciam milhares de admiradores europeus e americanos (poucos latinos), mas, ainda assim,

Krishnamurti reafirmava que não precisava de seguidores nem de discípulos e que não acreditava neles. A Instituição Cultural Krishnamurti mantinha sua sede no Rio de Janeiro e o convidava para conferências.

Em todas as suas conferências, transparecia a preocupação idêntica: as pessoas que acreditam estar sempre descobrindo a verdade não devem se iludir pensando que as mudanças radicais são fáceis.

I — A IDEOLOGIA DE KRISHNAMURTI

Os pensamentos de K. apresentam algo de positivo para o mundo contemporâneo. Ele incentivava os homens a dominarem suas paixões, através da vida consciente, dirigida pela inteligência e não pelos sentidos. Ele reviveu os ideais estoicos greco-romanos: rigidez moral, austeridade de caráter e resistência à dor. O cristianismo não possui ideais longe dos mesmos, pois o cristão deve considerar todas as coisas no sentido espiritual e não carnal, exclusivamente. Fora do cristianismo, fica difícil aos homens alcançarem, pelas forças da sua natureza, esse ideal. Somente com o auxílio de Deus, na pessoa do Espírito Santo, o homem consegue vencer suas paixões e viver uma vida dirigida pela consciência sadia. Krishnamurti errou ao querer afastar o homem da religião.

Em contraste com os constantes apelos da secularização em “terem”, Krishnamurti incentivou os homens a olharem para o seu interior, a “serem”. É no cristianismo que um ideal assim pode ser plenamente realizado, pois Deus pode livrar os cristãos da ganância de possuir e as Escrituras podem conduzi-los à verdadeira mordomia e ao desprendimento das coisas materiais.

Os outros pensamentos de K. envolvem mais o comportamento ético, a começar pela renúncia à religião.

1. **Religião** — O homem precisa libertar-se dela, dizia K. Para ele, todo homem é escravo do seu ambiente, do conjunto de instituições e doutrinas (sociais, jurídicas, patrióticas, filosóficas e religiosas) que incutem nele o medo, que sufocam a personalidade. Essa, por sua vez, tem dependido dos mestres e das escolas para realizar seus ideais. Ora, o homem que vive sem uma religião, sente um vazio na alma e, apesar de seus próprios esforços em ser bom e justo, sempre há de lhe faltar alguma coisa. Sendo criado à imagem e semelhança de Deus, o homem só será plenamente feliz e livre quando trilhar seu caminho segundo a vontade de Deus, expressa em sua Palavra (Rm 12.1,2): essa é a resposta do cristianismo. Rejeitando as religiões, K. também rejeita a verdadeira religião que está em Cristo Jesus.

2. **Salvação** — Segundo K., para obtê-la, o homem precisa rejeitar toda autoridade, toda imposição doutrinária; precisa tomar consciência

de si mesmo para se tornar o que deseja ser. Afirma que a verdadeira liberdade é conseguida pela sufocação de todo desejo.⁵ Como cristãos, sabemos que a verdadeira liberdade não é a insubmissão, mas está em colocar nossas vidas nas mãos de Deus. O Filho verdadeiramente nos liberta (Jo 8.36): liberta-nos do domínio do pecado que nos infelicitiza; liberta-nos da consequência do pecado — a morte espiritual (Rm 6.23). O Filho de Deus, enfim, veio para buscar e salvar o que estava perdido (Lc 19.10).

3. Deus — Para o hinduísmo e para Krishnamurti, Deus é a Grande Energia que passa pelo homem e pelo Universo; é uma força impessoal que cada um tem que descobrir dentro de si mesmo pela autopercepção.⁶

Só existe o Deus que se manifesta em nós, e ao qual chamei e chamo Vida. Os deuses são ilusões, e da idolatria, por causa de tão grande número de religiões, só pode resultar a divisão da humanidade. Não é possível que Deus exista fora do homem: o homem é Deus, é a Vida, é o Todo. Se adorarmos um Deus transcendente, seremos cruéis para com os homens, estaremos explorando e esmagando os homens. Nada tem a realidade a ver com a adoração religiosa; e se achardes que vos é necessário praticar a adoração, adorai antes o infeliz que, em vez de se recolher aos templos, vagueia pelas estradas. Só ama a Deus aquele que serve a todos os seres.

Percebe-se que o seu conceito sobre Deus é o de um Deus impessoal. Para ele, Deus habita no íntimo de cada ser humano, ou melhor, o homem é a própria divindade em evolução.

Não aceitamos tal concepção de Deus, pois para nós Deus é uma Personalidade transcendente e perfeita. Essa Personalidade não se identifica com o homem. É Deus quem mostra ao homem qual o caminho para seu aperfeiçoamento e não é o homem quem define os passos para sua ascensão espiritual. Como criatura, o homem se submete humildemente ao Criador e ouve dele a orientação sábia para a sua vida (Sl 8, 27).

4. Personalidade Humana — Rejeitando uma intervenção do ambiente nas decisões do homem, bem como a orientação de um Deus transcendente, K. confere ao homem todo o poder de decisões e direção de sua vida. Desse ponto de vista, o homem se torna autônomo, seu próprio legislador, segundo seu bom senso. Essa atitude incentiva o orgulho.

A verdade do evangelho é diferente: mostra que o homem deve renunciar ao eu e se entregar incondicionalmente a Deus. O objetivo do cristão é servir a Deus (Cl 3.17,23,24; Jo 13.14-17). O homem, cremos, não manda em si mesmo, mas aceita a direção de Deus.

5. Filosofia de Vida — A ideologia de Krishnamurti é humanista; volta-se inteiramente para o ser humano e para o seu interior; é uma

filosofia positivista que objetiva cultivar bons pensamentos para produzir boas ações. A solução de tudo está no próprio ser humano. Alguns de seus pensamentos:

O amor é felicidade. O autoconhecimento, a inteligência e o amor resolvem todos os problemas e trazem a felicidade. Deus é felicidade, é inteligência, é sabedoria.

O autoconhecimento leva à liberdade, ao amor, à bem-aventurança, a Deus, à felicidade, ao inconsciente, à sabedoria, ao trabalho, à vocação, à inteligência, à imortalidade.

O que impede a felicidade: o ciúme, a concentração, a compulsão, a dependência, o esforço, a esperança, a exploração, os ideais, o medo, o orgulho, o ódio, a preocupação, o sentimentalismo, o sofrimento, sonhar acordado, a tristeza, a vaidade, a vergonha, a violência, a zanga, a ambição.

Não se deve usar de autoridade para: conseguir dinheiro, educar, acabar com a fome, a guerra e a miséria, impedir a maldade, conseguir a ordem, conquistar a segurança. Estas coisas serão alcançadas pela sabedoria, pela felicidade, pela inteligência e pelo amor.

Desses pensamentos, conclui-se que toda a vida se resume no autoconhecimento, que não tem fim, e que significa prestar atenção, sem esforço, momento após momento, aos nossos pensamentos, sentimentos e ações. A cada momento, somos uma coisa. O autoconhecimento leva ao amor; o amor leva à felicidade. Quando amamos e somos felizes perdemos a noção de tempo. Não havendo tempo, há eternidade. Havendo eternidade, há imortalidade.⁷

Assim, a imortalidade fica restringida à própria pessoa e não tem relacionamento com Deus.

Se os conselhos de Krishnamurti são bons e positivos, deverão ser avaliados à luz do evangelho. Aquele que segue a Cristo e a seus ensinamentos certamente encontrará o bem final proposto por Krishnamurti e com o acréscimo da fé, da esperança, do ideal. As palavras dos profetas, os ditos de Jesus, os ensinamentos de Paulo e dos outros apóstolos visam ao relacionamento do homem com Deus e do homem com seu próximo (Mt 22.37-40; Rm 13.8-10; 1Jo 4.20,21).

O cristão deve ser cuidadoso ao tomar conhecimento de filosofias semelhantes a essas. Deve ser cauteloso e analisá-las à luz das verdades do evangelho, a fim de não se deixar levar por belos pensamentos que acabam por afastá-lo do cristianismo e de Jesus Cristo.

NOTAS

- 1 CUNHA, Agostinho Carneiro da. *Como viver de acordo com os ensinamentos de Krishna-murti*, p. 6.
- 2 *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 11, p. 1207.
- 3 *As grandes religiões*, vol. V, p. 1063.
- 4 *Realidade*, nº 05-1975, p. 28,29.
- 5 *Pergunte e responderemos*, nº 14, 02-1959, p. 77.
- 6 *Idem*, p. 78.
- 7 CUNHA, Agostinho Carneiro da. *Op. cit.*, p. 25.

5

SATANISMO

Etimologicamente, *satanás* significa adversário, acusador jurídico.

A existência do Diabo é uma realidade. Ainda que não possamos vê-lo, observamos as conseqüências de sua atuação no mundo. Cremos no Diabo como uma pessoa espiritual (Ef 6.12), que realiza seu trabalho com poder, coragem, astúcia, atrevimento, ambição e inteligência. Como cristãos, nossa atitude em relação a ele deve ser de constante vigilância e rigorosa resistência (1Pe 5.8,9 e Ef 6.10-20).

Nas Escrituras, aparece com diversos nomes: Lúcifer, Belzebu, Demônio, *Satanás*, Diabo, pai da mentira. A crença nos demônios é mais velha do que o judaísmo e do que o cristianismo. Quase todas as religiões primitivas, as antigas e as modernas têm acreditado em espíritos de pessoas ou nos demônios.

Nos tempos bíblicos, os deuses e as deusas dos povos vizinhos de Israel eram associados a *Satanás*, como: Baal, Moloque, Astarte, Belzebu. Mais tarde, durante a Idade Média, a Inquisição vai perseguir os adoradores desses deuses diabólicos, bem como os artistas vão representá-los de forma grotesca.

Já no século 6 a.C., o zoroastrismo na Pérsia ensinava a existência de duas forças: Ahura Mazda, o príncipe da luz e fonte de todo bem, e Angra Mainyu, o príncipe das trevas, fonte de todo mal. Os livros sagrados dos judeus já traziam a idéia do Diabo, independente do zoroastrismo.

Antes da penetração cristã, há evidências de que era rendido um culto fervoroso a um deus peludo, chifrudo, com cauda, chamado Cernunas; era a divindade da fertilidade ou da sexualidade, homenageada durante cerimônias orgíacas.¹ Evocavam-se, nesse culto os prazeres terrestres, glorificava-se a mulher amorosa, exaltava-se a união sexual. Talvez esse culto tenha influenciado a realização das bacanais em Roma, já nos tempos do cristianismo.

Quando o cristianismo se propagou por diversas cidades e países pagãos, encontrava-se esse deus de chifres sendo adorado em muitos lugares, e logo o associaram a *Satanás*.

No Novo Testamento, Satanás é aquele que se opõe aos desígnios de Deus, é o príncipe deste mundo, o grande inimigo de Deus, o maligno, o acusador, aquele que tenta o homem para o mal, mas que será vencido por Cristo, no final dos tempos.

Satanismo é o culto a Satanás, em oposição ao culto a Deus. É o culto a outras figuras centrais da demonologia. É uma ocorrência rara na história, mas chegou até mesmo ao Brasil.

I — ASPECTOS HISTÓRICOS

O gnosticismo do início da era cristã contribuiu para o desenvolvimento do satanismo. Os gnósticos viam o mundo como profundamente maldoso, um verdadeiro inferno. Se o mundo é mau, e se Deus o criou, identificaram o Deus dos judeus com o poder cruel que domina o mundo. Baseados em alguns textos do Novo Testamento, os gnósticos desenvolveram essa crença num deus maldoso (Mt 4.1-11; Jo 8.44; 12.31; 2Co 4.4). Devido às suas crenças sobre o mundo cruel, os gnósticos levavam uma vida extremamente austera para se destacarem; outros optavam por uma vida libertina, afirmando que a alma somente se libertaria do mundo se o corpo experimentasse de tudo.

Outro grupo de hereges, os albigenses, “identificavam o Deus do Antigo Testamento com o demônio, senhor do mundo, mestre do corpo humano e de todas as coisas materiais e temporais”,² à semelhança dos gnósticos.

Através dos séculos surgiram grupos heréticos, considerados satanistas, pois blasfemavam contra os ritos, cerimônias e objetos sagrados; veneravam Satanás sob forma de animal ou de homem; cantavam e dançavam em sua honra; beijavam sua imagem de maneira obscena. Apreciavam orgias, canibalismos, perversões, homossexualismo e toda espécie de crimes. A adoração a Satanás, não obstante, esteve limitada a certos lugares e períodos e sempre foi refutada pela Igreja, que sempre condenou os hereges.

À medida que os reis pagãos se convertiam e que a Igreja Católica se fortalecia, as cerimônias macabras eram cada vez mais proibidas. Os feiticeiros e as feiticeiras eram acusados de cultuar o demônio, embora não houvesse provas conclusivas de que o fizessem; alguns os consideravam vítimas do demônio. Uma das causas da perseguição aos feiticeiros era porque haviam rejeitado a Deus e dado força ao inimigo; eram acusados de fazerem do demônio o seu deus, buscarem nele a força e o prazer para conquistar a felicidade.

A partir do século 13, as leis da Igreja se tornaram mais severas em reação às heresias que se espalharam. Foi criada a Inquisição. A Igreja perseguiu os valdenses, os luciferianos e os cavaleiros templários (século 14). A Inquisição (tribunal eclesiástico encarregado de reprimir a heresia) chegou ao fim no século 17, quando mais de dois milhões de pessoas haviam sido queimadas, estranguladas, enforcadas ou torturadas até à morte, através dos séculos.³

Foi durante essa época negra da humanidade em que tudo era atribuído ao poder das trevas e a Europa estava sob a sombra escura de Satanás, que Satanás mudou de aspecto: no século 15, de serpente passou a ter pêlos e chifres e cascos, tal como o deus Cernunas. Essa figura apenas simbolizava todo o poder que lhe era atribuído, por causa do ascetismo fanático da Igreja.

Tem-se conhecimento de festas realizadas durante o século 14, os sabás e os esbás, consideradas como cultos a Satanás, por causa de suas orgias sexuais e práticas mágicas (malefícios aos perseguidores). Os sabás eram fixados no calendário, realizados no alto dos montes. Os esbás eram restritos (talvez para 13), sem data marcada, realizados na casa dos membros, num cemitério ou numa encruzilhada.

No sabá, Satanás ficava sentado num trono negro, os feiticeiros relatavam seu feitos, havia iniciação de novos adeptos, que recebiam uma cicatriz permanente (talvez tatuagem), sacrifício de animal; realizava-se a missa negra e havia festa, com muita comida, dança, práticas sexuais.

Desses rituais, surgiu a Igreja Satanista, governada pelo Grande Vigário de Satanás, com sede nas montanhas de Harz, na Alemanha.

As feiticeiras se organizavam dentro de cada bairro, onde moravam e realizavam suas próprias cerimônias. Em cada bairro havia um grão-mestre que também presidia os sabás, no papel de Satanás. Ex-padres, comumente, eram seus conselheiros.

Perdurou esse satanismo até o fim do século 17, ficando a missa negra como seu resquício. Nessas missas, o missal católico é lido de trás para diante, Deus é substituído por Satanás, o bem pelo mal; o altar pode ser uma mulher nua ou um caixão de defunto; os acessórios são negros; os padres usam mantos negros com capuz; o vinho é substituído por água, sangue menstrual ou urina humana; a hóstia é feita com material estranho, com fezes secas, que são ingeridas ou esfregadas no rosto. A missa negra significava uma revolta contra o ritual e atingiu o seu clímax na época das perseguições mais rigorosas, no fim do século 16 e início do 17.⁴

Por volta do século 18, surgiu outra forma de missa negra. Com o Iluminismo, o progresso da ciência e divulgação de pensadores cínicos, Satanás, que antes era objeto de pavor, começou a ser ridicularizado e

escarnecido. Homens libertinos buscavam o apoio de Satanás para realizar suas orgias e formavam os clubes Hellfire (fogo do inferno), que existiam em Dublin, Londres e em West Wycombe — este foi o clube mais famoso, organizado na década de 1750. As missas negras se realizavam numa abadia própria; os monges vestiam branco e vermelho nas procissões e carregavam tochas; as mulheres usavam hábitos de freira. O crucifixo era usado de cabeça para baixo, velas negras, altar formado por mulher nua, em cujo umbigo o vinho era bebido. Esse tipo de missa mais parecia uma desculpa para as orgias sexuais do que demonstração de atitude religiosa.

“Após o declínio dos clubes Hellfire na Inglaterra, o satanismo também entrou em declínio, ou melhor, num estado de hibernação temporária.”⁵

Em 1889 (séc. 19), no jornal *Le Matin*, um repórter descreveu uma missa negra a que havia assistido: seis velas negras, pintura de bode pisando um crucifixo, sacerdote com manto vermelho, mulher nua, hóstias pretas, hinos louvando o Diabo, orgias.

O moderno satanismo recebeu certo impulso a partir da literatura do século 19, onde aparecia um grande entusiasmo pela decadência e pelos vícios. Rebelou-se contra os valores existentes, contra o puritanismo e contra as restrições impostas pelo cristianismo. Por volta de 1849, surgiu na Inglaterra um movimento de arte e pintura denominado pré-rafaelista, uma mistura de arte grega, lendas de cavalaria e esteticismo pagão (doutrina que dá ênfase à estética, ao belo) — movimento esse que explorou o valor do corpo, a volúpia, a estética do mal.

William Seabrook, escritor americano, afirmou que assistiu a muitas missas negras entre 1920-1930, em Lion, Paris, Londres e Nova York.

“No começo da década de 1960, nas Ilhas Britânicas, começaram a surgir muitos indícios da existência de grupos ativos de satanistas.”⁶

O satanismo contemporâneo está revivendo o ocultismo e as práticas dos séculos anteriores, em que são envolvidos aqueles que acham emocionante praticar a maldade. A literatura e o cinema encontraram no satanismo um filão inesgotável, basta observarmos o estrondoso sucesso de bilheteria conseguidos com filmes como *O Exorcista*, *A Profecia II*, *O Bebê de Rosemary*, *O Mensageiro de Satanás*, *A Entidade*. Anton La Vey, que fez o papel do demônio em *O Bebê de Rosemary*, afirmou que o filme é a melhor propaganda do satanismo.

Em 1966, em São Francisco, Califórnia (EUA) surgiu a Igreja de Satã, cujo fundador é Szandor La Vey, autor da bíblia satânica. Um dos princípios ali declarados é este: “Faça aos outros o que fazem a você”. Em 1970, segundo as estatísticas, a Igreja contava com 7 mil membros espalhados

pelo mundo inteiro. Existem organizações encarregadas de treinar e ordenar pastores nas várias paróquias satânicas em Nova York, Filadélfia, Chicago e Los Angeles.

1. O Satanismo no Brasil

O conceito de Satanás, tal como divulgado durante a Idade Média, veio trazido para o Brasil, onde se misturou ao conceito indígena de Caa-pora, Jurupí e Jurupari, como alguém que não é inimigo de Deus. Mais tarde sincretizou-se com o conceito africano de Exu, espírito dos antepassados, nem sempre mau, controlável pelas ofertas, cultuado e também ridicularizado. Os exus ignorantes podem ser esclarecidos e recuperados. Assim, a idéia que o brasileiro tem do Diabo é uma idéia sincrética, uma mistura de conceitos. Entretanto, a Igreja Católica e as igrejas evangélicas têm disseminado o conceito bíblico de Satanás.

Assim como nos Estados Unidos o satanismo cresceu entre 1960 e 1970, no Brasil também apareceu a igreja do Diabo. O astrólogo cearense Luís Howarth, em Sergipe, construiu um templo no formato de um caixão, com 24 metros de comprimento por nove de largura. Seu objetivo é “desmistificar a propaganda negativa que vem sendo feita em torno de Satã, há milhares de anos, e serve para as igrejas católicas e evangélicas explorarem o povo”.⁷

Disse Howarth que é o “redentor de Satã, irmão de Deus”, que é o papa do Diabo. Para ele “O mal que existe no mundo não pode ser atribuído ao Diabo, mas sim aos desníveis sociais, à usura e ao egoísmo do homem. O mal não é do Diabo nem o bem é de Deus. Os dois são irmãos e representam duas forças, e da sintonia entre essas duas forças é que resulta o equilíbrio do homem”.

O templo de Satã, no Brasil, fica localizado às margens da BR-101, a dez quilômetros de Aracaju. Pretende o líder instalar um templo em cada capital do Brasil para ensinar as verdades sobre Satanás. Deseja lançar também 10 mil exemplares da bíblia do Diabo, escrita pelo jornalista Jonas Luís “através de Satã” incorporado em Luís Howarth. Inventou as velas CE (corrente espiritual) feitas de pós e pedra da Índia, petróleo e cera de abelha africana, que controlam o sistema nervoso, eliminam vibrações negativas, equilibram a pessoa, libertam do *stress*. Em Aracaju, atende cerca de 10 pessoas/dia, lendo a mão, fazendo despachos, praticando candomblé, espiritismo, meditação, mentalização.

Em nome do Diabo promete riqueza, saúde e muita liberdade. Diz que o próprio Satanás lhe ditou seus mandamentos, reunidos em forma de bíblia.

Um coisa é certa: de pobretão se tornou um homem rico, dono de vários prédios, carro com chofer, roupas caríssimas.

Diz o líder que existem milhares de adeptos em todo o Brasil, Bolívia, Peru, Venezuela e Argentina.

O Centro Astral em Aracaju dispõe de diversas salas: uma para a venda das velas; um salão com cadeiras pretas para as pregações; um terraço com a pirâmide astral, de onde Luís faz suas revelações; um altar para Exu de duas cabeças e uma sala negra com uma cruz negra enfeitada com fitas coloridas e velas pretas.⁸

Percebe-se, pelos relatos, que a igreja satânica é mais uma seita a explorar a ingenuidade do povo brasileiro.

II — CARACTERÍSTICAS

O novo satanismo se apresenta como uma mistura de magia e religião. Está se afastando da missa negra, como base de ritual religioso. A missa negra é realizada somente por pessoas com mais de 50 anos de idade, na maioria degenerados sexuais. Os mais jovens acham-na antiquada. Se o sexo, nos antigos rituais da missa negra, era sua prática básica (por ser reprimido pela sociedade e pela ética cristã), hoje em dia, com a libertinagem existente na sociedade em geral, o sexo não é mais a força motivadora oculta do ritual.

Não existe, no novo satanismo, um padrão uniforme no ritual religioso; ele é mais ou menos improvisado. “O principal objetivo dos satanistas é obter poder pela submissão a uma força externa.”⁹

Existe um sumo sacerdote do grupo, encarregado de difundir o conhecimento e que funciona como guia espiritual. Diz receber uma revelação do inferno. Alguns se consideram o demônio encarnado; outros, apenas advogados de Satanás.

A tendência mágico-religiosa da atualidade reflete a necessidade do ser humano de afeto; é uma tentativa de fugir à atual quebra de valores ocasionada pela tecnologia.

Na atual conjuntura social, onde a crise de identidade é notória, Satanás está instituindo modificações. Ele está agindo de maneira extraordinária nos últimos anos, também através da literatura de ficção.

1. Reverso do Cristianismo — O satanismo se coloca contra os valores convencionais do cristianismo. O “Senhor da Luz” é Lúcifer, o príncipe das trevas. Os bons são os inimigos.

Se o cristianismo exalta a compaixão, a bondade, a paciência e a humildade, o satanismo prega a crueldade, o orgulho, a prepotência, os sentimentos e paixões mais condenáveis. Baseia-se em princípios como o mau caminho, a inversão dos valores justos, a inversão da ordem e da obra de Deus.

As duas virtudes cristãs que mais aborrecem os satanistas são a humildade e a pureza; eles se orgulham pelo fato de Lúcifer ter sido expulso do paraíso em primeiro lugar.

Os prazeres carnavais nada têm de pecaminosos. O satanismo prega a alegria total e desinibida, encontrada nos prazeres proporcionados pelos sentidos. Quanto mais perversos e repugnantes forem esses prazeres, mais atingem os objetivos do satanismo.

Há incoerência em seus ideais. De um lado apregoa que qualquer prazer é bom, desde que não machuque os outros; de outro lado, apregoa a brutalidade.

2. Satanás, um Amigo Poderoso — Em tempos de ausência de afeto entre as pessoas, Satanás é invocado para ser um aliado das pessoas em seus problemas. Satanás não é aquele ser horrível, inimigo de nossas almas, pintado com características apavorantes. No satanismo ele é o amigo para os momentos difíceis da vida.

3. O Valor do Grupo — No grupo de adoradores de Satanás, o adepto busca sua identificação pessoal e social. A necessidade de “pertencer” a um grupo é satisfeita no satanismo. No grupo, o adepto adquire uma importância que não possui fora dele. O grupo lhe proporciona a sensação de força e adaptação que não encontra no mundo exterior.¹⁰ O culto satânico é um veículo para que os adeptos dêem vazão às suas frustrações.

4. Natureza Esotérica dos Cultos — São rituais emocionantes e muitas vezes animais, não encontrados em outra parte da sociedade. São secretos e impregnados de ocultismo. As revelações feitas são atribuídas a fatores sobrenaturais. Essas características proporcionam uma sensação de superioridade nos adeptos em relação àqueles que não pertencem ao grupo. Junto a essa natureza esotérica estão o sigilo, em que são mantidas as práticas, e a inacessibilidade aos seus rituais (permitidos somente aos que pertencem à seita). Esses aspectos são os atrativos para os de fora, mas ao mesmo tempo são fatores que impedem o grupo de agir sobre a sociedade, no sentido de operar transformações. O satanismo é apenas uma religião para descontentes.¹¹

5. Fim Último: um Novo Eu — Para a crise de identidade e isolamento vivida pelo homem da cidade grande, o satanismo é um alívio. Em primeiro lugar porque permite todas as práticas possíveis, sem recrminá-las. Em segundo lugar, as seitas orientais e esotéricas têm sido procuradas para aliviarem a angústia gerada pela falta de afeto que existe na sociedade. A alienação da massa e o sistema de valores da atualidade levam os jovens, desajustados e consumidos pelo tédio, da classe média

alta, a ingressarem nas seitas, inclusive no satanismo, que se propaga em cidades como Nova York, Detroit, Los Angeles, Filadélfia e Londres.

6. Uso de Drogas — Permite maior identificação dos jovens; eles não precisam deixar as drogas, podem continuar usando alucinógenos, que são considerados o pai de Satã. Os psicodélicos são aceitos como meio para se atingir a “verdade espiritual”. A abstenção inicial de comida e bebida, bem como a insônia, debilitam o organismo, e a mente se torna mais susceptível à auto-sugestão. Nos rituais satânicos, queimam-se incensos com base no haxixe, o que provoca um completo torpor nos participantes. As drogas também são utilizadas para o preparo de ungüentos, esfregados em diversas regiões do corpo.

7. Práticas Sexuais — Entre a nova geração do satanismo não são comuns, uma vez que o sexo livre é permitido na sociedade. As práticas sexuais aparecem nos grupos satânicos formados pelos adeptos de meia-idade, entediados pela vida monótona que levam. Formam grupos semelhantes aos clubes Hellfire do passado. Realizam permuta de esposas e aos poucos podem converter-se em núcleos satânicos. Seus participantes ainda se acham vinculados à velha moralidade e o sexo representa uma rebelião contra o tédio. Nesses grupos satânicos, ainda se pratica a missa negra, com ritos mais tradicionais, que não são muito encontrados nos grupos mais jovens. Esses grupos que se orientam para o sexo são os mais instáveis, por se dedicarem mais ao sexo do que ao conceito de Satanás.

8. Definições e Previsões do Satanismo — O sexo é a única coisa real na existência e o único comportamento que faz o homem esquecer o sofrimento. O homossexualismo é um processo de controle biológico da natureza, para evitar a superpopulação da Terra. O feminismo vai passar, pois a mulher já encontrou a liberdade de ser homem. As drogas são uma fuga do homem, que não tem onde se sustentar e pensa encontrar nelas o paraíso e o inferno. O céu está dentro de cada um. O inferno está em quem não tem dinheiro, saúde e amor. Em suas previsões, afirmam os satanistas que serão os vencedores; o satanismo será a “religião” do futuro. Na Páscoa, deixam as portas dos templos abertas para que seu Messias Diabo apareça. Dizem que haverá escassez de alimentos na Terra. Que o ano 2016 marcará o fim do ciclo do Sol e o Brasil será considerado a maior potência do planeta (faz-nos lembrar das previsões dos teósofos em relação à raça dourada que se está formando no Brasil).

Como se já não bastassem as seitas mágico-religiosas, que dão maior abertura à atuação de Satanás por causa de suas práticas, o mundo se depara com os cultos satânicos, que exaltam o mal e consideram as ações maléficas como boas. As pessoas não estão

possessas do Diabo, inconscientemente, mas em plena atividade racional buscam a possessão do demônio e a comunicação com ele. Como cristãos, precisamos nos revestir da armadura de Deus, vigiar e orar. Precisamos viver nossa fé e dela testemunhar para que a obra maligna seja repreendida.

NOTAS

- 1 MURRAY, Margaret. *O Deus das feiticeiras*, ed. Denöel, onde fala sobre a transformação do antigo deus perseguido num demônio; e LYONS, Arthur. *Culto a Satã*, p. 37.
- 2 *Homem, mito e magia*, vol. I, p. 151.
- 3 LYONS, Arthur. *Culto a Satã*, p. 46.
- 4 Idem, p. 68.
- 5 Idem, p. 79.
- 6 Idem, p. 83.
- 7 *Brasil Presbiteriano*, dez./1980. Artigo: "A Igreja do diabo, um grande caixão em Sergipe".
- 8 *Manchete*, jan./1981.
- 9 LYONS, Arthur. *Op. cit.*, p. 114.
- 10 Idem, p. 129.
- 11 Idem, p. 132.

O ESPIRITUALISMO DE SHIRLEY McLAINE

Quase todos os brasileiros que se ligam a fitas cinematográficas já ouviram falar na atriz Shirley McLaine. Nascida e criada no estado de Virgínia (EUA), Shirley iniciou sua carreira como dançarina e cantora na Broadway; partindo para o cinema, ficou célebre pela ótima atuação em diversos filmes.

Quando criança, Shirley freqüentou uma igreja batista, mas não foi educada para ser uma pessoa religiosa. Afirma ela em *Dançando na Luz*, um de seus livros, que sua formação batista foi insignificante e pouco a influenciou. Seu pai, professor de psicologia e educação, provavelmente contribuiu para que crescesse pensando que Deus e a religião são mitológicos, como afirma que concluiu aos 20 anos.

Quando jovem, levou uma vida leviana e despreocupada com assuntos de religião. Aos quarenta e poucos anos foi influenciada por um amigo, David, que freqüentava grupos hinduístas e reencarnacionistas. A partir dessa influência, Shirley começou a procurar diversos médiuns famosos, pelo mundo todo. Esses médiuns convenceram-na de que já havia sido duas vezes homem e uma vez mulher, em encarnações anteriores. Conhecera, em outra existência, Gerry, homem casado com quem se divertia na vida presente. Esse Gerry, em existência anterior, teria entrado em contato com seres extraterrestres.

Shirley convenceu-se de ter descoberto outros aspectos de seu eu e da realidade da reencarnação.

A atriz norte-americana, além de se consagrar no cinema, no teatro e na televisão, está escrevendo livros. O mais famoso no Brasil é o intitulado *Minhas Vidas*, que por ter sido escrito por uma atriz famosa, é lido por muitos e impressiona pelos temas abordados acerca da reencarnação. Neste trabalho Shirley faz “uma declaração filosófica em favor da reencarnação, da percepção da Nova Era, e do egoísmo da geração do ‘eu primeiro’.¹ Impressiona o livro, também, pelo seu ecletismo de crenças

combinadas com a Bíblia. O intuito da escritora não é simplesmente expor sua crença no reencarnacionismo, mas enquadrá-lo no cristianismo.

Por isso, o espiritualismo dessa atriz merece uma abordagem, num livro como esse sobre atitudes ideológicas e filosóficas.

McLaine escreveu outros livros, dentre eles *Dançando na Luz*, já citado, onde expõe idéias opostas à verdade do evangelho. Além das atividades literárias, participa de programas de televisão, onde fala sobre seus trabalhos e dissemina suas idéias. *Minhas Vidas* foi uma das suas obras mais vendidas nos Estados Unidos, ultrapassando em 1991 a dois milhões de exemplares.

Shirley McLaine recebe milhões de cartas, segundo afirma, com pedidos de maiores informações sobre sua crença. A leitura de suas obras já está se tornando uma obrigação para os adeptos de movimentos reencarnacionistas. Nos seus trabalhos, Shirley aborda temas como a morte, relacionamentos sexuais, médiuns em transe, curadores psíquicos, Escrituras Sagradas, lendas, vidas passadas e reencarnações.

I — PONTOS DOUTRINÁRIOS

1. **Espiritualismo Panteísta** — McLaine passou do materialismo ao espiritualismo panteísta, outra forma de materialismo, pois identifica a divindade com a alma humana e o mundo material. Ela descobriu que a vida não termina com a morte do corpo, mas que há uma continuidade. O panteísmo, crença hindu, identifica todas as coisas visíveis com seres espirituais: o cosmo e o corpo são um. Acaba por identificar a própria alma da pessoa com Deus. No livro aparecem frases como: “Você é Deus. Você sabe que é Divino. Mas deve continuamente lembrar sua Divindade” (p. 182); “A alma e Deus são eternos e unos (...) Sua alma é uma metáfora de Deus” (p. 165); “A alma é uma força subatômica, a energia inteligente que organiza a vida. É parte de cada célula, parte do DNA, está em nós, e nós e tudo o que existe (...) é o que chamamos Deus” (p. 283). Essa crença panteísta vai gerar outros postulados, opostos ao ensinamento da Bíblia, como será exposto a seguir.

2. **Eu Superior e Eu Inferior** — Segundo o que está em seus livros, o Eu superior comanda o eu inferior. O Eu superior existe desde o princípio. Quando uma entidade se encarna, assume o eu inferior, com a finalidade de iluminá-lo. Uma vez iluminado, o eu inferior evolui para um nível mais elevado de percepção. O trauma e a tragédia são explicados como fases que o eu inferior atravessa para seu aprendizado experimental. É o Eu superior quem escolhe as experiências proveitosas ao eu inferior. O mal não existe porque as más experiências são boas

para o aprendizado.² Não existem acidentes, porque o Eu superior escolhe o caminho que conduz ao esclarecimento. Em *Dançando na Luz*, McLaine acredita ter conversado com seu Eu superior, isto é, com sua alma eterna ilimitada, repositório de sua memória de vida para vida; isso ocorreu mediante a utilização de acupuntura psíquica.³

3. Reencarnação — Panteísmo e reencarnação geralmente se acham ligados entre si. Se não há um Deus distinto do homem, capaz de responder aos anseios do seu coração, é o próprio homem quem deve libertar-se de suas imperfeições; não o conseguindo numa vida, precisa de outras encarnações. Existem inúmeros argumentos em favor da reencarnação, segundo os espiritualistas, como: a desigualdade das condições humanas, o *déjà vu* (já visto), os ovnis etc. A versão de Shirley McLaine da reencarnação é um tanto eclética. Ela afirma que “as almas são entidades invisíveis, em harmonia com a natureza, e que nenhuma delas chega a morrer; apenas mudam de forma”.⁴

4. Déjà Vu (já visto) — Intuição que vai além dos nossos sentidos físicos normais. Utilizam-no como prova de existência anterior. Dizem ser o resultado de memória celular ou ancestral, na qual herdamos as experiências anteriores de nossos antepassados. É a impressão de já termos visto ou ouvido — um objeto, uma pessoa, uma música, em qualquer outro lugar. Para os que crêem na reencarnação, significa a memória de vidas anteriores.

5. Ovnis — Objetos voadores não identificados e seres extraterrestres. Diz um dos amigos de Shirley, David, e seu médium Kevin que eles existem e são mencionados em todo o Antigo Testamento, o que é uma aberração!

6. Lei do Carma — McLaine também defende a lei da causa e do efeito. Para ela, sempre existe uma dívida de outras encarnações a ser paga. A lei do carma sossega o ser humano quanto ao sofrimento e não o responsabiliza diretamente por suas falhas. A alma completamente iluminada, finalmente, torna-se una com o Universo, numa versão moderna, ocidentalizada, do nirvana hindu.

7. Vidas Anteriores — McLaine descreve em *Dançando na Luz* as supostas personalidades que teve; existem numerosas semelhanças entre essas “personalidades” e as características atuais de sua personalidade. Em vez de compreender que está imaginando as vidas passadas, baseada na experiência atual, faz exatamente o contrário: diz que hoje é assim porque viveu aquelas coisas em outras vidas!

8. Bíblia — Textos bíblicos são utilizados para defender seus pontos doutrinários, porém de maneira distorcida. Shirley McLaine, assim como a maior parte dos espiritualistas, jamais leu a Bíblia toda, de capa a capa,

com o coração aberto às suas verdades. Conhece apenas algumas passagens que lhe foram indicadas por seus mentores espirituais. Prefere recorrer a outros escritos que considera inspirados, como os Registros Akáshicos.

9. **Jesus** — Crêem os mentores e guias espirituais de Shirley McLaine que Jesus veio em carne, segundo o testemunho da história, mas não reconhecem sua divindade. Cristo é um mito. Jesus é semelhante a Buda ou Krishna. Dizem, segundo lendas a respeito de Jesus, que durante os anos não mencionados na Bíblia Jesus teria viajado pela Índia, Tibete, Pérsia e Oriente Próximo, tornando-se um iogue perfeito.

10. **Evolução** — Quer Shirley McLaine que haja uma comprovação da evolução da alma, tal qual houve (segundo ela) da evolução do corpo (teoria darwiniana). Entretanto, a evolução da espécie ainda é uma teoria e a evolução da alma é uma ilusão.

11. **Busca do Eu** — McLaine escreveu o livro *Minhas Vidas* objetivando a busca do seu eu interior; a filosofia da Nova Era enfatiza que toda verdade é encontrada dentro da própria pessoa; é o que se observa em todas as atitudes ideológicas e filosóficas expostas neste volume. Ora, cada pessoa encontra o seu eu, a sua missão, e isso não se aplica a outrem. Entretanto, Shirley utilizou inúmeras experiências de outras pessoas para chegar à sua; não se baseou única e exclusivamente em seu interior. Essa busca interior acaba se transformando num auto-endeusamento: eu sou meu juiz; eu sou meu salvador; eu sou meu deus. Além de a busca do eu resultar no auto-endeusamento, há uma doutrina panteísta que corrobora o pensamento de: “Deus e eu somos um”.

II — AVALIAÇÃO

Concordamos com os espiritualistas que existe uma dimensão espiritual da vida e da existência. Não somos somente matéria, mas espírito. Concordamos que há necessidade de maior percepção espiritual, entretanto não concordamos que a verdade é relativa, pois a verdade está expressa na Palavra de Deus. Cada pessoa não pode dizer que está com a verdade.

Concordamos que somos um com o Universo, mas não no sentido exposto pelos espiritualistas, que é o panteísmo. Cremos que somos um porque fomos criados pelo mesmo Criador e nós humanos somos dotados de sensibilidade artística que nos permite apreciar o belo ao nosso redor.

Quanto ao Eu superior e o eu inferior, não cremos nisso. Para nós, somos corpo e espírito, como uma personalidade. O espírito é real; o corpo é real. A luta entre corpo e alma não é a luta entre o ser inferior e o superior, agindo separadamente. Temos consciência do conflito de nossos

pensamentos. “O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca” (Mt 26.41). O apóstolo Paulo viveu essa luta do desejo do corpo contra o desejo da alma (Rm 7.15-25), e encontrou a resposta em Jesus Cristo.

Em relação ao *déjà vu*, ovnis, projeções astrais e visões de pessoas que chegaram perto da morte, podemos afirmar que a memória é consultada naquilo que ela armazenou no decorrer de sua vida mesmo e não de vidas anteriores.

Shirley afirma “saí do corpo” e isso como prova da reencarnação. Entretanto, o aqui e agora nada provam do lá e passado.⁵ A experiência de pessoas próximas à morte nada prova sobre a veracidade da reencarnação; o máximo que pode provar é que há vida após a morte. A experiência mais impressionante foi a de Jesus Cristo, através de sua ressurreição miraculosa, pois garante a nossa ressurreição: a melhor resposta à reencarnação (1Co 15).

O que aconteceu com Shirley McLaine acontece hoje com milhares de pessoas que, despreparadas do ponto de vista religioso e psicológico, deixam-se levar pelas impressões que ocorrem em sessões mediúnicas e aceitam suas mensagens. O homem é atraído pelo misterioso e oculto. Entretanto, os mesmos estudos sobre psicologia e parapsicologia já desvendaram os mistérios do psiquismo humano, afirmando que os fenômenos mediúnicos nada têm a ver com mensagens do além, mas são fruto do próprio psiquismo. O ser humano é capaz de percepção extra-sensorial, caso desenvolva essa capacidade. O inconsciente é um receptáculo de milhares de impressões que podem vir à tona sob hipnose, em transe. Atos psíquicos mais íntimos têm sempre repercussão sobre o físico, pois somos psicossomáticos; nisso se explica a psicografia. Além disso, existem pessoas que se deixam condicionar mais facilmente que outras.

Em relação à lei do carma, podemos afirmar que é a pior lei para julgamento dos seres humanos jamais vista. Uma pessoa precisa pagar pelos erros de outra pessoa, sem conhecer as razões. Por mais que se pague pelos erros dos personagens anteriores, ainda se fica devendo pelos próprios erros. Será uma dívida que nunca poderá ser paga e nunca haverá realmente purificação. Se, por um lado, o carma escolhe as vidas futuras, por outro lado McLaine afirma que cada pessoa toma suas próprias decisões quanto à vida futura. Isso traz confusão. Afirma que cada pessoa faz suas escolhas nesta vida e sofre as conseqüências nas vidas de outras pessoas, no futuro. Inexiste um padrão de julgamento. Como cristãos, temos o esclarecimento da Palavra de Deus: “quem crê não é condenado, quem não crê em Jesus Cristo já está condenado” (Jo 3.16-21,36); “cada um dará contas *de si mesmo* a Deus” (Rm 2.6-12; 14.12; 2Co 5.8-10).

1. **Graça** — Embora haja uma tentativa de “cristianizar” o carma,⁶ através da graça, tal conceito nada tem a ver com a graça maravilhosa de Deus. Graça, para os espiritualistas ocidentais, é a suspensão temporária da lei cármica, para que a pessoa que fez más escolhas reestruture sua vida. A graça de Deus nos liberta completamente do domínio da lei, das conseqüências do pecado, dando-nos plena salvação. A graça de Deus, o dom gratuito de Deus, risca a nossa dívida para sempre (Ef 2.8-10; Rm 5.18-21; 6.23; Cl 2.13,14).

Em 2Coríntios 12.9,10, temos palavras significativas sobre a graça de Deus operando em nossa vida, dando-nos poder mesmo na fraqueza e na necessidade. Se a lei do carma gera angústia e depressão, por causa do sofrimento, a graça de Deus fortalece, revigora, conforta.

O carma não explica nem ameniza o sofrimento do homem, conseqüência da irresponsabilidade e pecado do próprio homem.

Se a reencarnação e a lei do carma objetivam revelar a verdade cósmica e trazer o aperfeiçoamento aos homens, tal não é observável na sociedade hindu de nossos dias: é uma das culturas mais atrasadas do mundo, onde reina a pobreza, a miséria, a ignorância e a superstição!

2. **Jesus** — O apóstolo Paulo, em todas as cartas, deixou bem clara a doutrina sobre Jesus Cristo, especialmente em Colossenses 1.15-20. Todos os ensinamentos das Escrituras deixam bem claro que devemos aceitar a Jesus Cristo como nosso único Salvador e Senhor. O apóstolo João (1Jo 4.1-6) exortou-nos a que provássemos os espíritos; aqueles que negam a Jesus são falsos. C. S. Lewis, após sua investigação sobre a vida de Jesus, chegou à conclusão de que há somente duas opções em relação a ele: Ou o consideramos Filho de Deus e nos prostramos perante ele, ou o consideramos um louco, que falou em nome do Diabo; nunca poderemos simplesmente considerá-lo um grande mestre humano. As afirmações de Jesus não o permitem; são por demais enfáticas. Veja-se o que ele disse em: Mateus 7.13,14; 10.28; 16.16,17; João 14.6; 8.23-37; 10.28-30, além de outros textos.

3. **Evolução** — Se a evolução das espécies fosse comprovada, como comprovar a evolução da alma? McLaine acredita na evolução do corpo, entretanto os naturalistas não abrem espaço para o transcendental, para o metafísico (além do físico, espiritual), como alma ou espírito. Os evolucionistas não explicam a existência da alma, mas Shirley quer colocar alma imortal até mesmo no corpo dos primatas evoluídos! Torna-se muito mais fácil crer na criação de Deus, como registrada nas Escrituras Sagradas, do que aceitar explicações espetaculares e fantasiosas como as apresentadas nos livros de McLaine. Veja-se textos, como: João 1.1-5; Atos 17.26-31.

4. **Busca do Tu** — Precisamos olhar menos para nós, esquecer nosso passado (Fp 3.13,14) e olhar mais para nosso próximo e suas necessidades; precisamos amar mais a Deus e ao próximo para encontrarmos a perfeição e a felicidade (Mt 22.37-40).

Aquele que crê num Deus pessoal, misericordioso, amoroso, fiel, cheio de graça, poderá cantar um hino de vitória, como o apóstolo Paulo em Romanos 8.35-39.

Em Cristo está a resposta para todos os anseios da humanidade, porque “nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade” e nele somos aperfeiçoados! (Cl 2.8-14).

NOTAS

1 SMITH, F. La Gard. *As vidas imaginárias de Shirley McLaine*, p. 7.

2 Idem, p. 41.

3 Idem, p. 102.

4 Idem, p. 78.

5 Idem, p. 55.

6 Idem, p. 167.

ASTROLOGIA

A palavra astrologia é composta dos vocábulos grego *aster* — astro + *logos* — discurso. Astronomia se origina de *aster* + *nomos* — lei. Até o fim da Idade Média, ambas eram cultivadas juntas como sinônimos, embora reconheça-se hoje que mantenham diferenças entre ambas. A astronomia observa os astros e aplica os cálculos matemáticos, de leis da Física e da Lógica, para anunciar o clima, o rendimento das colheitas e os fenômenos cósmicos; permanece entre as ciências naturais. A astrologia, nos 4.^o e 3.^o séculos a.C., assumiu seu caráter divinatório e apela para crenças religiosas e místicas, não sujeitas ao controle da razão; pretende julgar o temperamento pessoal e a futura sorte dos homens.

A astrologia se utiliza do horóscopo, palavra que vem do grego *hora* e *skopéo* — observar. Horoscópion era o aparelho para ver a hora. O horóscopo significa uma sentença derivada da posição dos astros no momento que o indivíduo nasce. A astrologia supõe que os astros tenham influência sobre o temperamento da pessoa e sobre o curso de sua vida. O astrólogo, para tanto, observa a posição dos astros na hora em que o indivíduo nasceu, ou na hora em que se dará uma transação, para formular seu oráculos.

O princípio fundamental da astrologia é que existe uma correspondência entre os movimentos dos astros visíveis e os acontecimentos terrestres.¹

A astrologia há muito foi classificada de pseudociência, mas está sendo levada a sério nos dias atuais por milhares de pessoas. Quantos e quantos se levantam pela manhã e vão olhar seu horóscopo do dia. Outros vão consultar astrólogos para fazer o mapa astral de sua vida. Essa “rendosa exploração da credulidade humana” está crescendo muito no Brasil. Astrólogos estão ganhando muito dinheiro com a previsão do futuro de seus consulentes.

A astrologia, no passado, já esteve relacionada à astronomia, no início de seus estudos. Hoje, reconhece-se que está mais relacionada ao

ocultismo do que à ciência, porque objetiva dar uma resposta ao futuro do homem, em que a ciência não pode satisfazer a curiosidade humana.

Os magos caldeus, estudando os astros, quando ainda não existiam os aparelhos sofisticados de hoje, deram sua contribuição valiosa ao progresso da astronomia, não resta dúvida. Os alquimistas da Idade Média faziam experiências em laboratório, sendo os precursores da química moderna, e eles estavam relacionados à astrologia. Entretanto, sabe-se que não existem leis que possam estabelecer a correspondência entre os astros e os fenômenos terrestres. Por isso, a astrologia não é considerada hoje uma ciência, a não ser ciência divinatória.

Se na antiguidade a medicina foi, muitas vezes, associada à magia e à astrologia, com os avanços tecnológicos atuais, medicina e magia se afastam cada vez mais. A medicina genética, por exemplo, já comprovou que os traços físicos e psíquicos dos indivíduos estão ligados aos pais. A cura das doenças é obtida na base de medicamentos e não na atuação de magos. A astrologia, nos dias de hoje, está desvinculada da medicina e da psicologia.

Alguns astrólogos, mesmo sabendo de tudo o que foi exposto, querem que a astrologia seja reconhecida como ciência, entretanto a previsão dos acontecimentos futuros, sociais ou individuais, não são comprovados em sua maioria. A astrologia só se ocupa com as previsões e não com sua comprovação.

I — ASPECTOS HISTÓRICOS

A astrologia foi iniciada pelos sacerdotes caldeus e seu berço é a Mesopotâmia. Foram encontradas tabuinhas cuneiformes da época de Assurbanipal (668-626 a.C.), onde foram registrados oráculos astrológicos. Os sacerdotes da Babilônia eram encarregados de observar os astros e catalogar as previsões. Os oráculos estavam imbuídos de religiosidade, pois cada corpo celeste era tido como representante de determinado deus. Nos grandes templos da Mesopotâmia havia torres ou zigurates, formadas por sete andares, que simbolizavam as diferentes regiões da abóbada celeste. Os caldeus divulgaram a crença da influência dos corpos celestes sobre as ações dos homens. A origem do zodíaco também é caldeica; dividiam o círculo celeste em 360°, baseados no valor aproximado do movimento do sol entre as constelações.

Da Mesopotâmia, a astrologia passou para a Grécia. Em textos de Hesíodo, de Homero e de diversos autores do 5º século a.C., encontram-se referências à astrologia. Os gregos aprenderam a prática da observação dos astros na Ásia Menor e Pérsia, com os discípulos de Zoroastro.

Os filósofos helenos eram reputados como magos. A hora do nascimento determinava a influência astrológica da pessoa; os astros eram consultados para qualquer decisão. O tratado de astrologia mais famoso, escrito em grego, foi composto durante o Império Romano (140 d.C.) — *Tétrabiblos* (os quatro livros), de Cláudio Ptolomeu.

Os astrólogos egípcios também faziam uma íntima união do conhecimento das leis que regem os movimentos celestes com uma série de crenças religiosas e mágicas influenciando o destino dos homens. Os egípcios já conheciam as leis astronômicas que regem os movimentos dos astros e planetas. Criam na influência dos astros sobre as diferentes partes do corpo. Os cultos dos mortos e a construção das pirâmides demonstram a crença na influência astrológica sobre a vida das pessoas. Um documento datado do 3.º século a.C. faz revelações sobre a astrologia greco-egípcia, pois o Egito foi influenciado pelos gregos.

Foi na época do Império Romano que a astrologia alcançou seu maior desenvolvimento na antiguidade. Os romanos receberam a influência de uma astrologia grega, egípcia e etrusca. Pompílio mandou construir um templo esférico, imitando o zodíaco; sob sua cúpula fez arder um fogo constante, como símbolo da fé e do amor e da energia mágica do Sol e do raio.

Enquanto entre os caldeus se praticava a adivinhação, entre os egípcios se praticavam os oráculos verbais; e entre os romanos os augúrios eram os mais importantes e tinham por objetivo agradar aos deuses.²

A astrologia, na China, era conhecida há vários séculos antes de Cristo, tanto que Marco Polo, em *Viagens*, afirmou que havia mais de 5 mil adivinhos e astrólogos em Kambalu, China. Alguns acham que a astrologia chinesa é mais antiga que a mesopotâmica. Foram constatadas semelhanças entre as práticas chinesas e a dos maias e astecas das Américas, principalmente no emprego do simbolismo animal, desconhecido pelos astrólogos europeus.

Serge Hutin³ declara a evidente importância do número cinco para os chineses: conheciam cinco planetas (Júpiter, Marte, Saturno, Vênus, Mercúrio), cinco elementos (madeira, fogo, terra, metal e água); cinco pontos cardeais; cinco senhores dos pontos cardeais; cinco sentidos e cinco órgãos internos.

Na Pérsia, antes de Cristo, já eram conhecidos astrólogos notáveis.

No Extremo Oriente e na Ásia Central foi desenvolvida uma medicina que aplicava os medicamentos de acordo com o tipo astrológico do doente.

Quanto aos hebreus, em seu meio não proliferaram as práticas mágicas pela proibição divina. Conheciam, entretanto, os ciclos do Sol

e da Lua. O único ritual mágico parece ter sido o do Urim e Tumim, uma espécie de éfode-oráculo.

A cabala, interpretação esotérica dos textos bíblicos, elaborada segundo a tradição hebraica, nos primeiros séculos antes de Cristo, teve uma influência considerável sobre a humanidade, através de seus simbolismos e revelações de seus textos sagrados.

A Igreja, a princípio, se opôs à astrologia por considerá-la contrária ao princípio do livre-arbítrio e pela influência hebraica. Lá pelo 6.º século, entretanto, Isidoro de Sevilha, de tendência mais moderada, reconheceu parcialmente a legitimidade da astrologia. Entretanto, mais tarde, a Igreja Católica Romana, através dos Concílios de Laodicéia, Toledo e Braga, proibiu a astrologia, considerando-a prática divinatória e mágica.

As práticas astrológicas, advindas da antiguidade, foram trazidas para o Ocidente através das traduções latinas de textos árabicos baseados em outros textos gregos de 350-150 a.C. Isso ocorreu no século 12. Com esses textos árabes, a astrologia na Europa se revestiu de um cunho mais científico, passando a ser estudada nas escolas. Na Itália, algumas universidades a incluíram em seus programas de ensino. Um dos mais famosos protetores da astrologia foi o rei Afonso X de Castela; durante o seu reinado foram estabelecidas as tábuas planetárias ou afonsinas. Os documentos e a arte gravada nas catedrais testemunham a influência da magia e da astrologia na Idade Média.

Foi durante a Renascença que a astrologia se viu levada às cortes; príncipes e monarcas não dispensavam os astrólogos para orientá-los nas campanhas militares, nos negócios e na saúde.⁴ Partindo do postulado de que o homem é uma síntese do mundo exterior, a astrologia defendia que tudo no Universo é capaz de influenciar o homem. Quando as ciências delimitaram seus próprios campos de ação, a astrologia permaneceu com seu objetivo de predizer o futuro. Médicos, escritores, pintores e escultores renascentistas viviam sob a influência da astrologia, conhecendo seus princípios e métodos.

O grande astrônomo dinamarquês Tycho-Brahe, mestre de Kepler, passou longos anos a elaborar horóscopos.

É da época do Renascimento o famoso nome Nostradamus, Michel de Nostredame, médico e astrólogo, cuja principal obra se intitula *As Centúrias*. Elas compõem-se de cem estrofes de quatro versos cada, contendo profecias. Outras obras: *Presságios e Predições*. O estilo lacônico e simbólico de suas profecias dá-lhe a característica de serem muito abrangentes (cada centúria podia ser aplicada a dez eventos pelo menos).

Algumas de suas profecias já se cumpriram, em outras ele se equivocou e as demais foram colocadas num futuro longínquo, o que impossibilita verificar sua veracidade.

Na Renascença a astrologia aparece ligada à cabala judaica.

Paracelso dedicou-se à astrologia médica e estabeleceu um grupo de doenças produzidas por influência cósmico-climatológica; dizia que qualquer corpo bruto, animal ou planta, era sede de um espírito emanado dos astros, espírito esse que presidia a sua formação e sob cuja influência estaria eternamente.

No século 17, pela primeira vez se construíram pequenos telescópios manuais. O primeiro telescópio começou a ser usado em 1663. Durante a Renascença, astrólogos e astrônomos utilizavam uma vara ou uma régua para orientar sua vista. Copérnico e Tycho-Brahe utilizaram tais instrumentos. Para as gerações futuras, a observação do céu sem o telescópio seria impossível.⁵

No século 18, os homens mais cultos começaram a perder o interesse pela astrologia, quando as descobertas dos primeiros astrônomos modernos, Galileu, Copérnico e Kepler, começaram a ser divulgadas. Seus escritos, não obstante, não se mostram hostis à astrologia.

As práticas da astrologia foram se restringindo às sociedades secretas, sobrevivendo através delas. O astrólogo rosa-cruz Robert Fludd contribuiu para que a astrologia se dividisse em natural (que faz a previsão do clima e inclui a judicial, que prevê o futuro das pessoas) e sobrenatural ou profética (que fornece uma filosofia de vida positiva e alimenta a segurança interior). Os talismãs estavam relacionados à segunda. O talismã de Luís XIV, descoberto em 1968, possui gravados os signos planetários do horóscopo real, de um lado, e um quadrado mágico perfeito, do outro (a soma dos números desse quadrado é idêntica na linha horizontal, na vertical e na diagonal).

Destaca-se a obra do médico inglês Ebenezer Sibly, publicada em 1790 e intitulada *Ciência Celeste da Astrologia*, que contém inúmeros horóscopos pormenorizados.

O século 19 pode ser considerado como o século antiastrológico, pois o racionalismo sufocou as predições astrológicas. A astrologia ficou restrita ao povo simples.

Na Inglaterra, o interesse pela astrologia teve início graças à influência de dois homens conhecidos por seus pseudônimos: Zadkiel e Raphael, que publicavam almanaques astrológicos. Na segunda metade do século, a astrologia científica se espalhou para outros países.

No início do século 20, os livros e revistas astrológicos se multiplicaram, bem como o estudo da astrologia. Os alemães fizeram

experiências e investigações com a astrologia entre as duas grandes guerras mundiais. Na década de 1930, dezenas de médicos alemães estudaram a astrologia.

Segundo os astrólogos, desde 1900 o mundo entrou na Era de Aquário, que representa a era da fraternidade e da tranquilidade. Afirmam que, a cada 2 mil ou 2 mil e 200 anos, temos uma nova era, com novas características, novas formas de adoração e novos sistemas de governo. Era de Touro (4000 a 2000 a.C.) — quando o touro era adorado; Era de Áries (2000 a.C. até o nascimento de Cristo) — quando o carneiro era adorado. Era de Peixes — relacionada com o símbolo do peixe dos primeiros cristãos.

No Brasil, em qualquer shopping center das grandes cidades, computadores oferecem uma predição astrológica por um valor módico. Os livros sobre astrologia e clarividência se contam aos milhares, sendo vendidos praticamente em todas as livrarias.

Diversas razões têm contribuído para o ressurgimento da astrologia em nossos dias:⁶ temor e ansiedade; confusão e desintegração pessoal e familiar; fracasso das religiões em apresentar respostas afetivas; aventuras espaciais (relacionadas aos astros e ao espaço); despersonalização; curiosidade inata do homem. Essas características marcam nossa “Era de Aquário” e não a tranquilidade e a fraternidade.

A Escola Sideralista é uma nova corrente astrológica atual que propõe o novo zodíaco — o das constelações, com base no fato de que o equinócio retrocedeu aproximadamente 30°, desde Hiparco, e que os signos foram alterados: Aquário agora é Capricórnio; Sagitário é Escorpião; Gêmeos é Touro etc.

Vera Facciolo, presidente da Associação Brasileira de Astrologia⁷ em 1979, comenta sobre a Escola Sideralista que deseja reinstituir um novo zodíaco baseado nas constelações, mas os astrólogos ocidentais, segundo ela, não podem rejeitar o zodíaco trópico, dos signos. Ela é favorável ao astrólogo eclético que fundamenta suas predições em três zodíacos: das constelações, dos signos e o terrestre (das casas) — baseado na trajetória aparente do Sol.

II — CARACTERÍSTICAS

Para se compreender como os astrólogos preparam o horóscopo das pessoas, é preciso que se conheça o zodíaco.

Num ano, a Terra descreve ao redor do Sol a sua órbita, ao mesmo tempo que rotação em torno do seu próprio eixo dá-nos a impressão de que o Sol está em movimento: o Sol “nasce”, alcança o seu zênite ao

meio-dia e “morre” à noite; dependendo da posição que a Terra ocupa em relação ao Sol e dependendo da inclinação do nosso planeta, são produzidas as estações mais quentes e mais frias. Esse plano da órbita terrestre é denominado de elíptica ou eclíptica — um grande círculo imaginário que o Sol percorre na abóbada celeste.

Todo círculo possui 360° , assim também a Terra, que é dividida em 12 casas de 30° cada uma ($12 \times 30^\circ = 360^\circ$, chamadas casas do zodíaco, que constituem justamente a “cintura” da Terra. Dependendo da posição do Sol, da Lua e dos cinco planetas (conhecidos pelos antigos astrólogos): Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, em cada casa do zodíaco forma-se um signo: Carneiro, Touro, Gêmeos, Caranguejo, Leão, Virgem, Balança, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Cada signo desses exerce influência, segundo os astrólogos, sobre o temperamento da pessoa, suas paixões e virtudes, podendo mesmo determinar o curso de sua vida. Por isso, dão máxima importância ao dia do nascimento e até à hora, para determinar essas influências. Cada casa do zodíaco é dividida em três decanos, cada um com 10° — essa divisão ajuda os astrólogos em suas predições.

Os horóscopos antigos eram quadrados. Somente a partir dos fins do século 19 passaram a ser circulares, por combinarem mais com a eclíptica do Sol.

Os signos do zodíaco não podem ser confundidos com as constelações que possuem o mesmo nome (Leão, Sagitário etc). Houve época em que os signos e as constelações se achavam sobrepostos e essa coincidência poderá manifestar-se em qualquer época.⁸

Os planetas, bem como os signos, possuem os seus símbolos, utilizados também hoje pelos astrólogos para facilitar seu trabalho. Os contemporâneos incluem os planetas descobertos a partir do século 18 (Urano, Netuno e Plutão).

Os signos também possuem seus símbolos, ou seja, representações pictóricas.

Cada signo significa um aspecto da vida do indivíduo. Vejamos:

- 1º Áries — vida; marca o caráter e o aspecto físico.
- 2º Peixes — desenvolvimento material, como crescimento e riquezas.
- 3º Aquário — irmãos e vizinhos.
- 4º Capricórnio — hereditariedade, parentesco, raça, pátria.
- 5º Sagitário — geração material, como filhos e prazeres.
- 6º Escorpião — desenvolvimento moral, felicidade, vocação.
- 7º Balança — união, como: casamentos, sociedades comerciais, sociais e políticas.

8.º Virgem — obrigações materiais, como: conservação do corpo, decrepitude e morte.

9.º Leão — geração intelectual, como: religião, filosofia, sonhos, viagens.

10.º Câncer — atividade, como: profissão, cargos, autoridade.

11.º Gêmeos — associação material como: amizades, relações humanas, lucros.

12.º Touro — obrigações morais, como: inimizade, ciúme, inveja.

Os astros exercem influências benéficas ou maléficas. Dos signos, alguns são benéficos; outros, maléficos; alguns têm maior influência; outros, menor. Os signos são distribuídos de acordo com os elementos da natureza:

Gêmeos, Balança e Aquário — do Ar

Touro, Virgem e Capricórnio — da Terra

Câncer, Escorpião e Peixe — da Água

Áries, Leão e Sagitário — do Fogo.

Os princípios e normas da horoscopia podem ser multiplicados.

O horóscopo é determinado segundo a posição dos astros e planetas dentro de determinada casa, no momento em que a pessoa nasce. Os chineses queriam determinar o momento da concepção na madre da mãe para que o horóscopo fosse mais fiável

Mesmo que os planetas não sejam visíveis ou observáveis no momento do nascimento da pessoa, os astrólogos afirmam que possuem regras para julgar as qualidades dos mesmos. Supõem ainda que os astros e os planetas são fontes de energia irradiadas para a Terra e cabe-lhes determinar essa irradiação.

Para emitir sua opinião acerca de algum negócio que a pessoa vai fazer, ou de uma decisão que vai tomar, o astrólogo também precisa saber o dia e a hora para determinar a “hora astral” assim como determinam o “mapa astral”.

Cada planeta reflete as qualidades do signo zodiacal onde está localizado e funciona de acordo com a posição das casas. Vênus na 10.ª casa significa uma coisa e Vênus na 5.ª casa significa algo bem diferente. A interpretação depende do ângulo em que se encontram os planetas nas diversas casas.

A arte da interpretação envolve a combinação de todas as evidências possíveis — e é aqui que começam as dificuldades. Há milhares de manuais de astrologia ou “livros de receitas” que oferecem guias de significado de cada fator concebível. Muitos astrólogos fazem impressionantes “deduções”, sem mesmo se basear nos “livros de receita”. Por isso, muita gente descarta a astrologia, tachando-a de inútil perda de tempo.⁹

Não se pode negar que existe certa relação entre os elementos da natureza e a vida humana. A própria Terra está em tal posição no nosso sistema solar que permite a existência da vida dos vegetais e dos animais, por causa de suas condições climáticas, atmosfera, luz solar etc.

Certos fatores climáticos e geográficos determinam certas doenças e afetam a saúde. Outras doenças surgem pela própria depredação do *habitat* causada pelo homem. As idéias gregas que merecem confiança até os nossos dias são as da harmonia e da racionalidade: a doença é a quebra da harmonia das leis naturais e ao curar o paciente o médico o reintroduz na natureza.

O estudo científico do biorritmo esclarece alguns efeitos. A natureza biológica se sincroniza com os ritmos externos: a seqüência dos dias e das noites, as estações e outros ritmos podem influenciar o corpo humano, os animais e as plantas. A oscilação da temperatura corporal é um exemplo dessa influência. Em certos animais, as fases da Lua e as marés influenciam a postura dos ovos e a alimentação. O conhecimento das oscilações do ritmo corporal é importante para o tratamento de certas doenças.

Os influxos da natureza sobre o corpo humano, entretanto, estão longe de implicar o liame estreito que os antigos astrólogos admitiam entre os fenômenos celestes e os atos da vida humana. A utilização das energias da natureza para promover o bem-estar do homem deve estar baseada nos resultados da observação empírica e do cálculo matemático. A observação dos astros deve ser cultivada como ciência astronômica e não como técnica religiosa.

As últimas descobertas científicas acerca do Universo não são levadas em conta pelos astrólogos atuais. Houve o recuo da eclíptica que já se antecipou, desde a astrologia dos caldeus, uma casa do zodíaco, de modo que, quando os astrólogos dizem que o Sol está no signo de Áries, ele está no de Peixes. Bastariam essas averiguações para considerar qualquer oráculo astrológico como infundado. Além disso, o Sol e a Lua não podem ser considerados planetas como eram antigamente. A Terra não ocupa o centro do sistema planetário, mas sim o Sol.

Caso as previsões astrológicas fossem corretas, isso denotaria um determinismo e um fatalismo que não se coadunam com o livre-arbítrio do ser humano. A astrologia subjugaria a vontade e a vida moral dos seres humanos. O destino do homem estaria traçado pelos astros e não adiantariam suas escolhas e suas lutas em prol do seu progresso pessoal e da sociedade. A astrologia não tem explicações para inúmeros casos de pessoas nascidas no mesmo dia, na mesma hora, na mesma sociedade, com futuros diferentes. Um será médico, outro será operário; um será

sadio, outro será doente; um enfrentará sérias crises, o outro terá vida mansa, e assim por diante. Além disso, um estudo feito entre 2 mil pintores famosos e músicos revelou que eram de diferentes signos. Cientistas nasceram em diversas épocas do ano. Missionários e pastores, com aptidões religiosas, aniversariam em todos os meses.

Outra observação importante é que ao norte do Círculo Polar Ártico, onde não são vistos estrelas ou planetas durante semanas, para a astrologia deveria significar que as pessoas nascidas ali não têm destino por não serem influenciadas pelo espaço cósmico.

Diversos sábios, por meio de estudos ao longo dos tempos, têm concluído que a astrologia carece de uma base sólida e que não passa de fruto da imaginação. Em 1975, 186 cientistas, entre os quais 18 laureados com o Prêmio Nobel, declararam: "É tempo de contestar, direta e vigorosamente, as asserções dos charlatões da astrologia".¹⁰

Finalizando, é notório que muitas previsões astrológicas têm sido contraditórias, não aconteceram ou foram tão generalizadas que se aplicavam a mais de uma situação.

A tradição cristã sempre repudiou a astrologia como superstição e prática divinatória. A Bíblia condena as previsões astrológicas por considerá-las adivinhações e sinais dos céus, tais quais os temidos pelos gentios de outrora (Dt 4.19; 18.10-12; 2Rs 17.16; 23.4,5; Is 47.8-15; Jr 10.2; At 19.17-20). A Bíblia considera os magos como adivinhadores e falsos profetas (Dt 18.20-22; 13.1-3).

Aceitar um mapa astral significa que o cristão não confia na misericórdia e direção de Deus para sua vida. Elimina também a responsabilidade individual, o livre-arbítrio, para as escolhas da vida.

O verdadeiro cristão não deve seguir os horóscopos ou confiar nas previsões astrológicas. Quem dirige a nossa vida é Deus, o nosso Pai.

NOTAS

1 HUTIN, Serge. *História da astrologia*, p. 20.

2 LEITE Fº, Tácito da Gama. *Ciência, magia ou superstição?*, 1984, p. 22.

3 HUTIN. *Op. cit.*, p. 104.

4 SCHLESINGER, Hugo & PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*, p. 51.

5 SELIGMANN, Kürt. *História da magia II*, p. 122.

6 PETERSEN, William J. *La astrología y la Biblia*, p. 54.

7 FACCIOLO, Vera. "Signos em mudança". *Diário de Pernambuco*, 19/08/79.

8 HUTIN, Serge. *Op. cit.*, p. 24.

9 *Homem, mito e magia*, vol. I, p. 114.

10 *Pergunte e responderemos* 304/1987, p. 41.

MAÇONARIA

Maçonaria é um sistema de moral velado por alegorias e ilustrado por símbolos. Não é religião, embora alguns a considerem como tal, nem é seu substituto. Admite em seu meio pessoas de todas as religiões e seus rituais “refletem simbolicamente conceitos de idealismo, humanidade, caridade e fraternidade”.¹

No século 15 apareceu o termo maçonaria para designar “obra de talha”, mas somente no século 19 a palavra foi emprestada do francês *maçonnerie* para designar a associação secreta dos franco-maçons; o termo sempre é empregado no sentido de fazer.² O adjetivo franco (franco-maçom), com o significado de livre, tem sua origem nos pedreiros medievais: livres para fazer o serviço.

A maçonaria é uma sociedade que possui objetivos filantrópicos e humanitários; deseja influenciar as nações com determinada filosofia da religião. Para aceitar novos membros, faz determinadas exigências morais e fá-los passar por um rito de iniciação.

Maçonaria, enfim, é uma instituição filosófica e filantrópica que aspira ao desenvolvimento do espírito, para elevar o homem e a humanidade a um grau moral superior. Trabalha através de símbolos e rituais. É uma fraternidade considerada secreta que deseja a união de seus membros mais do que a união profissional, patriótica, nacional ou religiosa consegue.

Finalidade — A principal finalidade é o aperfeiçoamento ético do homem e da humanidade. Quer combater o fanatismo e promover a união dos homens. Objetiva desfazer os preconceitos, as distinções de raça, origem, opinião e nacionalidade. Quer extirpar o ódio das raças e as guerras. Deseja uma justiça universal, através da qual cada um desenvolva suas faculdades livremente e a humanidade se torne uma grande família unida pelo trabalho, afeto e cultura. Trabalha pelo melhoramento intelectual, moral e social dos homens, dirigidos pelo lema: ciência, justiça e trabalho. Quer aperfeiçoar o homem moralmente e seus princípios básicos são: liberdade, tolerância e fraternidade.³

Apesar dessas finalidades tão nobres, os maçons infelizmente fazem acepção de pessoas, não permitindo o aperfeiçoamento das mulheres e admitindo somente membros de boa posição social (para, segundo eles, ajudarem os necessitados). Querem unir a humanidade, mas constituem-se em sociedades fechadas.

Relacionados à finalidade, dois tipos de maçonaria se definiram na história: a regular ou ortodoxa e a irregular. O ato do Grande Oriente da França (1877) redundou na ruptura da maçonaria em duas correntes: a tradicional (Inglaterra, Irlanda, Escócia e as que se filiaram a elas) e a dissidente ou atéia (França e lojas afiliadas). A irregular cancelou em seus documentos a referência ao Grande Arquiteto do Universo e hostilizou a Igreja Católica.

A maçonaria regular é identificada com a tradicional que, apesar de não possuir vínculos religiosos, não aceita ateus como membros. Não se envolve com atividades políticas. Os membros se auxiliam mutuamente, em suas necessidades. Respeitam e recomendam aos fiéis que se mantenham firmes em suas comunidades religiosas. Cumprem as disposições legais. Em suas reuniões, não admitem mulheres. Não permitem disputas religiosas ou políticas. O livro em destaque é a Bíblia ou outro livro sagrado, dependendo da maioria dos membros.

A maçonaria irregular, de modo contrário, opõe-se a todos estes princípios. Envolve-se em lutas políticas e sociais, e muitas vezes anticlericais. Algumas lojas admitem mulheres em algumas reuniões e ateus como membros; admitem discussões sobre religião e política. Seu livro é o de páginas brancas.

Escolas — Existem quatro escolas principais, ou seja, tendências de pensamento maçônico. São quatro grupos com características próprias, seus cânones de interpretação dos símbolos e suas cerimônias. Os escritores maçônicos modernos são influenciados por mais de uma escola. São elas: autêntica, antropológica, mística e oculta.⁴

I — ASPECTOS HISTÓRICOS

São considerados antecedentes à maçonaria as associações medievais de pedreiros que construíam catedrais. Eles gozavam de grande prestígio quando o estilo gótico era explorado. Esses pedreiros mantinham em segredo certos conhecimentos profissionais; daí o simbolismo dos segredos maçônicos, divulgado a partir do século 13. Alguns símbolos, como martelo, colheirão, avental, lembram a origem profissional da maçonaria, bem como dizer que Deus é o Supremo Arquiteto do Universo.

Fantoni afirma que a maçonaria nasceu do rosa-crucianismo, quando em 1645 alguns rosa-cruzes ingleses decidiram fundar uma organização semelhante em seu país. Podemos dizer que entre os fundadores havia rosa-cruzes, mas relacionar, como querem alguns, a maçonaria com os construtores do templo de Salomão ou com as associações dos sacerdotes egípcios são lendas divulgadas no século 18.

Inicialmente, portanto, a maçonaria derivou-se das associações de profissionais. No local onde houvesse uma grande construção, aí surgia uma loja maçônica (oficina de pedreiros). Para que o trabalhador fizesse parte da loja precisava dar prova de habilidade e responder às questões veladas que lhe eram perguntadas. Os membros das lojas precisavam passar por uma iniciação e por uma aprendizagem, caso não conhecessem todos os macetes da profissão.

Esses maçons operários foram gradativamente transformando-se em maçons especulativos ou ideológicos. Com a Renascença e a Reforma do século 16, a sociedade e sua arquitetura foram modificadas, de maneira que as associações de pedreiros entraram em declínio. Então, a partir de 1641, as associações começaram a receber em seu meio membros distintos, vindos de outros grupos sociais e profissionais, inclusive da alta nobreza; eram pensadores e até filósofos.

Os operários continuaram em atividade através do século 17 e os especulativos se desenvolveram na Inglaterra durante o século 18. A história dessa transição é obscura, mas há um fato que é marcante.

Em 24 de junho de 1717, festa de São João Batista (patrono dos pedreiros medievais), membros de quatro lojas de Londres resolveram reunir-se numa grande loja e eleger um grão-mestre dentre eles. "Todos os maçons livres de hoje podem ser ligados, de uma forma ou de outra, à grande loja de Londres".⁵ O primeiro nobre irmão que se tornou o grão-mestre foi o Duque de Montague, em 1721.

Em 1723, foi publicado um volume com 39 artigos gerais para orientar a entidade. Essa constituição foi elaborada por um pastor protestante não-conformista, James Anderson (1684/1739). Foi aí que apareceu a expressão Deus como o Grande Arquiteto do Universo. O livro de constituições reflete o espírito do século 18: "tolerância religiosa, fé no progresso da humanidade e fé em Deus; certo racionalismo que exclui as formas exteriores da religião organizada como Igreja; aversão contra o sacerdócio oficial e contra a fé em milagres".⁶ Excluía os ateus. Nada havia, entretanto, sobre Jesus e o evangelho. Exigiam conduta moral íntegra. O desenvolvimento se passava em dois estágios: aprendizes e companheiros.

Em 1738, a Constituição da Grande Loja de Londres foi modificada.

A maçonaria ideológica rapidamente se expandiu pela Europa. Em vez de construção de catedrais de pedra, o ideal agora era construir catedrais humanas, homens ideais. Os círculos, compassos, esquadros, aventais eram puros símbolos de trabalho. As mulheres eram excluídas da maçonaria ativa. Uma das razões de seu crescimento era o auxílio mútuo que prestavam uns aos outros, quanto à profissão e às dificuldades econômicas.

Na Europa e América do Norte, novos ritos e muitas novas ordens foram sendo introduzidos no movimento. Adversários da ordem política e da estrutura religiosa aproveitavam as lojas para organizar suas conspirações. Novas orientações filosófico-religiosas foram seguidas, dependendo se vinham das lojas anglo-saxônicas (maçonaria regular) ou dos países latinos (maçonaria irregular).

Em parte nenhuma do mundo, a maçonaria é tão forte como no Reino Unido (Inglaterra). Em 1813, a Grande Loja de Londres e a Grande Loja de York se uniram, organizando a United Big Lodge of England. Essa organização exige a fé em Deus e exclui os ateus (como são os da França). É uma organização pública e possui, entre seus membros, aristocratas e clérigos anglicanos; o grão-mestre, geralmente, é o príncipe de Gales. É conservadora e não admite segregação racial.

Em 1929, a Grande Loja da Inglaterra propôs um documento estabelecendo oito princípios fundamentais para o reconhecimento de uma grande loja; o principal desses princípios enunciava a crença na grande e manifesta Vontade que rege o Universo.⁷

1. **Na França** — Encontra-se a mais politizada de todas as maçonarias. A primeira loja na França surgiu em 1725; em 1755 organizou-se a Grande Loja da França; em 1773, houve a constituição do Grande Oriente da França que, em 1973, comemorou seu bicentenário. Alguns afirmam a influência da maçonaria no desenrolar da ideologia da Revolução, mas outros a negam; é ponto de controvérsia. O certo é que sobreviveu à Revolução e tinha muitos membros nos exércitos napoleônicos, embora pareça que o imperador só tenha visitado algumas lojas. A grande época da maçonaria francesa foi depois de 1870, e da 3.^a República. Em 1877, deixou de exigir a fé em Deus, rompendo com a inglesa. Políticos da esquerda, da direita e do centro eram maçons e por isso houve grande oposição da maçonaria à Igreja, conseguindo a abolição do ensino religioso nas escolas, bem como o divórcio. Em 1945, o Grande Oriente e a Grande Loja da França ressurgiram, já sem o espírito anticlerical. Hoje, a influência política da maçonaria na França e em outros países já não é grande.

Na segunda metade do século 18, surgiram muitas seitas maçônicas dedicadas ao ocultismo e à alquimia. Enquanto na Alemanha surgia a Ordem Rosa-Cruz, na França a loja das Neuf Soeurs (nove irmãs) abrigava grandes intelectuais da época, como: o astrônomo Lalande; o matemático Condorcet; o publicista Camille Desmoulin; Helvétius; André-François Le Breton (1708-1779) — editor da *Encyclopédie* de Diderot.

Foram os maçons ingleses que fundaram as lojas em muitos outros países, como: Itália (1733); Holanda e Portugal (1735); Alemanha (1737); Suécia (1740); Dinamarca (1745); Bélgica (1765); Rússia (1771); Suíça (1773). Grandes homens da época do iluminismo foram maçons: Frederico, o Grande; Voltaire; Lessing; Herder; Wieland; Goethe; Haydn; Mozart. Na América espanhola, alguns líderes da independência também foram maçons: o chileno O'Higgins, o venezuelano Miranda e o argentino San Martín.

2. Na Alemanha — Frederico, o Grande, trouxe uma contribuição valiosa à maçonaria. Durante várias gerações, a família real dos Hohenzollern foi constituída de maçons com exceção do último imperador, Guilherme II. Em razão de sua hostilidade à sociedade maçônica, divulgou-se a idéia de que a Primeira Guerra Mundial fora instigada pelo judaísmo, que dominara o Grande Oriente da França. Com a ascensão do nazismo, a maçonaria foi fechada e teve muitos de seus membros assassinados. Com o fim da guerra, as federações maçônicas antigas foram reabertas e foram criadas outras.

3. Na Itália — A maçonaria empenhou-se na unificação da península, a partir de 1860, e tinha como objetivo terminar com o Estado Pontifício e até mesmo com a Igreja. Na Espanha, os maçons apoiaram a República esquerdista (1931-1936).

4. Em Portugal — Já existia a maçonaria em 1733, com duas lojas: uma para comerciantes britânicos católicos e outra para protestantes. Com a estada do conde de Lippe (alemão) em Portugal (1762), a maçonaria inglesa se desenvolveu nos meios militares, e alastrou-se para os meios civis. A primeira Grande Loja regular portuguesa, ou Grande Oriente Lusitano, surgiu em 1804, cuja constituição foi aprovada em 1806. Em 1869, fundou-se o Grande Oriente Lusitano Unido, com seu Boletim Oficial, que divulgou as discussões em torno de alguns problemas religiosos, como as Irmãs de Caridade, a questão do Padroado, as Missões religiosas ultramarinas e outros. As lojas em Portugal distinguiam-se conforme orientação da Grande Loja da Inglaterra ou do Grande Oriente de Paris. A maçonaria em Portugal foi instrumento de divulgação do pensamento liberal, que evoluiu para um radicalismo republicano.

5. **Nos Estados Unidos** — Já em 1730, em Boston, funcionava a loja ideológica aprovada pela Grande Loja de Londres. Benjamin Franklin que durante a Revolução Francesa era o embaixador norte-americano, entrou na maçonaria em 1731 e nela ficou até 1790, quando morreu. George Washington era grão-mestre de sua loja quando se tornou presidente dos Estados Unidos, em 1789. Em 1734 surgiu na Filadélfia mais uma loja da maçonaria. Atualmente, a maçonaria nos Estados Unidos é muito forte. Existe uma Grande Loja, com duas jurisdições (devido ao tamanho do território), cada uma com seu grão-mestre. Possuem casas de retiro para maçons idosos, hospitais, orfanatos e asilos; possuem fundos especiais para socorrer os necessitados. Vários presidentes foram maçons. Entretanto, ainda hoje, a maçonaria nos Estados Unidos continua racista: há lojas, bastante numerosas, somente para negros.

6. **Na América Latina** — A maçonaria contribuiu para as idéias de independência das antigas colônias. Lojas importantes: Lautaro, a dos Cavaleiros Racionais e a Grande Reunião Americana. Da primeira fez parte o brasileiro Domingos José Martins, nome importante na revolução pernambucana (1817). Durante toda a época da independência das colônias latinas, houve influência das sociedades secretas, subordinadas ou não à maçonaria.

7. **No Brasil** — A maçonaria começou em 1801, com a fundação da Loja Reunião, filiada ao Grande Oriente da França. Há indícios, entretanto, de que já no final do século 18 existiam maçons no Rio de Janeiro, pois viajantes franceses visitavam as lojas freqüentadas pelos filhos do vice-rei. Aceita-se que alguns inconfidentes fossem maçons, inclusive Tiradentes, pois a ideologia da Inconfidência Mineira coincide com a maçonaria da época. Na Bahia, a propaganda do iluminismo francês foi realizada por uma sociedade de tipo maçônico, chamada Cavaleiros da Luz. Em Pernambuco, já em 1817, constata-se a existência de várias associações de tipo maçônico. Em 1818, D. João VI proibiu as sociedades secretas, mas com a Independência a maçonaria foi fortalecida. A 28 de maio de 1822, instalou-se o Novo Grande Oriente, cujo primeiro grão-mestre foi José Bonifácio de Andrada e Silva. D. Pedro I chegou a ser grão-mestre, mas proibiu a maçonaria em 1823, por desentendimentos com a sociedade. O governo imperial, inspirado na maçonaria, colocou-se contra as ordens religiosas, impedindo os conventos de receberem noviços, de modo que, ao ser proclamada a República, eles estavam quase vazios.

Em 1831, o Grande Oriente foi restaurado por José Bonifácio. Até então vigorava o rito francês; em 1828 foi fundada uma loja que começou

a utilizar o rito escocês, que ainda hoje é seguido por 90% da maçonaria brasileira.⁸

Durante o segundo reinado, a maçonaria gozou de grande prestígio e influência política e religiosa, por abrigar altas personalidades e não poucos sacerdotes. Nesse período brilharam homens como o duque de Caxias, José de Alencar, Rui Barbosa e muitos outros. A penetração da maçonaria no clero e nas irmandades católicas deu origem à questão religiosa. Nessa questão, o bispo de Olinda, Dom Vital Maria Gonçalves de Oliveira (1871-1877), sofreu perseguição no conflito com a maçonaria; outra questão ocorreu com D. Antônio Macedo Costa, bispo da diocese do Pará. Os conflitos com a Igreja, no Brasil, deixaram marcas de anticristianismo na maçonaria.

Em 1872, tem início a reação contra a maçonaria, com o bispo do Rio. Vários problemas ocasionaram diversas cisões. Atualmente existem vários grupos autônomos no Brasil (Grandes Orientes e Grandes Lojas) orientados pelo Grande Oriente do Brasil e pelo Supremo Conselho, além de outros independentes. Nos dias de hoje a maçonaria não tem mais a força política de outrora. É vista como entidade filantrópica e elitista.

Além do rito escocês e do rito moderno francês, há no Grande Oriente do Brasil os ritos York, Schroeder, adoniramita e brasileiro. O rito escocês antigo e aceito é afirmado pela maioria maçônica do Brasil e mantém-se fiel às tradições religiosas maçônicas. Tem sido de fácil aceitação. Possui capítulos, conselhos filosóficos, altos colégios e supremo conclave. Esse rito é mais rico em simbolismo; possui duas características essenciais: o hermetismo nos três graus denominados azuis (aprendiz, companheiro e mestre) e o fenômeno dos altos graus. Aqueles que seguem o rito escocês adotam o calendário hebraico: distinguem o ano civil do religioso; o primeiro começa no mês de Tisri (setembro) e o religioso em Nisan (março); somam ao ano corrente 4000 anos. Por exemplo: 1992 = 5992. Não mencionam Jesus Cristo.

III — PRINCÍPIOS MAÇÔNICOS

A maçonaria não adota doutrinas definitivas ou imutáveis. Podem-se extrair os princípios abaixo da documentação já recolhida pelos estudiosos.⁹

1. Existência de uma “Força Superior” — O grande Arquiteto do Universo. Quando um maçom se inicia no 13º grau, o grão-mestre lhe lembra:

(...) os maçons não podem fomentar a existência de Deus segundo o conceito comum das religiões positivas, já que neste caso teríamos que mostrar-nos partidários de uma ou outra crença religiosa, e bem sabeis que isto seria contrário ao princípio de máxima liberdade consignado em nossos estatutos.

2. O Livre-Pensamento — É sagrado e inviolável em cada ser humano; cada um pode pensar como deseja e expor o seu pensamento. Observamos que há ressalvas quanto a esse princípio, pois não falam em Deus criador, em Jesus Cristo, não discutem religião nem política (em algumas lojas).

3. A Tolerância Mútua — “Para que se respeitem as convicções e a autonomia do indivíduo como personalidade humana”. Tolerar-se qualquer pessoa dentro da fraternidade, contanto que seja honrado, tenha boa posição social, não possua vícios ou desvios morais.

4. A Autonomia da Razão — O homem deve dirigir seus atos e sua vida exclusivamente de acordo com o parecer de sua própria razão; não aceitam revelação divina. É a influência do existencialismo ateu, que enaltece a razão como a única fonte de decisões humanas.

5. A Liberdade de Culto — O próprio indivíduo deve regular suas relações com o Ser supremo; a religiosidade é pessoal e a maçonaria não é contra religião alguma; respeita a todas, mas ao mesmo tempo incute em seus membros uma indiferença religiosa.

6. A Liberdade de Consciência — Qualquer influência externa para orientar o pensamento ou a consciência é considerada violência e injustiça.

7. O Indiferentismo Religioso — O ambiente das reuniões deve ser neutro, sem hostilizar ou favorecer alguma religião.

8. O Estado Neutro — A sociedade e o Estado devem permanecer neutros perante a religião. É a total separação entre a Igreja e Estado. Sendo a maçonaria uma organização de influência evangélica, abraçou esse princípio do protestantismo.

9. O Ensino Leigo — O ensino público deve ser neutro em assuntos religiosos. Esse princípio decorre da tendência da Igreja Católica em ensinar sua religião nas escolas.

10. A Moral Independente — Não deve estar ligada à crença religiosa ou fundamentar-se em pretensas revelações divinas. A ética da maçonaria é rigorosa, mas não quer vincular-se à religiosidade; apenas à consciência da pessoa.

11. A Religião Natural — A humanidade deve ser norteadas pelas verdades básicas, pacificamente aceitas e comuns a todas as religiões.

Na maçonaria não existe um poder supremo que dirige o movimento no mundo todo: nem oculto nem manifesto. O que existe são ritos e sinais comuns, através dos quais os maçons de todo o mundo se identificam.

V — SÍMBOLOS E SEGREDOS¹⁰

Os símbolos são tomados das profissões dos pedreiros e dos arquitetos, que representam a arte de construir. Os atos, os sinais e os ritos são todos simbólicos. A Bíblia é um símbolo que pode ser substituído pelo Alcorão ou por um livro com as páginas em branco, dependendo da loja onde é utilizado. Outros símbolos: esquadro, compasso, martelo, colher de pedreiro, mesa de trabalho, prumo, nível. Os que dirigem os trabalhos, em geral, vestem-se com o avental e as luvas brancas.

A pedra simboliza a imperfeição, que o aprendiz deve talhar para seu aperfeiçoamento. O esquadro significa a necessidade do maçom afastar-se de tudo que não esteja de acordo com a sabedoria, a força e a beleza; significa que o maçom deve dirigir bem sua conduta e suas ações. O nível ensina que todos os maçons são da mesma origem. O prumo é o critério da retidão moral e da verdade. Sabedoria, força e beleza são palavras de efeito cabalístico; formam uma tríplice virtude.¹¹

O simbolismo é a alma e a vida da maçonaria. Sua interpretação não é, muitas vezes, lógica; atribui muitos sentidos aos seus símbolos e afirma que os significados são inesgotáveis, eternos, e inacessíveis às experiências. O trabalho no templo simboliza o trabalho para o próprio aperfeiçoamento e para o aperfeiçoamento moral do mundo.

Embora os maçons admitam que seus segredos são apenas simbólicos, relacionados ao seu início na Inglaterra, há segredos nos rituais cuja função é desprender forças na alma para benefício próprio e dos outros. “A maçonaria não tem segredos, mas é um segredo.” Seu segredo está relacionado à vivência de seus membros.

A maçonaria, conquanto misteriosa, é largamente difundida através de seus membros, que ganham novos adeptos entre seus amigos. As autoridades de vários países lhe concedem personalidade jurídica. Ela vem escrita nos livros e nas enciclopédias. Entretanto, o único segredo só é conhecido quando se ingressa na maçonaria, quando se entende a maneira de os maçons se reconhecerem, o significado dos símbolos de cada rito e de cada grau, bem como os diversos ensinamentos.

Até hoje fica a pergunta sobre a razão por que os maçons se deixam envolver em mistério, já que a organização visa servir ao próximo e beneficiar a humanidade em seu aperfeiçoamento. Talvez o seu mistério seja uma estratégia para atrair membros.

VI — OS RITOS MAÇÔNICOS

Os maçons, como já foi dito, não possuem uma base formulada em doutrina. Alcançam seus objetivos através dos graus, dos ritos e dos símbolos. Em geral, a maçonaria representa a arte de construir o homem.

As Grandes Lojas ou Orientes dos diferentes países são independentes, em parte devido às diferenças dos ritos que surgiram durante o século 18. Na França existem hoje várias grandes lojas com ritos diferentes: o rito escocês, o mais complexo, com 33 graus, e o mais importante; o rito York, o rito francês, o rito prussiano e outros.

A decoração interior das lojas à semelhança de templos e o uso de símbolos demonstram a mistura do racionalismo científico com cerimônias místicas. À medida que os intelectuais aderiam às lojas maçônicas, símbolos e ritos foram sendo transformados.

Se antigamente não se sabia nada sobre os rituais maçônicos, hoje já são divulgados através dos livros e das revistas próprias.

O rito escocês antigo e aceito (como é denominado) domina as maçonarias inglesas, francesas e latino-americanas. Possui 33 graus de iniciação, nomeados, em português, assim: 1) aprendiz; 2) companheiro; 3) mestre; 4) mestre secreto; 5) mestre perfeito; 6) secretário íntimo; 7) intendente dos edifícios; 8) mestre em Israel; 9) eleito dos nove; 10) ilustre eleito dos quinze; 11) sublime cavaleiro eleito; 12) grão-mestre arquiteto; 13) real arco; 14) grande eleito; 15) cavaleiro do Oriente; 16) grande conselheiro (príncipe de Jerusalém); 17) cavaleiro do Oriente e do Ocidente; 18) soberano príncipe rosa-cruz (que nada tem a ver com os rosa-cruzes, mas denota sua influência); 19) grande pontífice; 20) venerável grão-mestre (soberano da maçonaria); 21) cavaleiro prussiano ou noaquita; 22) cavaleiro real machado ou príncipe do Líbano; 23) chefe do tabernáculo; 24) príncipe do tabernáculo; 25) cavaleiro da serpente de bronze; 26) escocês trinitário ou príncipe de Mercy; 27) grande comendador do templo; 28) cavaleiro do Sol ou sublime eleito da Verdade; 29) grande escocês de Santo André da Escócia ou grão-mestre da Luz; 30) grande-inquisitor ou cavaleiro Kadosch ou cavaleiro da Águia Branca e Negra; 31) grande inspetor, comendador; 32) sublime príncipe do Real Segredo; 33) soberano grande inspetor-geral.¹²

Percebe-se na nomenclatura de diversos graus a influência do judaísmo.

Os outros ritos são menos complicados e têm menos graus (no mínimo três), mas as formas de organização das lojas maçônicas são idênticas. A loja compõe-se de pelos menos sete membros: o venerável mestre, dois vigilantes, o orador, o secretário, o companheiro e o aprendiz.

Para se tornar aprendiz (1.º grau), o candidato deve submeter-se a certas provas e meditações, responder a algumas perguntas e redigir um testamento; com os olhos vendados, em seguida, é admitido no 'templo', presta juramento e recebe um avental e um par de luvas. Só depois de um ano poderá ser eleito companheiro, depois mestre, e galgar os demais degraus.

1. Cerimônia de Iniciação¹³ — Antes de um homem entrar na maçonaria, é feita uma sindicância sobre sua vida pessoal, familiar e pública, para verificar se é de boa moral e bons costumes. Após a sindicância, os membros da loja dão o seu voto.¹⁴ Os maçons se reúnem na loja especialmente mobiliada; sentam-se em lugares predeterminados. Um funcionário impede a entrada de estranhos ao recinto. A sessão é aberta com perguntas e respostas especiais feitas para os mais graduados e os membros; objetiva demonstrar o significado da natureza alegórica da cerimônia em andamento. Na cerimônia de iniciação, a loja é aberta no primeiro grau (cada grau tem sua própria cerimônia e seus próprios símbolos).

O candidato é preparado do lado de fora da sala; tira o paletó e a gravata e deixa o dinheiro, simbolizando que a loja o aceitará mesmo na pobreza e ele aceitará os outros membros na mesma situação. É levado à sala de olhos vendados. Ao funcionário que o apresenta ao dirigente-mor, se lhe pergunta: "Quem tens aí?" — "Um pobre candidato das trevas" (trevas espirituais). No decorrer da cerimônia, o candidato faz o voto solene de não revelar os segredos da maçonaria. A venda é retirada. Recebe a informação acerca de uma série de sinais e apertos de mão, certas palavras simbólicas referentes à construção do templo de Salomão. Observa-se que é um enigma a associação da maçonaria com o templo de Salomão e com traços judaicos, como a lenda do rei Hirão de Sidom, a mesa que figura a arca, a estrela judaica, e outros. Há quem associe, por isso, a maçonaria ao sionismo (restabelecimento do povo judeu na Palestina).

Em seguida, o candidato é presenteado com as ferramentas de trabalho do primeiro grau que simbolizam: uma, as 24 horas do dia, que devem ser divididas entre orações, trabalho, higiene e ajuda a um amigo; outra, o poder da consciência; a terceira, o valor da educação.

Finalmente, o mestre fala sobre o simbolismo do primeiro grau: um retângulo com as representações pintadas desse estágio. A loja é “fechada” no primeiro grau com cerimônia especial, que pode ser um banquete ou uma ceia comemorativa da integração de um novo irmão.

Depois de algum tempo, o aprendiz passa para o segundo grau e para o terceiro, com cerimônias específicas e a revelação de outros segredos. Pode prosseguir além do grau de mestre, mas a base são estes três: aprendiz, companheiro e mestre. São denominados graus simbólicos. Os três rituais são apresentados em folhetos, mas muitos detalhes são omitidos. Tem-se uma noção da estrutura dos rituais, mas somente a experiência pessoal na maçonaria dá o conhecimento do que é realmente a organização. Do 4.º grau em diante os graus são denominados filosóficos.

O membro da ordem tem o direito de sair dela, e a ordem tem o direito de expulsar os indígnos.

No rito do grau de mestre, afirma-se: “Quais as virtudes que deve possuir um autêntico mestre?” — “Pureza de coração, veracidade de palavras, prudência ao agir, intrepidez nos males inevitáveis e zelo infatigável, se for o caso, para praticar o bem”. O aperfeiçoamento ético é tão enfatizado que exclui de todo a graça divina para justificação do homem, segundo os ensinamentos das Escrituras Sagradas, a Bíblia.

2. Organização — Para certos cargos só podem ser eleitos maçons com determinado grau. Os membros do Supremo Conselho devem ser do 33.º grau. No Grande Oriente, o poder executivo é exercido por um presidente — grão-mestre geral — eleito com um vice-presidente; há o Conselho da Ordem, composto de 21 membros. O poder legislativo é exercido pela Soberana Assembléia Federal Legislativa. O poder judiciário é exercido por meio de jurados, pelos Tribunais de Justiça, pelo Superior Tribunal, pelo Conselho Federal da Ordem, e pela Soberana Assembléia Federal Legislativa, cabendo a esta o julgamento de seus membros.¹⁵

Os trabalhos de uma loja maçônica, em geral, são: as cerimônias rituais, os estudos, seguidos de debates, e os trabalhos administrativos.

3. Maçonaria e Religião — O seu conceito de religião é relativista; todas as religiões são tentativas de apresentar a verdade divina, que é inatingível. O maçom “há de aderir à religião na qual todos os homens devem estar de acordo”. Isso demonstra a aceitação de uma religião meramente natural ou racional, sem confissão religiosa revelada. O texto das constituições apresenta apenas preceitos de lei natural, como: a proibição de servir aos ídolos e falsos deuses, a de blasfemar e a de matar.¹⁶ Aceita qualquer religiosidade, desde que concorde com seus princípios. Católico, maometano, judeu, espírita e evangélico se chamam de irmãos. A

maçonaria, nesse aspecto, também é uma força ecumênica. Para escreverem seus livros, utilizam-se de uma bibliografia bem variada: texto sagrado das pirâmides, jornal espírita, *A Chave da Teosofia*, *A Sabedoria dos Lamas*, *Lúcifer e Logos*, *Auxiliares Invisíveis* e outros.¹⁷

A maçonaria apresenta um conceito deísta de Deus, adotando a expressão o “Grande Arquiteto do Universo” — apelativo conhecido e propagado pela arte sacra medieval. A maçonaria tradicional não admite o ateísmo em seu meio, crê no teísmo mas se define como deísta. O conceito deísta apresenta um “Ser” neutro, indefinido, aberto a toda compreensão possível e impessoal; a visão maçônica de Deus, em geral, não permite pensar numa revelação de Deus, como crê o cristão.¹⁸ O teísmo professa a revelação de Deus aos homens, de modo que não só a razão, mas a Palavra de Deus introduz o homem no mistério de Deus e no conhecimento dos sábios propósitos do Criador.

O “Grande Arquiteto do Universo” é um Deus indefinido, impessoal, vago, uma “força construtora, ordenadora, evolutiva” que não corresponde ao conceito bíblico que nós aceitamos.

A maçonaria não é religião, mas é semelhante a uma religião, pois possui símbolos, rituais e livros sagrados. Pode-se dizer que a maçonaria apresenta uma religiosidade da carne, racional, falsificada. Enquanto os cristãos já encontraram a verdade em Cristo, os maçons ainda estão à procura dela e do aperfeiçoamento. Nessa busca pelo aperfeiçoamento, enfatizam o uso da razão e o apelo da consciência, não buscando a sabedoria divina. Confiam em suas próprias obras e chamam de fanáticos os que se envolvem em sua religião. A religiosidade maçônica, ainda que nobre e eticamente rigorosa, não é de Jesus Cristo.

Maçonaria é secreta; cristianismo é aberto. Maçonaria é para poucos; cristianismo é para todos. Maçonaria exige juramentos de sangue; cristianismo diz: Não jureis de modo nenhum. Maçonaria requer dinheiro e iniciação; cristianismo requer arrependimento e fé (...).

Charles A. Blanchard

Não entendo como um crente inteligente e consagrado possa pertencer a uma sociedade secreta (...) Alguns dos juramentos dos graus mais altos devem ser horivelmente inexprimíveis a qualquer homem que possua o genuíno sentimento.

R. A. Torrey

Além do seu conceito relativista da religião, do seu conceito deísta de Deus, a maçonaria não admite referências quanto à mediação de Jesus Cristo. Procura a verdade; é defensora do livre pensamento; mas não abre espaço para a procura da verdadeira resposta aos seus anseios: Jesus Cristo.

Para os maçons, eles possuem sua própria religiosidade, sem dogmas sectários, sem tradicionalismo, sem apego a esse ou àquele credo. Desse modo, incutem em seus membros os sentimentos de indiferença religiosa e apego à sociedade maçônica.

4. Igreja e Maçonaria — A Igreja Católica naturalmente não reagiu contra a maçonaria operária, pois dependia dos operários para a construção de suas catedrais. Quando os maçons se intelectualizaram e começaram a fomentar o espírito rebelde dos insatisfeitos com a sociedade e com a própria Igreja, os papas começaram a reagir. A maçonaria irregular, particularmente, sempre se envolveu com movimentos políticos e lutas anticlericais.

A Igreja Católica condenava a maçonaria por considerá-la uma heresia, que prejudicava a fé dos fiéis católicos e também por seu caráter secreto. O próprio governo francês, através de um decreto, condenou a maçonaria em 1737, por seu caráter de sociedade secreta: era proibido ao cidadão filiar-se a qualquer associação dessa natureza, principalmente a franco-maçonaria, e aos proprietários de cabarés, albergues, restaurantes e outros estabelecimentos era proibido receber tais grupos. Sendo secretas, podiam favorecer tramas prejudiciais à sociedade e à Igreja. Durante o século 16 estavam sendo propagadas as novas idéias sobre humanismo, cartesianismo, racionalismo, relativismo, reforma luterana e outras — que levariam à Revolução Francesa de 1789. Daí o zelo do governo e da Igreja Católica.

Em 1738, o papa Clemente XII condenou as lojas maçônicas com a bula *In Eminenti*. Os papas Bento XIV, Leão XII, Pio IX também as condenaram através de documentos oficiais da Igreja Católica. A condenação mais explícita e solene foi a de Leão XIII, com a encíclica *Humanum Genus* (1884). A despeito do conhecimento dos documentos, entretanto, católicos da Alemanha do Sul, Áustria, Boêmia e das Américas filiaram-se às lojas maçônicas.

O clero protestante sempre participou da maçonaria, bem como os bispos e pastores luteranos da Alemanha do Norte, Dinamarca e Suécia.

Em 1983, a Sagrada Congregação Para a Doutrina da Fé (da Igreja Católica) declarou que o católico que se filiar a uma associação maçônica comete pecado e não pode participar da Sagrada Comunhão.¹⁹

Se através dos tempos alguns evangélicos se têm filiado à maçonaria, a Igreja Evangélica Luterana do Brasil, através de um documento preparado pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais, e publicado em outubro de 1977, expõe sua posição frente à maçonaria:

O cristão luterano, submisso à Escritura, conhece a verdade, porque foi achado por Cristo e iluminado pelo Espírito Santo (Jo 8.31,32,47; Jr 2.13; Rm 1.22-24; 1Co 2.14).

O cristão luterano reconhece a incapacidade do homem de se conhecer e de se regenerar por suas próprias forças (Rm 7.18; Sl 51.10; Ef 2.1; Jo 3.5; 1Jo 3.6).

O cristão luterano conhece o seu Deus pelo nome verdadeiro (Jo 17.3; Mt 3.17; 28.19).

O cristão luterano confessa o seu Salvador (1Pe 2.9; Mt 10.32; 2Co 6.14-18).

O cristão luterano tolera o fraco mas não tolera o erro (Ap 2.29; Mt 7.15).

O cristão luterano reconhece as contribuições da maçonaria para a liberdade religiosa expressa em nossa Constituição, na prática da caridade, na indução de nobres sentimentos, mas tudo isso ele já encontra em sua própria religião.

O cristão luterano não tem comunhão com maçons, por ser a maçonaria uma organização secreta, que não confessa as doutrinas primordiais da fé cristã.

A Confissão Metodista da Inglaterra reprova a participação de seus fiéis nas lojas maçônicas pelos seguintes motivos: a índole secreta, não justificável publicamente; o conceito do Grande Arquiteto do Universo; o nome de Cristo excluído das fórmulas de oração cristã adotadas ocasionalmente; o 13.º grau de iniciação apresentar o nome Jahbulon para o Supremo (que se compõe de nomes de divindades diversas, revelando relativismo religioso); a salvação associada aos graus mais elevados.²⁰

No Brasil, diversos evangélicos pertencem ou pertenceram à maçonaria. Dos missionários (80% americanos e 20% ingleses), alguns eram maçons e não tinham preconceito contra a maçonaria. Salomão Ginsburg era maçom e isto lhe valeu como proteção em muitos perigos e perseguições, pois o inimigo de ambos era comum: o catolicismo.

Apesar de todas as observações já feitas, e de ser a maçonaria uma instituição filosófica e filantrópica, e não religiosa em seus objetivos, o bom cristão não sentirá o desejo de se dividir entre sua igreja e a maçonaria, quanto ao tempo, aos ideais, juramentos, contribuições, princípios etc. O bom cristão encontra em sua igreja a consumação de seus ideais espirituais e humanitários, isto é, quanto ao seu relacionamento com Deus e com o próximo.

NOTAS

- 1 *Homem, mito e magia*, vol. III, 1974, p. 714.
- 2 *Enciclopédia Mirador Internacional*, vol. 13, p. 7084.
- 3 *A Maçonaria*, documento elaborado pela Comissão de Teologia e Relações Eclesiais da Igreja Evangélica Luterana do Brasil, 1977.
- 4 SCHLESINGER, Hugo. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*, p. 230.
- 5 *Homem, mito e magia*, vol. III, p. 714.
- 6 *Enciclopédia Mirador*, p. 7085.
- 7 *Enciclopédia Verbo*, vol. XII, p. 924.
- 8 *Idem*, p. 929.
- 9 KLOPPENBURG, B. "Igreja e maçonaria", *Pergunte e responderemos*, 275/1984.
- 10 *A maçonaria*, *op. cit.*
- 11 OLIVEIRA, Raimundo F. de. *Seitas e heresias, um sinal dos tempos*, p. 206.
- 12 *Enciclopédia Mirador*, *op. cit.*, p. 7086.
- 13 *Homem, mito e magia*, *op. cit.*, p. 716.
- 14 ALBUQUERQUE, A. Tenório de. *Sociedades secretas*, p. 405.
- 15 WILGES, Irineu. *Cultura religiosa*, vol. I, p. 145.
- 16 ALBERTON, Valério. "O conceito de Deus na maçonaria". *Pergunte e responderemos*, 266/1983.
- 17 SANTOS, Sebastião Dodel dos. *A maçonaria através dos tempos*, p. 178.
- 18 KLOPPENBURG, B. *Op. cit.*
- 19 BETTENCOURT, Estêvão. *Maçonaria*. Ed. Santuário, Aparecida, SP.
- 20 *Pergunte e responderemos*, 284/1986.

SECULARIZAÇÃO

Secularização é tornar secular o que era eclesiástico. Do latim *saecularis* e *saeculum*: século, em sentido físico, e deterioração, em sentido moral. Na Idade Média, secular era quem existia no meio do mundo em contraste com aqueles que viviam no claustro. Secularização é, pois, um *processo* em que o sagrado se torna profano; o religioso se torna mundano; as pessoas, coisas; funções e instituições consagradas se tornam desconsagradas.

Em nossos dias, o secularista, ao rejeitar a religião, optou por uma ideologia sem Deus; esta ideologia lhe serve como religião, porque dá coesão e sentido para a vida da pessoa.¹

É um dos problemas mais sérios que as igrejas enfrentam atualmente. A secularização não somente tem afastado as pessoas das credências e superstições do passado, mas também as tem afastado da verdadeira religião, que se baseia na fé em Jesus Cristo. Tal fenômeno é novo na história da humanidade, no sentido de abranger um grande número de pessoas, isto é, constituir-se num fenômeno de massa. Através da história sempre houve aqueles que rejeitaram uma vida religiosa, mas parece que em nossos dias o número desses tem aumentado sensivelmente.

Em séculos passados ocorreram abusos em nome da religião, quando catedrais suntuosas foram construídas à custa da pobreza do povo e quando muitos foram perseguidos e mortos em nome da religião. Já nos dias atuais, observa-se um fenômeno oposto àquele. É o outro extremo. Antes, tudo era atribuído às forças transcendentais e tudo era feito em nome da fé; agora, chega-se ao ponto de não se reconhecer Deus como Ser sobrenatural e de reduzir Jesus Cristo a um homem comum. Outrora, ter religião era fato normal. A partir do século 18, entretanto, o ateísmo (não crer em Deus) passou a considerar a religião como irracional, alienante e nociva, que deveria ser até mesmo combatida.²

Em nossos dias, é comum encontrar-se pessoas que perguntam: "Por que ou para que ter religião?" Dizem que estão satisfeitas sem religião e sem fé.

O indiferentismo religioso não combate a religião diretamente, mas a menospreza. As causas desse indiferentismo podem ser agrupadas da seguinte forma:³

1) As pessoas estão tão absorvidas pelos problemas imediatos e urgentes do dia-a-dia que não se sentem dispostas a refletir sobre o sentido da vida. Não têm tempo nem gosto pela reflexão. A agitação da vida contemporânea não facilita o recolhimento silencioso do homem.

2) O afã em gozar a vida, ganhar dinheiro, obter êxito na carreira afasta o homem hodierno de suas preocupações com o espiritual. O homem se satisfaz com o seu materialismo e o seu consumismo. A busca dos bens materiais obscurece a busca pelos bens espirituais ou transcendentais. Se tudo é na base do utilitário, o homem secularizado não vê utilidade na fé. A crise da fé é mais intensa nos países ricos do Terceiro Mundo do que nos países onde há, por exemplo, perseguição religiosa ou restrições ao exercício da religião.

Em meio a esse materialismo, quando surge uma desgraça na vida da pessoa, ela se vê obrigada a refletir sobre o sentido da vida e sobre o que há de mais íntimo em si: o seu relacionamento com Deus. Por isso não é plenamente verdade que alguém possa ser feliz sem religião.

3) A urbanização crescente, em que o homem perde o contato com a natureza e se deixa absorver pelo trabalho, e a industrialização, que dá ao homem a falsa consciência de que é senhor de seu destino,⁴ são fenômenos sociais que aceleram a secularização.

4) O desinteresse religioso também pode ser consequência da luta que o racionalismo vem movendo contra os valores da fé, desde o século 18. A religião foi reduzida a um conjunto de fábulas e mitos, que fana-tiza e torna a pessoa intolerante. O religioso é considerado pelos racionalistas como ignorante, fraco, infantil, medroso, imaturo, indeciso.

Por estas razões, a verdadeira religião cristã deve ser evidenciada na prática dos cristãos para que os seculares vejam que ela não é a mesma do passado e que traz suas bênçãos na vida da pessoa que crê.

Quando o fenômeno da secularização é analisado, verifica-se que existem dois ângulos, dois enfoques principais, isto é, ele deve ser considerado nesses dois aspectos: 1) secularização como processo pelo qual elementos da cultura (economia, política, filosofia, literatura, artes, direito e outros) se libertam da autoridade da Igreja e dos dogmas. Este aspecto é positivo no sentido de cada setor alcançar sua própria maturidade e não ultrapassar o campo de sua competência. Antigamente, as ciências, as decisões políticas, educacionais e outras estavam subjugadas às opiniões da Igreja. A partir da secularização, cada setor foi se libertando dessa autoridade; para o exercício das religiões não-católicas houve maior aber-

tura, a partir dessa emancipação. 2) Secularização como processo histórico segundo o qual o homem se liberta da tutela das igrejas, dos ritos e dos dogmas, e do próprio Deus. Este aspecto é negativo quando destrói o próprio senso de religiosidade do homem.

Na verdade, enquanto “o otimismo secular confia no poder do homem, o otimismo cristão confia na graça de Deus”;⁵

I — RAÍZES DA SECULARIZAÇÃO

A secularização é um processo histórico, e como tal não pode ser visto como um fenômeno surgido de repente, ainda que caracterize a sociedade contemporânea.

Suas raízes estão no movimento denominado da “morte de Deus”, que apareceu nos Estados Unidos e na Europa, na década de 60. Quem influenciou a filosofia da morte de Deus foi o neopositivismo. Para esses pensadores (neopositivistas), somente podemos conhecer aquilo que podemos experimentar. Assim, Deus, que não pode ser visto nem tocado, não existe. Sobre Jesus Cristo, porém, não se colocam dúvidas, uma vez que foi comprovado historicamente. Jesus Cristo, entretanto, é visto apenas como um homem que lutou por uma nova sociedade, livre das injustiças sociais.

Dentro da filosofia da morte de Deus, o nome mais importante é o de Wilhelm Friedrich Nietzsche, filósofo alemão ateu (1844-1900). Proclamando a morte de Deus, Nietzsche apresentou o novo sentido que é dado ao mundo, à vida, à história e à cultura. Esse sentido é representado pelo super-homem, que transforma todos os valores existentes. Nietzsche expôs muitos pensamentos contraditórios: “matando” Deus, anulou a esperança do homem e o deixou sozinho para resolver todos os seus problemas. O super-homem não é aquele dos filmes ou das histórias em quadrinhos, mas é o próprio ser humano dotado de grandes poderes para modificar sua vida e seu ambiente. Por causa de suas contradições, provavelmente, Nietzsche acabou morrendo louco.

Outro pensador responsável pelo aniquilamento da religião foi Sigmund Freud (1856-1939). Sua psicanálise nasceu num clima de contestação da religião.⁶ O pensamento de Freud influenciou a interpretação secular posterior da revelação, da religião, de seus dogmas e ritos. Para Freud, Deus, ordem moral do Universo, vida no além correspondem apenas àquilo que o homem deseja que exista; são ilusões; a religião coletiva é paralela à neurose individual da pessoa.

Paul Tillich, teólogo alemão protestante, radicado nos Estados Unidos de 1933 a 1965, quando morreu, diante do fenômeno da secula-

rização, tentou demonstrar que a fé cristã é fruto dos problemas filosóficos modernos e da antropologia cultural. Para Tillich, os cristãos devem exprimir sua experiência, por ele chamada de “ausência de Deus”, a fim de que o mundo reconheça a validade dessa experiência de fé. Por causa dessa maneira de pensar, Tillich não pode ser considerado um teólogo da morte de Deus, mas da ausência de Deus. Para Tillich, Deus se afastou para mostrar que as formas religiosas precisavam de honestidade e de sentido do sagrado.⁷ Ele deixa em aberto a esperança de que Deus vai voltar, depois de ter destruído sua falsa imagem.

Dietrich Bonhoeffer (1906-1945) é apontado como o pai da “teologia secular”, do “cristianismo a-religioso”. Teólogo luterano, foi morto pelo regime de Hitler em 1945. A ênfase de seus escritos é que as igrejas devem “enfrentar o mundo secular, levando uma mensagem autenticamente cristã de amor pelo outro e de fidelidade à Revelação”.⁸ A sua proposta é uma religião vivida na sociedade, pois “somente no meio do mundo, Cristo é Cristo”. A fé não deve se restringir ao culto e aos exercícios espirituais, mas também estar ligada à totalidade da vida.

A. T. Robinson, bispo anglicano, representa a “teologia radical” inglesa, bem longe do ateísmo revolucionário. Sua ênfase é posta na interiorização de Deus, isto é, colocar Deus dentro de nós, em vez de deixá-lo lá em cima. A imagem da profundidade de Deus deve substituir a da elevação de Deus, e isso como resposta à secularização.

Dois sociólogos protestantes têm exposto seus pensamentos, refletindo sobre a sociedade secularizada: Gabriel Vahanian, nascido em 1927, e Harvey Cox, nascido em 1929, pastor batista. Para Vahanian, a cultura moderna aos poucos vem perdendo as marcas do cristianismo. Pela falta de vivência do cristianismo no meio secular, a impressão que fica é que Deus não existe. Vahanian demonstra pessimismo quanto à volta da influência benéfica do cristianismo em demonstrar que Deus está vivo e atuante no meio dos homens.

Harvey Cox é mais otimista, apresentando uma teologia secular. Ele espera encontrar em Jesus o homem da reconciliação dos níveis da estruturação do mundo e do homem. Para Cox há esperança de dar sentido a Deus através do próprio homem.

Dois nomes da atualidade influentes no debate da morte de Deus são Hamilton, que em 1966 escreveu *Radical Theology and the Death of God* (Teologia radical e a morte de Deus), e Altizer, que em 1966 escreveu *O Evangelho do Ateísmo Cristão*. Hamilton não apela a Deus para suprir nossas necessidades, ao mesmo tempo que não rejeita o homem Jesus, embora não conceba Cristo como o Deus encarnado, mas como homem com o qual ele mesmo se identifica. Altizer sustenta que

os cristãos têm a missão de ensinar ao mundo a notícia da morte de Deus. É o mais radical. Para ele, Jesus se tornou um mito. Ele busca o significado da “encarnação da Palavra” no mundo secular. A morte de Deus significa, para Altizer, “a nossa liberdade para alcançar sem reservas este mundo que se está realizando”.⁹

No âmbito da Europa e Estados Unidos, estes têm sido os principais pensadores no debate a respeito da secularização. Observa-se que rejeitam a idéia de um Deus transcendente e o quiseram trazer para perto ou para dentro do homem; ou, por outro lado, anularam completamente a presença de Deus na experiência humana. A religião cristã, como vinha sendo apresentada principalmente pelas igrejas institucionalizadas, já não servia aos propósitos da humanidade.

No Brasil, até 1759, quando os jesuítas foram expulsos, o processo de secularização não afetou a religião, pois o antagonismo secular — religioso não se manifestou, segundo a opinião de Valmor Bolan.¹⁰

A Revolução Americana (1776) e os movimentos de libertação nacional que, na Europa, foram influenciados pelo iluminismo (resolve os problemas pela razão, pela ciência e pela filosofia), atingiram também o Brasil. A partir de então, a religiosidade começa a ficar abalada e comprometida. A partir de 1821, começaram conflitos entre a religião católica e o poder civil, situando-se aí a “questão religiosa”.

Além das lutas republicanas, o positivismo (dá ênfase às ciências e à experiência sensível) também começou a influenciar o pensamento brasileiro. As idéias evolucionistas de Darwin chegaram até nós através da crítica aos postulados religiosos. O positivismo refletiu sobre a divisão Igreja — Estado. Cresceram as ciências positivas e diminuíram a teologia e a metafísica. Surgiu, ao mesmo tempo, uma nova burguesia, representada por médicos, engenheiros e militares, que, dotada de cultura, não mais aceitava o domínio da Igreja Católica sobre todos os setores da sociedade. A nova elite brasileira buscava explicações racionais para o fenômeno social. Rui Barbosa foi um dos que se levantaram contra a Igreja. A tendência positivista se apresentou secularizadora à medida que se preocupou com problemas sociais e humanos e não com os transcendentais.¹¹

Após a influência negativa do positivismo, a Igreja Católica começou um processo de aceitação e de preocupação com a justiça social e a dignidade humana.

O processo de secularização no Brasil foi acelerado através da industrialização e da urbanização.

A técnica avançou, a capacidade de organização social aumentou, segredos da natureza foram sendo descobertos, e, assim, as explicações

racionais e científicas foram substituindo pouco a pouco as interpretações religiosas do mundo e do homem.

A urbanização, isto é, a transformação crescente de vilas em cidades e de pequenos centros em grandes metrópoles, junto com a industrialização, isto é, o aparecimento de indústrias em muitos setores, concentraram as populações nas cidades maiores. Nesse ambiente, a luta pela vida foi abafando o sentimento religioso.

Ao lado do iluminismo e do positivismo, teve início no Brasil, a partir de 1860, um notável progresso econômico, quando o padrão de vida de algumas classes foi elevado. As marcas mais fortes, porém, da industrialização sobre a economia brasileira se deram a partir de 1939, vindo a trazer mudanças no aspecto sócio-cultural e um novo processo de interação social.¹²

Com a industrialização e a urbanização, as pessoas do campo migraram para as cidades. Observa-se uma transformação do *ethos* sócio-cultural. Nas grandes cidades, a família e a religião, em tese, já não têm a predominância absoluta; a instituição dominante é a economia; as instituições já não estão subordinadas à Igreja como antigamente. A sociedade brasileira sofre diferentes graus de secularização ao mesmo tempo, porque ainda não existe um desenvolvimento definido e homogêneo em todos os setores. Mesmo nas grandes cidades, convivem pessoas de todos os níveis, ricos e miseráveis, cultos e analfabetos, os de mentalidade rural e os de mentalidade urbana, os sofisticados e os caipiras, as famílias tradicionais e as mais modernas. Em razão dessa variedade de situações sociais, nota-se também maior variedade nos sistemas de valores: pessoas mais secularizadas convivem com as menos secularizadas, em diferentes níveis.

Dadas as principais raízes da secularização, podemos apontar algumas de suas principais características.

II — CARACTERÍSTICAS

As características da secularização já apareceram no decorrer do exposto. De maneira mais explícita, pode-se apontar:¹³

1. **Objetivação da Natureza** — Numa sociedade dominada pela religião, a natureza é vista e compreendida do ponto de vista sobrenatural. Quando ocorrem mudanças culturais, tecnológicas e sócio-econômicas, as perspectivas do homem também mudam. Se antes o homem procurava a divindade para curar sua doença, pela magia e superstição, agora que aprendeu a dominar os vírus, através das vacinas e antibióticos, recorre às forças naturais. As descobertas sobre o mar, os ventos, os astros, a Lua, os planetas tiraram do homem o medo da

natureza, pois ele agora manipula suas forças, a partir do secular, do mundano, não mais do religioso.

Desaparecem os ritos mágicos para aplacar os deuses da natureza, surge a desafeição ao sagrado, desaparece a preocupação com a escatologia (últimas coisas). A palavra que caracteriza essa objetivação da natureza é “desencantamento”, utilizada por Max Weber e posteriormente por Harvey Cox, em *A Cidade do Homem*. Desaparece o respeito pelas coisas sagradas, como, por exemplo, pelo domingo. As fábricas e o comércio funcionam no dia antes consagrado. Só param nos feriados, objetivando o lazer das pessoas. “O espaço sagrado desaparece”. A objetivação da natureza significa tornar tudo prático, objetivo e racional, em lugar de transcendental, mítico e religioso.

2. Aumento da Racionalidade — O pensamento tradicional identifica os fenômenos naturais com o sobrenatural, com o espiritual. O homem tradicional procura a religião para resolver os seus problemas. Com o avanço da tecnologia e da industrialização, o pensamento do homem urbano mudou. Suas relações com os outros são mais secundárias, impessoais e burocráticas. Os sentimentos e as emoções são colocados de lado. Predomina o pensamento racional.

Na atual conjuntura competitiva da sociedade, o homem precisa progredir, aperfeiçoar-se, trabalhar muito; precisa utilizar constantemente seu raciocínio para levar vantagem no ambiente profissional e no dia-a-dia; não tem tempo para amizades, sentimentalismos. Seu novo *ethos*, isto é, modo de vida, é funcional e prático. A ciência, o trabalho, a troca de bens são racionalizados e não sofre interferência religiosa.

O próprio pensamento religioso é racionalizado; os padrões tradicionais de fé são revistos e contestados. Uma nova organização do sistema religioso começa a emergir, a partir de novas idéias.

3. Privatização das Relações Religiosas — Com a secularização, diminui a força de influência da igreja na vida das pessoas e das instituições. Como no Brasil o quadro é bastante heterogêneo, no que diz respeito aos setores mais e menos secularizados, sente-se a influência da religião em alguns segmentos da sociedade, enquanto que, em outros, tal não ocorre.

A religião é exercida em pequenos grupos mais que em grandes assembleias e manifestações populares através de procissões, cruzadas etc. A religião se torna cada vez mais privativa de alguns, percebendo-se a decadência da religião institucionalizada. A religião vai servir como refúgio para aqueles que se ressentem com as relações sociais apenas secundárias e burocráticas. Enquanto aumenta o fenômeno da institu-

cionalização dos demais setores sociais, o sistema religioso tende a desinstitucionalizar-se.

Com a secularização crescente, a religião integra-se à vida privada de indivíduos ou grupos, enquanto perde seu domínio na sociedade em geral. A autoridade eclesiástica diminui. A Igreja se desvincula do poder político.

Essa é a mais importante característica da secularização: a privatização da religião, “que não funciona mais como sistema de legitimação da sociedade global”.

4. Religião Como Refúgio — Uma das funções da religião é a de ajustamento social. Com a secularização, a religião não atinge toda a sociedade, mas apenas alguns grupos. Novas ideologias particulares são formadas. Nesse caso a religião serve para o homem reencontrar sua interioridade, refletir sobre sua vida, relacionar-se satisfatoriamente com os outros. Nesse aspecto, surge a religiosidade popular (oposta à religião institucionalizada), manifesta nos grupos pentecostais e mediúnicos do Brasil. Thales de Azevedo¹⁴ diz que ocorre uma troca do objeto da religiosidade: de uma religiosidade “sagrada” passa-se para uma religiosidade “secular”, ou seja, a religiosidade passa a ter por objetivo trazer soluções para os problemas terrenos, seculares ou mundanos, como: saúde, fortuna e amor. As forças cosmológicas ou entidades sacras são colocadas a serviço da satisfação das necessidades vitais. Não há religiosidade no sentido de religar o homem a Deus, fazer sua vontade, agradá-lo, servi-lo.

Apesar do processo de secularização, evidente na sociedade contemporânea, ainda existe muito sentimento religioso e mítico (relacionado aos mitos), mesmo que a nível privativo e não a nível social.

O mito é encontrado a nível profano: no cinema, teatro, novela, futebol, tourada, moda, leituras. A religiosidade se manifesta em áreas privadas, havendo pluralidade nas manifestações (muitos grupos religiosos independentes) e tolerância religiosa a todos. As igrejas não mais podem se ocupar apenas com o eclesial, mas precisam tratar do social e do político, segundo o pensamento de alguns, para enfrentar o processo da secularização. Alguma coisa nas igrejas precisa mudar. As igrejas institucionalizadas, cada vez mais, estão servindo apenas como fontes inspiradoras de ideologias, quando no passado eram a única matriz das ideologias. As religiões vão perdendo sua função exclusiva de ajustamento social.

III — O CRISTIANISMO E A SECULARIZAÇÃO

Diante do processo da secularização da sociedade contemporânea, como fica o cristianismo? Afirmam alguns que ele também se secular-

rizou, por exemplo, nos Estados Unidos, quando se esvaziou de sua substância e de um revestimento cristão aplicado a realidades temporais.¹⁵ Dizem também que o cristianismo transmudou-se na forma de religiões seculares que dizem ter saído do cristianismo e ter conservado o essencial dele. Esses aspectos, entretanto, são pejorativos.

Uma das formas que o catolicismo encontrou para secularizar o cristianismo foi centrá-lo sobretudo na caridade. Se o que importa é amar em atos a um próximo bem concreto, o amor de Deus e a Deus pode ficar reduzido a palavras ou gestos simbólicos. O cristianismo secularizado se manifesta pelo serviço à humanidade, dos cristãos em geral e dos líderes em particular. É o cristianismo serviço, pobreza, diálogo, comunidade de amor.

O cristianismo também se torna secular quando passa a representar um evangelho social ou cristianismo social, que repercutiu no protestantismo e no catolicismo do passado.¹⁶ A secularização aqui “consiste em recolocar no primeiro plano as categorias políticas da mensagem cristã: reino, reinado e realeza, povo, cidade, igreja-assembléia, serviços públicos, lei, publicação, atos diversos da vida pública para designar realidades cristãs”.¹⁷ A igreja realizaria seu papel não falando exclusivamente, mas ajudando (*diakonía*) e mostrando na prática o ideal futuro (*koinonía*). A igreja, nesse sentido, ajudaria os movimentos de transformação.

Em terceiro lugar, o cristianismo pode secularizar-se no anonimato do cristão; neste sentido aceitar-se-ia a fé implícita, até mesmo de um ateu. Basta crer, não é preciso pertencer a igreja alguma. Assim o cristianismo secularizado estaria presente em todas as pessoas.

Como já foi dito, não se pode aceitar que o fenômeno da secularização já tenha alcançado todas as sociedades do mundo. Ainda existem muitas pessoas religiosas, tementes a Deus, fervorosas, cristãs verdadeiras. As igrejas institucionalizadas ainda não perderam sua autoridade total; ainda são respeitadas e obedecidas por muitos. Para Comblin,¹⁸ a secularização é transitória, não passa de fenômeno efêmero.

Faz-se necessário, entretanto, uma palavra de alerta, a fim de que as igrejas assumam uma posição definida diante do processo da secularização. As seitas prosperam. As igrejas tradicionais estão sofrendo os efeitos da secularização.

Qual o melhor caminho a ser tomado pelas igrejas, em face do processo da secularização?

Já foram mencionadas as soluções, ainda que ligeiramente, dos teólogos. Na América Latina, alguns teólogos têm apresentado o serviço social como uma opção válida para maior penetração das igrejas no mundo secularizado. Para outros, como Fernando Vangioni,¹⁹ antes de resolver

os problemas sociais, políticos e econômicos, o homem precisa reconciliar-se com o Pai, obter perdão dos pecados e paz da alma; daí a ênfase dos cristãos na evangelização. J. M. Rico propõe uma renovação social pelo novo nascimento, afirmando que as novas criaturas é que renovarão a sociedade.

Na verdade, a solução está em cada cristão. A maior responsabilidade diante do mundo secularizado é dos cristãos. A esperança está no testemunho vivo dos cristãos. As igrejas não podem permanecer fechadas em si mesmas, tais e quais as sinagogas judaicas (no dizer de Comblin). A partir dos cristãos, elas devem se abrir à sociedade e aos problemas do homem moderno. Os cristãos devem estar no mundo sem serem do mundo (Jo 15.19; 17.14-16); não devem se conformar com o mundo, mas transformar-se pela renovação de seu entendimento (Rm 12.2). O cristianismo não é irracional; os cristãos devem estar informados sobre os problemas hodiernos e dar a resposta cristã aos mesmos.

A resposta cristã ao indiferentismo de hoje será a palavra e a vida. Quem não crê é porque não conhece o verdadeiro Deus e sua Palavra. Ela deve, portanto, ser proclamada em sua pureza (Rm 10.14-17), para que as pessoas tomem conhecimento e venham a crer em Jesus Cristo. A vida do cristão, por seu lado, fala mais alto do que suas palavras. Um cristianismo vivido de fato, em todos os sentidos, atrairá aqueles que ainda não creram em Jesus. Deverá ser uma mensagem autêntica e autenticada pela vida de amor, paciência, plena do fruto do Espírito Santo. Os rituais, o formalismo, a liturgia, os aparatos devem ser deixados de lado e a vida cristã deverá ser uma vida real. "Os autênticos cristãos vêm a ser o sinal mais eloquente da presença de Cristo e da eficácia de seu evangelho entre os homens". Diante da indiferença religiosa, cabe a cada cristão "suscitar a interrogação religiosa e a necessidade do encontro experimental com Deus".²⁰

NOTAS

1 LOTZ, Denton. *Grupos e ideologias seculares*, apostila, p. 3.

2 *Pergunte e responderemos*, n.º 297, fev./87, p. 50.

3 Idem, p. 58ss.

4 *Pergunte e responderemos*, n.º 206, fev./77.

5 LEPARGNEUR, Hubert. *A secularização*, p. 25.

6 Idem, p. 32.

7 Idem, p. 37.

8 Idem, p. 39.

9 Idem, p. 68.

10 BOLAN, Valmor *Sociologia da secularização*, p. 38.

11 Idem, p. 44.

12 Idem, p. 51.

13 Baseado em BOLAN, *op. cit.*, p. 31ss.

14 AZEVEDO, Thales. *Catolicismo no Brasil*, Vozes, nº 2, fev./1969, p. 123.

15 COMBLIN, José. *Mitos e realidades da secularização*, p. 75.

16 Idem, p. 83.

17 Idem, p. 84.

18 Idem, p. 167.

19 In: WAGNER, Pedro. *A teologia latino-americana*, p. 88.

20 *Pergunte e responderemos*, 20/1977, p. 60.

EVOLUCIONISMO

Em todas as épocas da humanidade foi sentida a oposição à fé e à religião; não propriamente à religião como prática mística, ou como tradição fetichista, supersticiosa, cabalística, mas oposição à religião que prega a existência de um Deus pessoal, presente, criador do Universo e sustentador do mundo e do homem, onisciente, onipresente, onipotente; oposição à religião que prega um Deus que deu seu Filho unigênito para a doação da vida eterna aos homens.

A partir do progresso das ciências, no século passado, a oposição se/tem intensificado através de teorias, filosofias e ideologias, que procuram propagar a inexistência de Deus, e o darwinismo foi uma dessas. Surgida em 1859 com a *Origem das Espécies*, de Charles Darwin, embora tenha sido fomentada anteriormente, a teoria da evolução dos seres vivos transformou-se em verdadeira crença no progresso sem fim da humanidade. Tomou a forma de uma nova mística religiosa sem Deus, particularmente cultivada e estimada pelos agnósticos e ateístas do fim do século 19 e começo do século 20.

O termo “evolução” pode ser definido em relação a cada organismo e a cada espécie. Em relação a cada organismo, evolução é o processo pelo qual, a partir do ovo, se chega ao estado adulto. Em relação à espécie, refere-se ao conjunto de estágios e de mecanismos que, a partir de seres primitivos, contribuíram para o aparecimento das espécies do reino vegetal e animal. Dentro do segundo aspecto, deve ser distinguido o que se pode considerar fato comprovado cientificamente e teorias propostas para explicá-lo. O conjunto dessas teorias é chamado de evolucionismo.

A evolução é um fato, dado o conjunto de provas convergentes, paleontológicas, biológicas, embriológicas etc.¹ As teorias, entretanto, são diversas e, até o presente, nenhuma delas explica todos os fatos conhecidos nem resolve todas as dificuldades científicas levantadas.

I — DADOS HISTÓRICOS

Lamarck foi o primeiro que despertou para um estudo sério sobre o assunto da evolução das espécies. Publicou suas opiniões em 1801 e ampliou-as em 1809 e em 1815. Sustentou que todas as espécies, inclusive o homem, derivam de outras espécies. Duas foram suas afirmações básicas: o meio provoca adaptações do ser vivo; os caracteres, assim adquiridos, são transmissíveis hereditariamente. Essa hereditariedade não foi comprovada até hoje. Cinquenta anos depois de Lamarck, apareceu a obra de Charles Darwin. Nesse ínterim, outros pensadores expuseram suas idéias evolucionistas: as espécies são variáveis de um mesmo tipo (Geoffrey Saint-Hilaire); a seleção natural para a raça humana (W. C. Wells, 1813); e outros.

Charles Robert Darwin (1809-1882) nasceu numa família caracterizada pela pesquisa e pelo apreço às ciências naturais, em Shrewsbury, Inglaterra. Seu avô, Erasmo Darwin, era naturalista.

Por aquela época, a Inglaterra foi marcada por grandes mudanças: revolução (1830/1848); liberalismo contra as imposições monárquicas; nacionalismo procurando os povos da mesma origem; socialismo que pregava igualdade cultural, social e econômica. A Igreja Católica desenvolveu uma teoria social cristã, baseada na solidariedade e na justiça social. Essas tendências desencadearam a luta pela vida. A partir daí Darwin dá sua contribuição, descobrindo novos horizontes no âmbito biológico.

Darwin escreveu algumas obras: *Viagem de um Naturalista ao Redor do Mundo* (1838); *A Origem das Espécies* (1859); *Estrutura e Distribuição dos Bancos de Coral*; *Observações Geológicas nas Ilhas Vulcânicas*; *Observações Geológicas na América Meridional* (as três últimas entre 1842 e 1846); *Pesquisas Sobre Cirrípedes* (8 anos) — 2 volumes (1851-1854); *Fecundação das Orquídeas por Obra dos Insetos* (1862); *Varição dos Animais e das Plantas no Estado Doméstico* (1868); *A Origem do Homem e a Seleção em Relação ao Sexo* (1871); este último ele escreveu após viagem ao redor do mundo a bordo do *Beagle*. Devido a problemas de saúde, depois desse livro, escreveu apenas folhetos, inclusive um com seu filho Francis: "Capacidade de Movimento das Plantas" (1880).

II — FATORES DA EVOLUÇÃO

Os fatores que influenciam a evolução podem ser divididos em externos e internos. Os internos são próprios do organismo que evolui, e os externos são provenientes do ambiente em que o organismo vive.²

Os fatores internos são as mutações, a poliploidia, a hibridação, seguida de poliploidia e neotenia. Os externos são: a ação física das várias formas de energia (radiações etc) ou de matéria (ações químicas, alimentação etc); o isolamento em todas as suas formas; a eliminação dos mais fracos (seleção natural) e as catástrofes (eliminação de quase todos). A compreensão desses fatores é importante para a compreensão do evolucionismo.

1. Mutações — Resultam de acidentes que afetam os genes (unidade genética responsável pelas diferenças individuais), modificando os caracteres de um indivíduo isolado. São variações bruscas e realizadas de uma só vez, sem estados intermediários, num ser vivo ou em vários, isolados no meio de uma população que se mantém estável. As mutações podem ser naturais ou provocadas; imperceptíveis ou demonstrar monstruosidades. Para que a mutação, ou seja, a mudança provocada pelo gene, vingue na natureza, é necessário que haja um isolamento geográfico ou de outra natureza que favoreça o cruzamento entre indivíduos com a mesma mutação; ou é necessário que haja um fator dominante, isto é, que o mutante seja mais apto para sobreviver do que os outros indivíduos, no que se refere à resistência, vigor e fertilidade. Não havendo esses fatores, o mutante será extinguido.

2. Isolamento Sexual — O êxito das mutações depende do isolamento. Os seres mutantes podem ficar isolados devido a fatores geográficos, como rios, lagos, ilhas, mares; a flora e a fauna autóctones comprovam esse fator em nossos dias, bem como os fósseis encontrados. O isolamento pode se dar devido a hábitos de vida, época de reprodução, lugar para reprodução, que são diferentes dos não-mutantes para os mutantes. Quando a mutação altera os órgãos copuladores, dá-se um isolamento genital, mediante a impossibilidade de cruzamento com os não-mutantes. O isolamento genético ocorre devido a alterações nos cromossomos, que impedem a fecundação ou originam híbridos estéreis.

3. Seleção Natural por Ação do Meio — Os menos aptos são isolados e eliminados. A seleção natural tem sido um fator de estabilidade e não de evolução, pois elimina os casos extremos e faz predominar a média. Um caso de seleção pela ação do meio são as catástrofes que fazem prevalecer os mais aptos.

4. Poliploidia — É a duplicação, triplicação etc. do número de cromossomos; resulta de uma fecundação sem que a meiose (multiplicação das células) tenha reduzido à metade o número de cromossomos. Este acidente, natural ou provocado, pode dar origem a espécies estáveis, principalmente no campo vegetal.

Dadas essas explicações, observar-se-ão as ênfases de cada obra de Charles Darwin.

III — CARACTERÍSTICAS DA TEORIA DE DARWIN

No livro *A Origem das Espécies*, Darwin parte das seguintes proposições:

- Todas as partes do organismo e todos os instintos oferecem pelo menos diferenças individuais.
- A luta constante pela existência determina a conservação dos desvios de estrutura ou de instintos que podem ser vantajosos.
- Gradações no estado de perfeição de cada órgão.

As espécies são apenas variedades bem acentuadas, cujos caracteres são tornados permanentes num ato de alto grau. A extinção de espécies e de grupos completos de espécies é consequência inevitável da seleção natural; as formas antigas devem ser substituídas pelas formas novas e aperfeiçoadas.

Darwin afirmou: “Estou convencido de que a seleção natural tem sido o agente principal das modificações, mas jamais o foi exclusivamente só.”

Sua obra *A Origem do Homem e a Seleção em Relação ao Sexo* baseia-se nos seguintes princípios: o homem, como qualquer outra espécie, descende de outra forma qualquer preexistente; o desenvolvimento do homem foi evolutivo; existe valor nas diferenças entre as raças humanas.

Para ele, o homem descende de uma forma menos organizada. Para essa afirmativa, baseia-se nas semelhanças, por exemplo: dos fetos humanos e caninos; estrutura óssea do homem, macaco, foca, morcego; pêlos, mamas, cartilagens existentes em várias espécies; e outras semelhanças.

A seleção sexual depende do êxito de alguns indivíduos sobre outros, por causa dos seus caracteres físicos. A variabilidade de tipos contribui para a seleção, pois certos tipos são mais aceitos do que outros e assim se reproduzem. A preferência dos tipos está ligada à cultura, ao modo de vida, ao senso estético, aos valores morais e sociais da época etc.

Segundo o darwinismo, os seres vivos variam em todos os sentidos e multiplicam-se de tal maneira que a falta de subsistência os levaria à luta pela vida. Esta luta provocaria a seleção natural dos mais aptos, orientando assim a evolução dos seres vivos num sentido favorável à sua sobrevivência. A dificuldade maior de sua teoria continua sendo o fato de as variações casuais não serem transmissíveis. Por outro lado, a seleção natural não é tão eficaz como Darwin julgava.³

Uma evolução nos moldes darwinianos leva milhões de anos para se efetuar. Um outro evolucionista, Hugo de Vries (1901), através de sua teoria do mutacionismo, concebeu a evolução por saltos bruscos; a paleontologia e a biologia verificam que a evolução se dá por saltos: a longos períodos de estabilidade sucedem-se outros onde a evolução se processa com uma velocidade que depois diminui, para dar lugar à estabilidade novamente.

Depois das primeiras descobertas relacionadas ao evolucionismo, um estudo mais pormenorizado e aprofundado conclui que as mutações, por si sós, não explicam todo o processo evolutivo das espécies. G. Simpson tenta estabelecer um compromisso entre o mutacionismo e o darwinismo. Dessa posição, surgiu a posição mais comum dos cientistas ocidentais: o neodarwinismo.⁴

Podem citar-se como teorias evolucionistas o monismo de Haeckel e o evolucionismo de H. Spencer, que aplicam a concepção evolucionista a todo o universo inorgânico, orgânico, psíquico, moral e religioso: tudo está evoluindo. Julien Huxley procura instaurar um humanismo científico que garante o progresso futuro, a partir do progresso passado. H. Bergson coloca uma finalidade de sentido espiritualista no evolucionismo: é o élan vital que provocou a evolução dos seres vivos e que leva ao novo progresso futuro. Teilhard de Chardin concebe um Universo que se complexificou até o aparecimento da vida e atualmente até o aparecimento da reflexão, da consciência; o Universo continua se complexificando.

A evolução defende a idéia de que, em todas as esferas da vida, ocorre um processo do mais simples ao mais complexo.

IV — AVALIAÇÃO

Não somente Darwin defendeu o evolucionismo. Existiram outros, como Linneo, que aceitava a criação efetuada por Deus de um casal de cada espécie, que se multiplicou, admitindo as modificações dentro da espécie e as variações devido às influências do meio; negava a mutabilidade das espécies.

Através dos tempos surgiram os evolucionistas teístas, admitindo a criação da matéria por Deus, que começa, dirige e controla todo o processo, principalmente o aparecimento do homem sobre a face da terra, ainda que servindo-se para tanto de causas segundas. Surgiram, também, os ateístas, admitindo uma matéria eterna em constante movimento e progressiva evolução, desde o inorgânico ao orgânico, desde o simples ao complexo, até chegar ao homem, sem intervenção alguma de um ser supremo, transcendente ao mundo. Dentre esses, encontram-se Haeckel

e Julien Huxley, que disse ser Deus uma criação do homem. Nesse caso, o evolucionismo conduziu ao ateísmo. Os cientistas cresceram no conhecimento e apostataram de Deus.

O evolucionismo constituiu-se em objeto de reflexão filosófica e de apreciação teológica, tal o impacto que causou sobre o pensamento da humanidade. As teorias evolucionistas foram apresentadas, em tom polêmico, como contrárias à Bíblia e à teologia. A principal razão dessa polêmica relaciona-se com a origem do homem, associada a espécies inferiores.

Apesar de já ter tido muitos defensores, o evolucionismo foi perdendo sua força através dos tempos, devido às suas falhas e ao aparecimento de outras descobertas científicas. Os próprios evolucionistas concordam em que não podem falar com segurança do método de operação da teoria, isto é, seu mecanismo é incompreensível. O evolucionismo, até hoje, não mostrou todos os elos de ligação entre os seres brutos e os homens; entre os vegetais e os animais; entre os vertebrados e os invertebrados; não há exemplo de transmutação de espécie nas camadas geológicas ou nas camadas atuais. A esterilidade dos híbridos, a superioridade de um reino sobre o outro, o fato de as características do reino vegetal serem diversas das do reino animal são algumas das muitas objeções ao evolucionismo.

Num dos centros americanos mais avançados, a Universidade de Iowa, em Ames, EUA, o reitor da Faculdade de Engenharia e engenheiro químico Dr. David Boylan manifestou-se contrário à teoria da evolução das espécies e adepto do criacionismo científico. Ele é apenas um entre dezenas de cientistas que estão defendendo essa teoria criacionista, em contraposição à da evolução. Seu objetivo é eliminar o ensino da teoria evolucionista nas escolas. Seu movimento, dizem eles, não visa defender uma doutrina religiosa, mas estabelecer uma teoria científica coerente.⁵

Dr. Boylan é membro dos conselhos consultivos das duas maiores organizações criacionistas: a Sociedade de Pesquisa da Criação, em Ann Arbor, e o Instituto Para Pesquisas Sobre a Criação (ICR) de San Diego. Esse instituto já lançou mais de 100 livros, revistas gratuitas, filmes e cassetes sobre o criacionismo. Também lançou textos escolares e plano de currículo para todos os níveis de ensino, bem como monografias e até livros infantis.

Henry R. Morris, diretor do ICR e presidente da Faculdade de Herança Cristã, escreveu vários livros sobre o assunto. Defende uma criação recente, sobrenatural, do Universo e de todos seus componentes básicos, por obra de um Criador transcendental.

Os criacionistas se apóiam nas duas leis da termodinâmica. A primeira, sobre a conservação da energia, afirma que a energia pode ser convertida de uma forma em outra, mas não pode ser destruída. Isso, diz Morris, “demonstra de maneira bastante conclusiva que o Universo não se criou sozinho”. A segunda lei, que rege a queda da energia, estabelece o princípio da entropia: em qualquer mudança física, a energia diminui constantemente em utilidade, tendendo a um estágio final de completo acaso e indisponibilidade. Essa queda é um argumento contra a evolução, pois apresenta uma involução.

Outro argumento dos criacionistas é que, como todas as teorias sobre as origens são especulativas, todas são igualmente válidas e merecem ser ouvidas nas salas de aula, não apenas a da evolução.

Aqui no Brasil, na Universidade Mackenzie, São Paulo, de orientação presbiteriana, verifica-se uma clara oposição à divulgação da teoria evolucionista. Folhetos antievolucionistas têm sido distribuídos, principalmente por ocasião da Semana Charles Darwin, realizada em 1983, para comemorar o centenário de sua morte. Rubem Alves, professor de filosofia na UNICAMP, estabelece um critério de avaliação em relação ao evolucionismo. Para ele, um aspecto do criacionismo é filosófico, isto é, o Universo apresenta fenômenos e leis tão maravilhosos que, mesmo sem falar em religião, as pessoas são levadas a pensar que essas coisas só podem ser explicadas a partir de uma mente inteligente, de um grande artista, Criador do Universo. O outro aspecto está relacionado à tradição religiosa; diz respeito a uma interpretação literal das Escrituras. O discurso religioso não pode ser transformado em científico, nem vice-versa.

De fato, a convicção criacionista (Deus criou o Universo e o homem) não é um modelo científico e sim um modelo religioso ou teológico. Apesar de a Bíblia não se ocupar com questões científicas e não ser um relato científico, a sua narrativa não entra em contradição com a ciência. Cada vez mais, as descobertas científicas e arqueológicas têm comprovado os relatos bíblicos.

A ciência criacionista depende dos relatos do Gênesis e de argumentos científicos recentes. Advoga uma criação instantânea de todas as coisas do nada; admite espécies ou gêneros de coisas permanentes que remontam aos primeiros inícios; defende ancestrais separados para macaco e homem; explica as formações geológicas e mutações mediante catástrofes; defende uma criação recente, dentro dos últimos dez a 25 milhares de anos. Aceita e defende um Criador transcendente.

Como se pode observar, não são somente os cristãos em geral que defendem o criacionismo, mas muitos cientistas estão lutando para que o evolucionismo seja debatido.

Cremos na criação do Universo por Deus e aceitamos os postulados da teoria criacionista. Não podemos admitir um elo comum entre o homem e os outros animais, pois o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e colocado sobre toda a criação para administrá-la. Adler, cientista estudioso do comportamento behaviorista, anotou importantes conclusões, enumeradas a seguir, e que não deixam mais dúvidas sobre a superioridade do homem:⁶

1. Só o homem emprega a linguagem em que há proposição, usa símbolos verbais, constrói frases. O homem é o único animal racional.
2. Só o homem faz ferramentas, acende fogo, edifica abrigos, faz roupas. O homem é o único animal tecnológico.
3. Só o homem promulga leis ou define suas próprias regras de conduta, através das quais constitui sua vida social, organiza associações entre os seus companheiros e uma variedade de formas. O homem é o único animal político, e não somente um animal gregário.
4. Só o homem desenvolveu, no decorrer das gerações, uma cultura tradicional cumulativa cuja transmissão se constitui na História humana. O homem é o único animal histórico.
5. Só o homem dá-se a práticas de mágicas ritualísticas. O homem é o único animal religioso.
6. Só o homem possui consciência moral, compreensão do certo e do errado, conceito de valores. O homem é o único animal ético.
7. Só o homem ornamenta ou adorna seu próprio corpo ou seus artefatos; pinta gravuras ou esculpe estátuas pelo tão utilitário propósito de recreação. O homem é o único animal de senso estético.

No filme *A Ilha do Dr. Moreau* foi demonstrado que, apesar dos esforços de evoluir os animais para se tornarem homens, a realidade foi a involução: todos regrediram ao seu estágio anterior!

NOTAS

1 *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*, vol. VIII, p. 39.

2 *Idem*, p. 41.

3 *Idem*, p. 43.

4 KRAULEDAT, Werner Gustav. "Deus, o contexto lógico e inapelável da ciência". *Revista Teológica do STBSB*, 1968., p. 7 (aula inaugural).

5 *Revista Ciência Ilustrada*, 81/82, p. 13.

6 Citado por GAMA LEITE F^o, Tácito da. *O homem em três tempos*, p. 25.

ECUMENISMO

O significado primordial da palavra ecumenismo, do grego *oikoumene*, é “o que se refere à terra habitada”, traduzida para o latim como *orbis terrarum*.

Heródoto, no 5º século a.C., utilizou o termo tanto no sentido geográfico quanto no cultural, excluindo os bárbaros e os não-gregos do seu ecumenismo. O imperador Nero, no início da era cristã, usou o mesmo termo para designar o mundo romano. No Antigo Testamento não há essa referência política a ecumenismo, mas designa salvação universal. A Terra pertence a Deus “a *oikoumene* e os que nela habitam” (Sl 24.1). O homem deveria habitar “em toda a face da *oikoumene*” (Gn 2.15). No Novo Testamento a palavra aparece 15 vezes, referindo-se ao mundo habitado (Mt 24.14) ou ao Império Romano (Lc 2.1) ou até mesmo à nova humanidade realizada em Cristo (Hb 1.6; 2.5).

Através da história cristã o significado do termo também variou. Durante séculos a Igreja utilizou o termo no sentido de catolicidade, ou seja, universalidade de seu domínio. Há poucas décadas, o ecumenismo vem tomando um novo significado. Além de se referir à universalidade do pensamento religioso, também se refere a um movimento específico que visa unir as igrejas. Ecúmena é a tendência de fazer de todo mundo uma só família (cristã). Ecumenismo, historicamente, é o esforço desenvolvido pelas diferentes confissões cristãs para obter uma re-união dos grupos cristãos divididos.

Ecumenismo pode ser entendido como:¹

Todas as atividades ordenadas a favorecer a unidade dos cristãos (...) pela ampla colaboração em tarefas exigidas pela consciência cristã comum, pela participação na oração unânime, a fim de que, quanto antes, se obtenha a plenitude da comunhão na mesma fé segundo a vontade de Cristo.

Existem várias formas de ecumenismo. Destacam-se: o ecumenismo espiritual, o social e o doutrinal. Do ponto de vista espiritual, todos os cristãos têm o anseio de se irmanarem em Cristo, como filhos do mesmo Pai; sentem a necessidade de serem inseridos na oração sacerdotal de

Jesus (Jo 17.21), texto utilizado para a defesa do ecumenismo; nesse sentido todos os cristãos sentem a liberdade de orarem junto com os cristãos que professam diferentes credos religiosos. Do ponto de vista social ou de mútua cooperação, todos os cristãos se unem no esforço de levar a mensagem cristã a outros povos e fornecerem ajuda material aos flagelados e demais necessitados. Do ponto de vista doutrinal — que é a base sólida de todo ecumenismo — o devocional e o social tendem a levar ao ecumenismo doutrinal, que tende a reunir as doutrinas dos diferentes sistemas religiosos sob um único quadro de princípios e normas para todos os grupos. Ligado a este último está o ecumenismo institucional, no qual um grupo ecumênico dirigirá a vida eclesiástica de todos os grupos cristãos.

O instrumento utilizado nesse esforço de reunir os grupos cristãos é o diálogo entre indivíduos e entre grupos. Os interlocutores perguntam e respondem, manifestam seu próprio parecer e acolhem o parecer dos outros. O tema do diálogo pode ser uma situação concreta, uma investigação científica ou uma ação apostólica.²

I — ASPECTOS HISTÓRICOS

O movimento ecumênico é um fenômeno histórico, que em diversas épocas se manifestou, sob diferentes formas e dimensões, quer no interior das estruturas eclesiásticas, quer na evolução do pensamento da Igreja.³

Podem ser distinguidos três movimentos ecumênicos: o protestante, o ortodoxo e o católico.

Em 1846, pela primeira vez o termo ecumênico é utilizado para designar o movimento que promove a união de todos os cristãos, por ocasião da Aliança Evangélica Universal (sentido pietista de reunião de igrejas). Em 1867, realizou-se um sínodo pan-anglicano, no sentido de reagrupar confissões afins. Em 1875, houve a Aliança das Igrejas Reformadas. Em 1881 realizou-se o Concílio Ecumênico Metodista, reunindo 28 igrejas. Em 1895, reuniu-se a Federação Mundial dos Estudantes Cristãos, promovida pelo norte-americano J. Mott. Em 1905, realizou-se a Aliança Baptista Universal.

O ecumenismo protestante também objetivou a cooperação interconfessional, cuja projeção maior ocorreu por ocasião da Conferência Missionária Mundial, realizada em Edimburgo, Escócia, em 1910 (primeiro grande passo no ecumenismo). Em 1921 constituiu-se o Conselho Internacional das Missões (CIM) em Nova Iorque, com o objetivo de coordenar e assistir o trabalho missionário.

Em 1925, a reunião teve lugar em Estocolmo, sob o lema “Vida e Ação”, promovido pelo sueco Natham Söderblom (pai do ecumenismo), a que compareceram 600 delegados de 37 nações, com o objetivo de um ecumenismo social. Esse encontro reuniu metodistas, presbiterianos e congregacionais. C. Brent promoveu conferências (a primeira em Lausanne, 1927) sob o lema “Fé e Constituição”, com o objetivo de um ecumenismo doutrinal. Da união dessas duas tendências, social e doutrinal, surgiu, em 1938, o Conselho Ecumênico de Igrejas. A 1.^a Assembléia Ecumênica realizou-se em Amsterdão, em 1948, com 352 delegados de 157 igrejas, e o Concílio Mundial de Igrejas ficou formalmente constituído em 23 de agosto de 1948.

Em 1054 houve a ruptura definitiva entre as Igrejas do Oriente e do Ocidente, surgindo a Igreja Ortodoxa, independente de Roma. O ecumenismo ortodoxo começou pela reunião interna, com a encíclica do patriarca Joaquim III, de Constantinopla, em 1902, apelando para que todas as igrejas se unissem.

Em 1919, o problema da reunião foi abordado no Santo Sínodo de Constantinopla. Os ortodoxos começaram a participar do movimento Fé e Constituição, sendo que, a partir de 1925, mandavam delegados a todas as assembléias ecumênicas.

Em relação à Igreja Católica, houve várias tentativas de unir as duas Igrejas, através de correspondência, tratados, concílios e encíclicas. Os gestos ecumênicos mais significativos foram: a presença de “observadores” no II Concílio do Vaticano e os encontros do papa Paulo VI com o patriarca Atenágoras, de Constantinopla, em Jerusalém (1964), Constantinopla (1967) e Roma (1967).

O ecumenismo, como tentativa de reunir igrejas do mesmo credo, como ocorreu com o protestante e ortodoxo, não aconteceu dentro do catolicismo, por ter mantido a unidade de suas igrejas, pelo menos aparentemente, tardando a ingressar no movimento ecumênico já existente. Em 1928, através da encíclica *Mortalium Animos*, a Igreja de Roma expôs os motivos pelos quais não aderiria ao movimento ecumênico protestante. Em 1949, pela primeira vez na história da Igreja Católica, por meio de uma Instrução do Santo Ofício, Pio XII tomou uma atitude dinâmica em favor do ecumenismo.

Em 1952, reuniu-se, em Friburgo, Alemanha, a Conferência Católica Internacional para Assuntos Ecumênicos, que se pôs em contato com o CEI (Conselho Ecumênico de Igrejas).

Em 1961, em Nova Déli, aconteceu a incorporação do Concílio Missionário Internacional no Concílio Mundial de Igrejas, sob o título

de Divisão de Missão e Evangelismo Mundiais: o CMI assumiu papel dominante.

Desde 1960, multiplicaram-se as provas do desejo da Igreja Católica cooperar nos movimentos ecumênicos. Somente em 1965 foram sustadas as excomunhões mútuas (ortodoxa—católica) proferidas em 1054, pois foi criado um Grupo de Estudos Comum (Roma e CMI). (Roma e CMI).

A política ecumênica da Igreja Católica definiu-se de maneira positiva com João XXIII, a partir do Concílio Vaticano II. Paulo VI foi o continuador dos esforços ecumênicos de João XXIII através de contatos com outros líderes religiosos, entre eles o patriarca Atenágoras e o líder da seita lamaísta Dalai Lama.

Em 1968, na Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas, em Upsala, houve a presença de 704 delegados, representando 235 igrejas, incluindo 14 católicos romanos como observadores.

Em 1971, foi realizado o Congresso da Comissão Central do Conselho Ecumênico das Igrejas, em Adis-Abeba, constituindo-se num novo marco na história do movimento ecumênico. Ali foram apresentados relatórios que ventilaram a possibilidade de outras religiões ingressarem no movimento ecumênico, visto que "Cristo está adormecido em todas as religiões e precisa ser despertado".⁴

Em 1973, a Conferência sobre Missão Mundial e a Assembléia Geral da Comissão Para Missão e Evangelização Mundial, do Conselho Ecumênico Mundial de Igrejas, realizadas em Bancoc, Tailândia, demonstraram um vivo interesse na missão mundial, não no sentido bíblico de evangelização, mas no sentido de formar uma comunidade mundial, na qual todos os povos, raças, classes e religiões se unissem em paz, justiça e humanidade. Aspira-se o reino de Deus na terra através dos homens e do diálogo.⁵

Em 1975, a Assembléia Geral do CMI realizou-se em Nairobi, onde foi elaborada uma alteração na constituição, definindo o objetivo final. Foi atribuído ao CMI a tarefa de "convocar as Igrejas para o alvo da unidade visível em uma só comunhão eucarística, que se evidencia no culto e na vida comum em Cristo, e de caminhar para esta unidade, para que o mundo creia".⁶

Em 1982 foi criado o Conselho Latino-Americano de Igrejas, em Huampani, Peru, o que foi "um passo decisivo para formular a prática ecumênica a partir da busca de uma luta comum para definir a busca de uma eclesiologia relevante para o continente, desde as instâncias eclesiais".⁷ Os temas giraram em torno dos direitos humanos e de reflexões católico-protestantes sobre o fenômeno do crescimento das seitas não-

-cristãs no continente. É o típico ecumenismo de mútua cooperação na solução de problemas latino-americanos.

1. Conselho Mundial de Igrejas — Em 1983 a Assembléia Geral do CMI foi realizada em Vancouver, Canadá, com mais de 3 mil participantes (847 delegados de 304 igrejas-membros e mais de 20 representantes da Igreja Católica Romana).

O CMI se concebe como “uma comunhão de igrejas que aceitam o Senhor Jesus Cristo como Deus e Salvador, segundo as Sagradas Escrituras, e por isso buscam cumprir em conjunto sua vocação cristã para a glória de Deus Pai, Filho e Espírito Santo”. Esta é a base que todas as igrejas que se filiam devem aceitar.

O Conselho não possui competência para ditar regimentos ou leis para as igrejas; sua função é apenas consultiva. A assembléia se reúne a cada sete anos para receber relatórios de todos os setores de trabalho. Ela se constitui em 85% de representantes oficiais, nomeados pelas igrejas-membros.

As igrejas brasileiras que pertencem ao CMI são: Episcopal do Brasil; Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Evangélica Pentecostal “O Brasil Para Cristo”; Reformada Latino-Americana; Metodista do Brasil; Presbiteriana Unida do Brasil.

As igrejas representadas no CMI estão subdivididas em grupos: católico-ortodoxo (vêtero-orientais, anglicanas e vêtero-católicas); protestante (luterana, reformada-presbiteriana); pós-reforma (batistas, congregacionais, metodistas, quacres, Exército de Salvação, comunidade dos irmãos morávios). Essas igrejas deliberam sobre sua união e missão. Igrejas batistas não fundamentalistas dos seguintes países estão representadas: Birmânia, Camarões, Dinamarca, Estados Unidos, Hungria, Nicarágua, Nova Zelândia, Inglaterra, Rússia, Índia e Itália.

Em 1968, o CMI e a Comissão Papal de Justiça e Paz realizaram uma conferência conjunta, em Beirute, sobre a cooperação mundial em questões relacionadas ao desenvolvimento.

No Brasil, diversos órgãos estão filiados ao movimento ecumênico: CEBI (Centro de Estudos Bíblicos, São Leopoldo, RS); CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Paulo, SP); CESEP (Centro Ecumênico de Serviço à Evangelização e Educação, São Paulo, SP); CIMI (Conselho Indigenista Missionário, Porto Alegre, RS); Secretaria do CLAI para o Brasil (Conselho Latino-Americano de Igrejas, São Paulo, SP); CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs, Porto Alegre, RS); CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço, Salvador, BA); Diaconia, Recife, PE; IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas, Rio de Janeiro, RJ); ISER (Instituto Superior de Estudos

da Religião, Rio de Janeiro, RJ); MOFIC (Movimento de Fraternidade de Igrejas Cristãs, São Paulo, SP); Sociedade Bíblica do Brasil, Brasília, DF; UCBC (União Cristã Brasileira de Comunicação Social, São Paulo, SP).

A sede do CMI é em Genebra, Suíça.

II — ASPECTOS RELEVANTES

A Igreja Católica Romana não participa ativamente do movimento ecumênico porque está convicta de que a cristandade deve se unir sob a direção da Igreja de Roma.

As igrejas que participam do movimento ecumênico respeitam umas às outras; estão prontas para revisar suas doutrinas, convicções e confissões; cooperam com as demais; não criticam, mas falam a verdade com amor, quando uma igreja apresenta doutrinas heréticas ou abusos; realizam trabalhos em conjunto, tais como: estudos bíblicos, intercâmbios, cultos ecumênicos, evangelismo, hospitalidade, visitas, discussão de problemas ecumênicos. O amor à igreja só é justificado quando se dirige à igreja de Deus.

O objetivo final do movimento ecumênico é reunir e unificar toda a cristandade. Se as igrejas ortodoxas e protestantes aceitarem a política ecumênica do Vaticano, segundo a qual todas as igrejas devem se submeter à Igreja que consideram “mãe”, perderão sua identidade e renunciarão a muitos séculos de lutas contra o predomínio católico romano, contra a adoração de imagens, contra a pretensa infalibilidade papal e contra os demais hábitos e crenças pagãs do catolicismo romano.

Nos países onde o CMI possui filiais, católicos romanos e protestantes estão se aproximando cada vez mais, unindo-se em seus projetos e atividades. É comum ouvir-se de cultos, conferências e formaturas ecumênicos.

No Brasil foram lançadas as bases do ecumenismo através do Concílio Nacional de Igrejas, e dele já fazem parte as igrejas: Luterana, Episcopal do Brasil, Cristã Reformada e Católica Romana.⁸

Caso o CMI leve todo o ecumenismo sob a liderança da Igreja Católica Romana, haverá uma tragédia para as igrejas evangélicas, que verão destruído seu testemunho distintivo. A Igreja Romana não modificou sua doutrina desde o século 16. No Brasil, tem havido um sincretismo do cristianismo com a umbanda, que não é religião cristã, mas apresenta uma religiosidade mágica e supersticiosa.

Ainda que algumas igrejas católicas, através de seu movimento de renovação carismática, tenham reunido seus grupos de estudo bíblico, oração e despertamento de dons, estão muito longe de abraçarem a fé evangélica.

Se o movimento ecumênico tem suas raízes no protestantismo, não deve abrir mão de suas convicções de fé, baseadas nas Escrituras. Dentre essas convicções está, em primeiro lugar, Cristo como o cabeça da igreja e não o papa (Ef 1.22; 5.23). Outra convicção é a necessidade do arrependimento e da fé em Cristo para a pessoa pertencer à igreja de Cristo (Mc 1.15; At 2.38). Mais uma convicção cristã está relacionada ao batismo como testemunho de conversão (Rm 6.3-6). E ainda: a unidade da igreja universal, em torno de Jesus Cristo, efetua-se pela atuação do Espírito Santo no coração dos cristãos (Ef 4.3-6).

Caso ocorra uma reunião de todas as igrejas católicas, ortodoxas e protestantes, novas divisões acontecerão, pois os cristãos convictos vão abandonar suas denominações. O "Concílio Internacional de Igrejas, o Concílio Americano de Igrejas Cristãs, os grupos batistas fundamentalistas e as igrejas independentes preferirão ir para a fogueira a se unirem com apóstatas que negam a fé cristã".⁹

O Concílio Internacional de Igrejas é uma grande força de resistência e oposição ao CMI. Foi constituído em Amsterdão, Holanda, em 1948. Em 1968, realizou-se um congresso com a presença de mais de 3 mil pessoas, procedentes de 85 nações e representando cerca de 130 denominações. Foi presidido por dois conhecidos fundamentalistas.¹⁰

O ideal ecumênico é apoiado pelos cristãos, em princípio, pois seria ótimo que houvesse uma só igreja que honrasse a Cristo, que fosse unida na fé, na comunhão e na propagação do evangelho. Entretanto, um ecumenismo institucional, sem que haja uma unidade de fé, de doutrina e convicção cristã, é uma armadilha. A base da fé cristã é a Bíblia, e enquanto essa base não fizer parte de todas as igrejas, não poderá haver o verdadeiro ecumenismo.

Além do obstáculo ao ecumenismo que é a fé em seu sentido genuíno e bíblico, há o obstáculo de temor ao poder eclesiástico, que se transforma em instrumento de abuso. "A igreja totalitária deve ser tão temida quanto o estado totalitário — possivelmente até mais — pois a igreja monopolística estende seu controle sobre os corações e consciências dos homens como também sobre suas estruturas políticas e instituições sociais".¹¹

Mais importante que a unidade organizacional é a unidade espiritual que deve existir em cada igreja local, entre os irmãos, para que

essa unidade espiritual seja estendida aos irmãos de todo o mundo (ecumenismo espiritual).

Reunir todas as igrejas sob uma única regra de fé e prática, através do estudo da Bíblia, que originaria igrejas neotestamentárias, é um princípio idealista que não funciona por causa das limitações das pessoas.¹²

Enfim, a verdadeira unidade é a produzida pelo Espírito Santo e somente por ele. A fé comum no Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, que comprou a todos os que crêem pelo seu precioso sangue, é que traz a unidade espiritual. Essa unidade é comparável ao corpo humano (1Co 12); é unidade de um só Senhor (Ef 4); e a fonte suprema de toda união é Deus, o Senhor de todos (Ef 4; Jo 17.3).

Assim, a unidade da igreja apresentada pelo Novo Testamento não é uma realidade concreta, aprisionada nos moldes de alguma institucionalização, de maneira objetiva e duradoura, em organizações sociológicas ou em estruturas jurídicas de caráter constante e que se desenvolveram paralelamente — ou em analogia — com as organizações e as estruturas do mundo na qual a Igreja vive e exerce sua missão.¹³

Desses aspectos relevantes, extraem-se os princípios da unidade cristã:¹⁴

— A Igreja de Jesus Cristo é, ao mesmo tempo, uma realidade histórica e um número invisível de crentes conhecidos somente por Deus.

— A existência de igrejas, ao longo do tempo e do espaço, não é, de per si, uma contradição da unidade essencial da igreja.

— A igreja é uma em Jesus Cristo, tendo um só Senhor, uma só fé, uma só batismo e uma só esperança. A diferença das denominações não destrói a unidade íntima e profunda dos cristãos em Jesus Cristo, embora tenha perturbado a unidade visível das igrejas.

— A rivalidade nos campos missionários e na evangelização e a indiferença mútua fazem com que as igrejas dêem um testemunho imperfeito do evangelho e criem obstáculos para o cumprimento da missão da igreja.

— As igrejas formadas dentro das diferenças sociológicas, raciais ou culturais deveriam procurar, sempre que possível, a união com outras igrejas de convicções semelhantes.

— As igrejas organizadas com base nas diferenças teológicas de fé e governo eclesiástico não devem ignorar estas diferenças, mas procurar resolvê-las olhando para a verdadeira unidade em Jesus Cristo.

— O esforço para conseguir a unidade visível e externa, ignorando-se as questões essenciais da fé e da ordem eclesiástica, conduzirá a maior confusão e posterior fracasso.

Igreja alguma poderá afirmar que está com a totalidade da verdade, mas sempre deve estar disposta a avaliar, refletir e mudar alguma coisa que não esteja de acordo com os ensinamentos neotestamentários.

Portanto, as igrejas verdadeiramente cristãs não farão parte do Conselho Mundial de Igrejas e do movimento ecumênico.

NOTAS

- 1 SCHLESINGER, Hugo e PORTO, Humberto. *As religiões ontem e hoje*, p.96.
- 2 *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira*, vol. VII, p. 118.
- 3 *As grandes religiões*, vol. V, p. 995.
- 4 WASSERZUG-TRAEDER, G. *O caminho fatal do movimento ecumênico*, p. 34.
- 5 *Idem*, p. 48.
- 6 KRÜGER, Hanfried. *O Conselho Mundial de Igrejas*, p. 27.
- 7 BASTIAN, Jean Pierre. *Contexto* 05/1989. Artigo: "O ecumenismo latino-americano: da marginalidade às estruturas eclesiais".
- 8 OLIVEIRA, Raimundo F. *Seitas e heresias, um sinal dos tempos*, p. 248.
- 9 DUNCAN, Homero. *O movimento ecumênico à luz das Santas Escrituras* p. 19.
- 10 CAVALCANTI, Ebenézer Gomes. *Os batistas e o ecumenismo*, p. 18.
- 11 FULTON, C. Darby, em DUNCAN, Homero. *Op. cit.*, p. 22.
- 12 DUNCAN. *Op. cit.*, p. 33.
- 13 GRAU, José. *El ecumenismo y la Biblia*, p. 44, citando Vittorio Subilia.
- 14 GRAU, José. *Op. cit.*, p. 53.

RITUAL DO DAIME

As seitas se multiplicam a cada dia, principalmente no Brasil. A religiosidade popular leva as pessoas a buscarem respostas para seus anseios íntimos; o misticismo atrai as pessoas para o que é novidade e mistério; a solidão e a angústia levam as pessoas a se agarrarem ao movimento que mais promessas lhes faz.

Assim, surgiu a divulgação de um movimento na Amazônia denominado Ritual do Daime ou Doutrina do Santo Daime que, junto com hinos e bailado, proporciona mirações. Essas mirações significam um êxtase que conduz à revelação de segredos. Quando o mistério é desvendado, a pessoa é reconduzida à sua origem divina e se lembra de sua missão aqui na terra. Conhecendo sua missão, obtém a senha para a eternidade.¹

Um grupo de pessoas, com esse objetivo, vive no interior da floresta amazônica, guiados pelo padrinho Sebastião Mota de Melo. Vive comunitariamente dos recursos da mata e trabalha espiritualmente para conhecer e depois revelar o Poder que está em todos os seres e coisas.

Para o Ritual do Daime, utilizam uma bebida mágica, conhecida, segundo eles, desde o tempo dos incas, e chamada "o santo daime" ou *ayahuasca*, *yagé* ou *caapi*.

I — DADOS HISTÓRICOS

Mestre Raimundo Irineu Serra foi o fundador da Doutrina do Santo Daime.

Um dos dirigentes, padrinho Mário, que já fora kardecista, maçom e até hindu, contou sobre o início do Ritual do Daime.

Em 1916, em Brasília, o pai do seu Mário o levou a um arraial onde havia uma irmandade denominada *Ayahuasca*, dirigida por Antônio Costa, cujo irmão era André Costa. Todos os meses o seu Antônio Costa viajava para tomar o daime.

No hinário de Mestre Irineu está a história. Dizem que todos os bolivianos, peruanos, caboclos tomam e preparam o daime. Segundo a lenda, os feiticeiros ou curandeiros o utilizavam antes dos espanhóis chegarem à América.

Mestre Irineu era seringueiro e trabalhou com Antônio Costa. Dizem que teve uma visão da Virgem Maria que lhe explicou sua missão. Segundo suas instruções, Mestre Irineu recebeu o nome Santo Daime para a bebida e diversas regras que iriam constituir os fundamentos do ritual, posteriormente.² Isso aconteceu nas fronteiras do Acre com a Bolívia e o Peru.

Atualmente o povo se denomina de juramidam, nome esse que foi revelado a um dos líderes atuais. Com o passar dos tempos, também, o ritual iniciado por Mestre Irineu foi sendo aperfeiçoado, acrescentando-se outros tipos de trabalho espiritual, como: festas oficiais, trabalho de concentração, missas e trabalhos de cura.

Para as festas oficiais, as pessoas trajam farda branca, e para os demais trabalhos trajam fardas azuis. A Doutrina do Santo Daime possui os seus símbolos: o Cruzeiro (cruz de caravaca) e o símbolo de Salomão (dois triângulos entrelaçados, com o desenho de uma água sobre a lua, que representa Nossa Senhora da Conceição).

Em setembro de 1982 foi publicado nos jornais que uma comissão ia investigar uma seita religiosa que fazia uso de uma bebida alucinógena, chamada daime.

Depois de alguns meses, nova comissão voltou ao Acre, formada de especialistas: sociólogo, antropólogo, psiquiatra. Desta feita, a comissão foi até uma localidade chamada Rio do Ouro, na boca do Acre, onde mora o padrinho Sebastião Mota. Padrinho Sebastião contou a um dos componentes que os espíritos começaram a lhe aparecer com 8 anos. Com 15 anos, começou a desenvolver a mediunidade. Com 20 anos (em 1950) começou a trabalhar com espiritismo de mesa e fazer curas (já na Amazônia). Ficou doente do fígado, foi a muitos médicos e estava desenganado. Por volta de 1961, procurou Mestre Irineu e começou a tomar o daime, tornando-se um dos líderes da comunidade.

Antes de liderar a Colônia 5000, padrinho Sebastião fazia parte do Centro de Iluminação Cristã Luz Universal, Alto Santo, e as pessoas se admiravam com sua facilidade em compor hinos em profusão. Em 1974, aconteceu a separação de um bom grupo do Alto Santo que, sob a liderança de padrinho Sebastião, organizou a Colônia 5000.

Em 1976, a Colônia 5000 uniu 25 colônias ao redor (Rio Branco) e agregou 45 famílias de ex-seringueiros e agricultores. Num livro de registros (a partir de 1974), estão nomes de pessoas que tomaram o daime,

procedentes de diversos países: Argentina, Peru, Bolívia, Venezuela, Chile, Inglaterra, França, Colômbia, Suíça, Alemanha, Portugal, Japão, Israel, Canadá e outros. Eram estrangeiros que visitavam a Amazônia.

O Centro Eclético de Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra é a entidade jurídica que personifica a Colônia 5000 como entidade religiosa filantrópica. Teve seu estatuto publicado no Diário Oficial do Estado no dia 30 de março de 1978.

Seus objetivos são:

Cultivar a doutrina implantada pelo eminente Mestre Raimundo Irineu.

Adorar a Deus em espírito e em verdade, sob o ritual específico do Ecletismo Evolutivo.

Preservar seu divino Sacramento de heresias e falsos princípios.

Proporcionar sessões especiais aos que buscam o socorro espiritual para sanar seus males físicos e/ou psíquicos.

Propiciar o bem-estar de seus membros.

Entre 1976 e 1980 a Colônia 5000 desenvolveu um trabalho comunitário baseado na agricultura de subsistência. O excedente da agricultura era comercializado.

Foi em 1980 que padrinho Sebastião mudou-se para Rio do Ouro.

Depois de uma das visitas da Comissão enviada por parte do Governo Federal, a sede da Colônia 5000 foi transferida de Rio do Ouro para o Estado do Amazonas, entre dois igarapés do rio Purus, afluente do Amazonas, em terras doadas pelo Governo.

II — CARACTERÍSTICAS

1. Preparo do Daime — Toda a comunidade juramidam vive sob os efeitos do daime. Em qualquer ocasião e para qualquer finalidade o daime é ingerido, em maior ou menor quantidade.

A bebida é feita à base de folhas fervidas, apuradas, filtradas e engarrafadas. O preparo da bebida recebe o nome de *feitio* e segue um ritual próprio.

Geralmente, o *feitio* se inicia na fase da lua-nova. Os homens vão buscar os cipós de jagube na mata, onde ele cresce enroscado nas árvores. Há árvores plantadas na Colônia, além das da mata. Além do cipó, utilizam-se folhas de uma planta chamada rainha.

As mulheres limpam as folhas, cantando e tomando o daime.

Os homens raspam os cipós, que são batidos em tocos de madeira até se transformarem em fibras ocre-avermelhadas.

O lugar onde é preparado o daime chama-se *casa do feitio* e é um pequeno templo de madeira, coberto de zinco.

Em três panelas, de 60 litros cada, são colocadas camadas alternadas de folhas e cipó macerado. São fervidos em água limpa, num fogão a lenha, por diversas horas. São mexidas com tridente.

Há equipes especializadas para as fases do preparo: colhimento, limpeza e cozimento.

O primeiro cozimento é reduzido a 20 litros. Retiram-se as folhas e cipó cozido e acrescentam-se mais folhas e cipó àquela água cozida. Há novo cozimento em que 60 litros se reduzem a 20 litros. É o daime de 1.º grau. Aproveitando-se o mesmo jagube e folhas, vai dar o daime de 2.º grau. Querendo aproveitar mais uma vez, dá o daime de 3.º grau.

Uma vez cozido, o daime é escorrido, esfriado, arejado. Em seguida é engarrafado; as garrafas são tampadas com tampas de cortiça ou madeira. Bem fechado, o daime pode durar vários anos.

As ordens dentro da casa do feitio são rígidas. Ninguém se ausenta sem comunicação prévia ao encarregado. Fala-se pouco e aos sussurros. Às vezes é permitida a presença das mulheres na casa do feitio, para dançarem e cantarem, e depois se retirarem. No final do preparo, o mestre faz um discurso.

1. Os rituais — No início dos rituais da Colônia, os participantes fazem fila para receber o daime. Ele é oferecido no fundo do templo da comunidade, onde há uma réplica do templo, em madeira.

Em todos os rituais cantam-se hinos compostos pelos mestres. As mulheres bailam com um maracá.

O daime é servido mais de uma vez. Seus efeitos são: tontura, enjôo, visões, sons fortes etc.

A ênfase dos rituais está nas mirações (paisagens, cidades, seres, arquétipos, representações, sonhos, quimeras, fatos reais).

Os programas em geral são denominados de *hinários*. Há o hinário comemorativo do dia de São Pedro, do aniversário do seu Wilson, do Natal, de São João (um dos mais importantes), de Nossa Senhora da Conceição, Hinário de Reis, e outros. As comemorações sempre têm música, dança, toma-se o daime. Seguem o calendário da Igreja Católica, realizam missas pelo aniversário da morte de Mestre Irineu (uma das cerimônias mais fortes do calendário, havendo mistura de rezas e hinos). Os hinários têm dupla função: 1) a parte que leva à miração e à aquisição de conhecimentos profundos e únicos, e 2) as exortações e lições necessárias para as pequenas e grandes batalhas que são travadas durante o serviço e fora dele, no dia-a-dia.

Entre o êxtase e o manejo da força (o trabalho da pessoa) existe o equilíbrio do bailado, da dança, que fica entre a força e a miração. É o mantra, o fluxo energético.³

As crianças também tomam o daime e bailam.

2. Música — Com o passar dos tempos, os rituais se desenvolveram e vários instrumentos musicais foram acrescentados: violão, acordeom, bandolim, cavaquinho, pandeiro, bumbo, flauta, além do maracá.

A música é parte integrante da Doutrina do Santo Daime. Ela assume um caráter pedagógico, pelo seu poder em si. Através dos sons da terra, da natureza, da mata, decolam para outra percepção dos sons, os sons do astral.

“Quando recebemos um hino (a inspiração para compô-lo)” — disse um dos mestres — “é como se recebêssemos um ser em nossa casa; a música é um ser; ela chega, se apossa de nós, e pronto”.

Da vibração do cosmos, cada hino é uma vibração específica.

O mistério está em conseguir se afinar com essa mesma vibração que vem da música, fazendo com que as vibrações da pessoa, o seu ritmo interno, se encaixe completamente na música.

Para os seguidores da comunidade, a música contém seres/energia que descem até as pessoas e revelam lições ancestrais. A força e a clareza com que a música se revela depende do canto dos hinos, do bailado e da entrega de cada um na sua execução.

A música é um exercício de transformação de cada um, um exercício de disciplina e autoconhecimento.

Nos hinos estão contidos todos os ensinamentos, as confirmações do evangelho, saberes esotéricos antiquíssimos, chamadas de entidades, normas de disciplina, exortações ao arrependimento (à maneira cristã), louvores à natureza, aos astros e aos elementos (à maneira inca) etc.

Cada mestre ou padrinho compõe seu próprio hinário. As pessoas recebem os hinos “prontos”, durante os trabalhos ou fora deles.

Dentro do serviço, os hinos são autênticos guias de viagens. Através dos hinos se condensa a energia, chamam-se os guias da sessão e entidades, expulsam-se energias negativas, espantam-se o sono e o cansaço etc.

Cada hino possui algo de mágico, assim também os instrumentos utilizados.

Os hinos determinam os momentos mais gloriosos do trabalho: chegada da força, luz, autênticas mirações coletivas. Cada miração passa-se sob o signo de determinado hino.

Uma das características dos hinos é sua semelhança com os “repentes” nordestinos, típicos da religiosidade popular.

O objetivo dos hinos e da dança é expandir energia.

3. Trabalho de cura — Mesa composta de nove pessoas e mais alguns assistentes. O daime é servido em grande quantidade e a pequenos intervalos. Cantam hinos de cura. Impõem as mãos sobre o doente. Enti-

dades curadoras fazem das pessoas os veículos para sua ação benéfica.⁴ Fazem procissão até à igreja, enquanto o povo canta o Hinário do Padrinho (que na ocasião estava doente). O padrinho ia à frente da procissão.

O daime é utilizado como remédio e também, num sentido mágico, de diagnosticador da doença.

No cerimonial de cura, quando não vão em procissão à igreja, rezam três padre-nossos, três ave-marias e um salve-rainha, encerrando-se a reunião com palavras que demonstram o sincretismo religioso.

O padrinho Sebastião é o principal curador da comunidade. Faz o papel de rezador. Figura muito importante no interior da Amazônia. Existem outros curandeiros e rezadores. A cura tem relação direta com a fé do rezador e com a fé do doente.

Além do daime, utilizam ervas medicinais e também a alopatia.

Mestre Irineu extraiu seus ensinamentos do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, cuja sede fica em São Paulo; os princípios básicos giram em torno da harmonia, paz, verdade e justiça, que são requisitos básicos para se ingressar no império de Juramidam.⁵

4. Princípios — No preparo do daime entra o cipó jagube, que é o princípio da masculinidade; e a folha rainha, que é o princípio da feminilidade. O cipó dá a força; a rainha, a luz. Juntos, através da água, eles se tornam o Daime, ser espiritual que desce até as pessoas que tomam a bebida. A partir de uma invocação, este ser desperta do seu sono secular, na floresta, para mostrar e decifrar os mistérios inexplicáveis do céu e da terra. “O Daime é um agente de transformação (...) porque ele revela”. Diz-se que há um mestre espiritual no Daime que pode ser interrogado.⁶

O daime é a soma, o resultado da força espiritual de várias pessoas, totalmente concentradas nessa tarefa.

O Ritual do Daime leva ao “astral”, dimensão que está, ao mesmo tempo, dentro de nós e no cosmo. O daime possibilita a comunicação entre a mente e o astral. Para chegar ao astral, a pessoa precisa subir dois degraus: a energia e o tempo.

À medida que o ritual vai avançando pela dança, hinos e marcação rítmica, semelhante aos mantras, a energia consegue criar emanções fluidicas.

No astral não existe tempo, isto é, o presente, o passado e o futuro.

Tomar o daime é somar-se a uma grande mente energética, captar tudo que vem do Universo e garantir a fusão na eternidade, a permanência no espaço/tempo.

No daime, pode-se associar a noção de cura com a de salvação, fazendo uma síntese entre medicina mental e conforto espiritual.⁷

Como se pode observar, tudo gira em torno do daime, do êxtase que provoca nas pessoas que o tomam, revelando mistérios da criação, do cosmo, de Deus, da vida.

Se são lidos os Evangelhos, sua doutrina é desdobrada pelo daime. A fé, nesse aspecto, é considerada apenas uma força suplementar, que as pessoas têm quando cessam as mirações.

5. Doutrina — Ninguém doutrina ninguém. Cada um é seu próprio doutrinador (pensamento rosa-cruz: salvação pelo conhecimento). Dizem: “A terra é nossa mãe (...) as plantas são santas (...) tudo que vem da terra vem de Deus (...) temos que nos ajuntar e mostrar o que estamos aprendendo, com amor, boas palavras, mansidão, até encontrar com o Eu Superior “Nisso é que está nossa doutrina”. “Todos nós somos puros. A doutrina somos todos nós (...) somos um grupo que procura o espiritual (...) Vamos nos firmar no sol, na lua e nas estrelas. A questão não é parecer, é ser.”

Uma das ênfases da doutrina contida nos hinos é o “balanço” que vai chegar (comparado ao apocalipse, quando nenhum dos 144 mil terá necessidade de encarnar mais).

Dizem ainda: “É preciso estar atento para descobrir o Eu Superior (...) Se ligue no seu Eu Superior (...) É tratar de olhar para si e dizer eu sou!”

Numa de suas viagens para a comunidade, o escritor Alex descobriu que a doutrina era a própria floresta.

Percebe-se nas palavras sobre a doutrina que cada pessoa interpreta a doutrina, o ensinamento, do seu modo. Quando falam em Eu Superior, identificam-no com Deus, com a doutrina dos teósofos.

Professam o panteísmo. Dizem que o Deus do céu é o Sol (...) com Deus existem aqui na terra até o dia que ele quiser. Deus é o seu fogo, é o seu coração, é toda a essência de sua vida. Associam Deus com o Sol, a Lua e as estrelas, à maneira indígena. Falam de Deus como Causa Primeira, esboçando um pensamento filosófico.

Enfatizam a descoberta de si próprio, o olhar para dentro de si, a fim de descobrir o mistério do céu e de todas as galáxias.

6. Paraíso — Quando a pessoa é iniciada no Ritual do Daime, passa a automatizar procedimentos mentais, energéticos e corpóreos com o fim de reencontrar o lugar reservado a cada um no Paraíso; este é o tempo sem amarras e sem limites.

7. Poder — Acreditam que um poder leva as pessoas para a Colônia. A vontade não é da pessoa, mas do próprio poder. A vontade da pessoa apenas deseja as coisas. O poder faculta à pessoa o poder de pensar, de dirigir as memórias, e sentimentos, no sentido do conhecimento. A força

está no meio da floresta. As plantas do poder são o passaporte para outras esferas. “Quem teve a chance de se conhecer dentro do Daime, tem uma gratidão sincera por essa força que possibilita o maior conhecimento que é possível ter sobre a vida e seu objetivo. Reverência e lhe devota todo o amor.”

8. **Salvação** — “Só descobre quem nasce de novo. A salvação é uma batalha. Renascer é romper a casca (...) querer que Jesus Cristo esteja em nós pode ser dentro de uma casca? Pode não (...) Ser em Jesus é um compromisso. Tem que destrinchar é no Daime mesmo (...) Nós temos que achar o Cristo em nós e através dele achar a paternidade de Deus. Isso se chama renascer. Viemos aqui para nascer de novo” (padrinho Sebastião). Para Alex, fora da totalidade e fora do eu, que participa de todo o cosmo, não há salvação. É preciso muito esforço para o renascimento.

Apesar dessas palavras que até parecem cristãs, e certamente foram influenciadas pelo cristianismo, o Ritual do Daime está muito longe de se assemelhar ao cristianismo. É uma mistura de teosofia, rosa-cruz, espiritismo, catolicismo, pajelança, crendices.

III — AVALIAÇÃO

A doutrina de Juramidam é o resultado do sincretismo de elementos religiosos e esotéricos dos brancos, negros e índios.

Fazem missas, exorcizam maus espíritos, crêem na reencarnação, utilizam expressões e costumes comuns ao espiritismo, como “linha de Mestre Irineu”, incenso, vela, “trabalhos”, fumar charuto, vestir terno branco e chapéu de palha, “entidades”, padrinhos (quando são vivos), mestres (quando morreram). Em seu livro, Alex menciona que percebeu um outro corpo sutil, formado de energia, vibrações e uma espécie de textura espiritual (“perispírito” do espiritismo). Padrinho Sebastião, sob o efeito do daime, “viu”, fora do corpo, a operação que as entidades efetuaram em seu corpo.

Por outro lado, fala-se em pedir perdão pelos erros e firmar compromissos muito sérios de transformação. Utilizam os Evangelhos. Falam em Jesus, e em Deus. Seguem o calendário da Igreja Católica e adoram seus santos.

Alex, ao interpretar suas mirações para obter maiores conhecimentos, utiliza a expressão chacra, perto do diafragma, que concentra grande quantidade de energia e inunda os outros centros; pratica exercícios respiratórios durante o ritual; numa de suas mirações “sentiu” a

presença de vários mestres espirituais iogues da Índia. Todas essas expressões têm a ver com a prática da ioga.

Essa confusão de conceitos se deve ao fato da consciência estar alterada pela ingestão do daime, que é uma bebida alucinógena, uma droga. Nas mirações, sob o efeito da droga, chegam ao consciente da pessoa diversos conhecimentos adquiridos durante a vida. Passado o efeito da mesma, a pessoa quer descobrir o seu significado e acaba ficando confusa.

Para a pessoa obter o pleno conhecimento espiritual e a compreensão dos mistérios da natureza, não precisa ingerir droga alguma! Basta, em sã consciência, render-se aos pés de Cristo “em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência” (Cl 2.3).

O culto que devemos prestar a Deus é um culto em espírito e em verdade (Jo 4.24), pois Deus é espírito e quer ser assim louvado. Isso não quer dizer que a pessoa precisa estar fora de si para louvá-lo, mas deve fazê-lo conscientemente. O apóstolo Paulo, que não é mencionado nos escritos consultados sobre a comunidade 5000, afirma que o que Deus deseja é o nosso culto racional e que a ele devemos apresentar nossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável (Rm 12.1,2).

O sacrifício de nosso corpo é o tempo que dedicamos a Deus, são os pensamentos em torno de Deus, quando tudo no mundo é secularização; sacrifício são os momentos que renunciamos para nós, buscando a sabedoria contida na Palavra de Deus. Sacrifício é renúncia às paixões carnis, é renúncia à adoração de outros deuses, quer imagens, quer o nosso eu, quer os filhos, quer os objetos, quer os mestres etc. Sacrifício é tomar cada dia a nossa cruz e seguir a Jesus (Mt 16.24).

Cremos em Deus como pessoa e não como uma força que se identifica com nós mesmos: por isso o adoramos e o louvamos.

No mesmo texto do apóstolo Paulo ele afirma que nossa transformação espiritual ocorre pela renovação de nosso entendimento; somente assim podemos experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Para nós, cristãos, o poder espiritual vem de Deus, através da atuação do Espírito Santo; buscamos, a cada dia, não a nossa vontade, mas a vontade de Deus. E esse entendimento espiritual que nos leva à transformação nos vem pela leitura da Palavra de Deus e pela iluminação do Espírito Santo (2Tm 3.16,17; Hb 4.12; Jo 14.17,26; 16.13) — e isso não acontece sob efeito de drogas, mas em sã consciência.

Não buscamos um Eu Superior, no sentido apresentado pelos seguidores do Ritual do Daime, mas buscamos o aperfeiçoamento segundo a vontade de Deus, expressa em sua Palavra, através da oração, leitura, frequência à igreja.

Enquanto a comunidade Juramidam se baseia nos poucos escritos de seus mestres humanos, os cristãos têm sua única regra de fé e prática, a Palavra de Deus, escrita por homens, sim, mas homens inspirados pelo Espírito Santo (2Pe 1.21).

Se os mestres falam em nova vida e apontam para Jesus, não compreendem com clareza os ensinamentos neotestamentários, pois aceitam apenas os Evangelhos, sendo que todo o Novo Testamento é esclarecedor de nossas vidas. Um texto maravilhoso que elucida acerca dos mistérios, da sabedoria do mundo e da sabedoria de Deus, do homem natural e do homem espiritual é 1Coríntios 2.1-16. Quando o apóstolo Paulo fala em nova criatura em Cristo, menciona a reconciliação que Deus efetuou do mundo consigo mesmo, e roga que todos se reconciliem com Deus (2Co 5.11-21).

Os cristãos também gostam de música. O objetivo primordial dos cânticos, do toque dos instrumentos, é o louvor a Deus (Ef 5.19-21). A Bíblia, por sua vez, é um livro cheio de hinos que expressam os sentimentos mais nobres daqueles que buscam a Deus. Não é necessária a ingestão de drogas, para que os hinos sejam escritos e compostos, mas é necessária a comunhão íntima com Deus e com os irmãos.

A fé não é um complemento na vida do cristão, mas a força propulsora de toda sua vida, porque sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6).

A fé em Deus leva o cristão ao seu alvo supremo: a vida eterna, alcançada nessa vida em parte, e que será plenamente alcançada na presença de Deus, depois da morte física (Mt 16.25; Jo 3.36; 5.24).

NOTAS

1 ALVERGA, Alex Polari de. *O livro das mirações* — viagem ao Santo Daime.

2 FERNANDES, Vera Frões. *História do povo Juramidam* — introdução à cultura do Santo Daime, 1986, p. 32.

3 ALVERGA, p. 187.

4 Idem, p. 300.

5 FERNANDES, *op. cit.*, p. 47.

6 ALVERGA, *op. cit.*, p. 290.

7 Idem, p. 229.

CONCLUSÃO

Diante da influência de um tão grande número de grupos e ideologias, cabe ao cristão uma atitude de cautela, em primeiro lugar. Em seguida, cabe-lhe uma atitude de interesse em conhecer todas as filosofias e ideologias, a fim de definir suas convicções cristãs. Ainda se faz importante a atitude da busca do conhecimento bíblico, para que se elucidem muitos pontos obscuros. Visando à formação de uma atitude consciente, sadia e cristã, é que foram expostos os temas deste volume. Espera-se que tenham sido alcançados os objetivos propostos.

Assim, quando nos deparamos com uma decisão quanto a ingressar num curso de ioga, por exemplo, devemos estar atentos à filosofia que seus instrutores poderão nos transmitir, a fim de não confundi-la com a mensagem do cristianismo. Geralmente os mestres de ioga compartilham as doutrinas panteístas que desde as origens estão associadas aos exercícios da mesma; em consequência, o fiel cristão há de ser muito cauteloso. Muitos centros ióguicos estão inspirados em doutrinas religiosas ióguicas, que se misturam com a prática de exercícios físicos.

Quando um cristão se torna membro de uma confraria, que em geral é uma sociedade secreta, esotérica, deverá levar em conta que os membros dessas sociedades se orgulham do caráter internacional de sua irmandade e deixam claro que todos que ingressam nelas devem estar dispostos a reconhecer a existência de um ser divino supremo. Só que esse ser supremo não é o Deus cristão: é o Arquiteto do Universo, Supremo Grão-Mestre, Artista Divino. É uma força superior. De Jesus Cristo nem se fala, pois a crença cristã em Jesus como Filho de Deus e único mediador entre Deus e os homens é inaceitável nessas sociedades secretas. Para alcançar a grande loja do céu, os filiados precisam usar a escada das virtudes propagadas pelas sociedades. Os cristãos poderão alegar todos os benefícios decorrentes de se participar de sociedades como a maçônica, rosa-cruz, teosofia: sentimento de satisfação por estar participando do bem feito pela loja; prestígio e *status* na sociedade; favorecimento em negócios ou progresso na carreira; privilégio de confraternizar com pessoas que ocupam altas posições na sociedade; alegria na sociabilidade e oportunidade de recreação sadia. A escolha, mediante tais

benefícios, será do cristão. Vale a pena tudo isso, se for preciso compactuar com todo tipo de crença? Não posso encontrar tudo isso em minha igreja, se participar ativamente da mesma? Fica a mensagem de 2Coríntios 6.14 a 7.1

D. L. Moody, W. J. Eerdman, R. A. Torrey, A. C. Dixon e muitos outros grandes cristãos deram seu testemunho desfavorável à filiação de um cristão às sociedades secretas.¹

Quando o cristão se deparar com idéias astrológicas, espiritualistas, ritualísticas, como expostas neste volume, deverá possuir um conhecimento básico: uma das características fundamentais e permanentes do ocultismo, em todas suas formas, é mudar constantemente de processo para ter razão o maior número de vezes possível; fazer realçar os bons resultados; esconder as falhas, não confrontando o número dessas com os bons resultados.² O sucesso dos mágicos e curandeiros é a mentalidade pré-lógica. A maior parte constitui-se de charlatães. Os casos de curas, por exemplo, nunca foram acompanhados de diagnóstico sério, nem de verificação precisa. Fenômenos tidos como extraordinários são explicáveis pela ciência ou pela mágica. Na verdade, o objetivo do ocultismo é a predição do futuro, em todos os casos em que a ciência não pode dar satisfação à curiosidade dos homens. Aqueles cristãos que se deixam levar por práticas ocultistas, adivinhatórias, não conhecem as proibições das Escrituras e ainda não tiveram uma experiência marcante com o Salvador Jesus Cristo, a quem pertence a nossa vida e o nosso futuro. Confiemos nele exclusivamente.

Quando os jovens cristãos se virem influenciados pela teoria evolucionista, deverão lembrar-se que é apenas uma teoria e que muitos estão, conscientemente, voltando-se contra ela. Marlyn Ferguson expõe seu pensamento sobre a evolução darwiniana: a teoria de Darwin sobre a evolução por mutação accidental e sobrevivência do mais apto tem-se mostrado irremediavelmente inadequada para responder a um grande número de observações biológicas. Darwin ignorou problemas em suas próprias provas. É verdade que parecia haver grandes lacunas, falta de degraus na escada da evolução, mas ele acreditava serem apenas imperfeições no registro geológico. As mudanças apenas pareciam abruptas. Mas até hoje a evidência fóssil não descobriu os necessários elos perdidos. Cito a autoridade do biólogo e geólogo da Universidade de Harvard, Steven Jay Gould: Gould deu o nome de "segredo comercial da paleontologia" à extrema raridade no registro fóssil de formas transicionais de vida. Os cientistas jovens, defrontando-se com a contínua ausência desses elos perdidos, estão cada vez mais céticos em relação à antiga teoria. "A antiga explicação de que o registro fóssil era inadequado é

em si mesma uma explicação inadequada”, disse Niles Eldredge, do Museu Americano de História Natural.³

O evolucionismo, pois, até nossos dias ainda não foi comprovado, embora tenha tentado ser uma explicação para a origem das espécies.

Em nossos dias, também é importante tomar uma posição diante do ecumenismo, que visa a unificar credos, igrejas, organizações e até mesmo todas as religiões (mesmo não-cristãs). Deve haver unidade entre os cristãos, pois todos os que crêem em Cristo como seu Salvador são irmãos. Deve haver respeito pelas crenças das outras pessoas, pois isso é uma atitude cristã. Se todos quisessem se unir sob os ensinamentos das Escrituras Sagradas, seria válida tal intenção. Entretanto, o intuito é unificar todos os grupos religiosos sob uma bandeira, desfraldada em nome de uma ou outra organização e não sob a direção da Palavra de Deus. Por isso, o cristão deve avaliar sua posição, suas convicções dentro da Palavra de Deus e verificar que um ecumenismo nos moldes desejados é impraticável.

Diante dos apelos da secularização, do aparecimento de grupos frontalmente contrários à Palavra de Deus, como o satanismo e o Ritual do Daime, o bom cristão não terá dificuldades em tomar atitudes consoantes à Palavra de Deus e responder aos mesmos com o seu testemunho vivo e eficaz. Há de a igreja de Deus atuar mais para propagar sua fé e libertar os homens do domínio do mal neste mundo.

Que possamos seguir o conselho do apóstolo Paulo quando disse: (...) efetuai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade. Fazei todas as coisas sem murmurações nem contendas; para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus imaculados no meio de uma geração corrupta e perversa, entre a qual resplandeceis como luminares no mundo; retendo a palavra da vida, para que no dia de Cristo eu tenha motivo de gloriar-me de que não foi em vão que corri nem em vão que trabalhei.

NOTAS

1 *Testemunhos sobre sociedades secretas*. São Paulo: Edições Cristãs.

2 BOLL, Marcel. *O ocultismo perante a ciência*, p. 27.

3 Citado por SMITH, F. La Gaard. *As vidas imaginárias de Shirley McLaine*, p. 185.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, A. Tenório de. *Sociedades secretas*. 3.^a ed. Rio de Janeiro, Ed. Aurora.
- ALVERGA, Alex Polari. *Viagem ao santo daime: o Livro das Mirações*. Rio de Janeiro, Rocco, 1984.
- BESANT, Annie. *Los maestros y el futuro de la Sociedad Teosofica*. México, Editorial Orion, 1972 (Cuaderno Teosofico, 3).
- BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1981.
- BOLAN, Valmor. *Sociologia da secularização*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1972.
- BOLL, Marcel. *O ocultismo perante a ciência*. Trad. Ramiro da Fonseca. 2.^a ed. Portugal, Publ. Europa-América, 1976.
- CARMONA, Blas. *Los profetas sospechosos*. Espanha, Gedisa, 1980.
- CAVALCANTI, Ebenézer Gomes. *Os batistas e o ecumenismo*. Rio de Janeiro, Casa Publicadora Batista, 1970.
- CLEMENTS, R. D. *Deus e os gurus*. São Paulo, ABU, 1980.
- COMBLIN, José. *Mitos e realidades da secularização*. São Paulo, Herder, 1970.
- CUNHA, Agostinho Carneiro da. *Como viver de acordo com os ensinamentos de Krishnamurti*. 2.^a ed. Rio de Janeiro, Liney Promoções, 1982.
- DOSSMANN, Daniel. *A ioga diante da Bíblia*. São Paulo, Ação Bíblica do Brasil, 1978.
- DROOGERS, André. *Ciências da religião*. São Leopoldo, RS, Com. de Publicações da Fac. de Teologia da Igreja Evang. Conf. Luterana no Brasil, 1984, v. 1 e 2.
- DUNCAN, Homero. *O movimento ecumênico*. Trad. Yolanda Krievin. São Paulo, Imprensa Batista Regular, 1977.
- FANTONI, Bruno A. L. *Magia e parapsicologia*. Trad. José Antônio Ruiz. São Paulo, Ed. Loyola, 1977.
- FAVROD, Charles Henri, dir. *O ocultismo*. Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1977. (Enciclopédia do Mundo Actual)
- FRÈRE, Jean-Claude. *Vida e mistérios dos rosa-cruzes*. Trad. Syomara Cajado. São Paulo, Ed. Pensamento, 1984.
- GAMA LEITE F^o, Tácito da. *Ciência, magia ou superstição?* Miami, EUA, Ed. Vida, 1987.
- GRANDES Religiões, As. São Paulo, Abril Cultural, 1973, v. 1 a 5.
- GRAU, Jose. *El ecumenismo y la Biblia*. Barcelona, Espanha, Ed. Evangelicas Europeas, 1969.
- HEINDEL, Max. *Os mistérios rosa-cruzes*. São Paulo, Pensamento, 1986.
- HERNANDO, Julián García, org. *Sectas y religiones no cristianas*. Salamanca, Espanha, Soc. Educ. Atenas, 1983. (Pluralismo Religioso en España, II)
- HINNELLS, John R., ed. *Dicionário das religiões*. Trad. Octávio Mendes Cajado. São Paulo, Círculo do Livro, 1989.
- HOMEM, Mito & Magia. São Paulo, Editora Três, 1974, v. 1 a 3.
- HUTIN, Serge. *História da astrologia*. Trad. J. J. Soares Costa. Portugal, Edições 70, 1977. (Coleção Esfinge)
- JUCKSCH, P. Alcides. *O pecado da superstição*. São Leopoldo, RS, Ed. Sinodal, 1980. (Evangelizando o Brasil, cad. I)

- KLOPPENBURG, Boaventura. *O rosa-crucianismo no Brasil*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1959. (Vozes em Defesa da Fé, cad. 10)
- KRÜGER, Hanfried. *O Conselho Mundial de Igrejas*. Trad. Annemarie Höhn. São Leopoldo, RS, Ed. Sinodal, 1986.
- LANTIER, Jacques. *La teosofia*. Trad. Miguel Bofill. Barcelona, Espanha, Ed. Martínez Roca, 1978. (Col. La Otra Ciencia)
- LEADBEATER, C. W. *Pequena história da maçonaria*. Trad. J. Gervásio de Figueiredo. São Paulo, Ed. Pensamento, 1968.
- LEPARGNEUR, Hubert. *A secularização*. São Paulo, Duas Cidades, 1971. (Col. Teologia Hoje, nº 6)
- LEVI, Eliphas. *História da magia*. Trad. Rosabis Camaysar, São Paulo, Ed. Pensamento, 1986.
- LYONS, Arthur. *Culto a Satã*. Trad. Lauro S. Blandy, São Paulo, Hemus, 1974.
- MACY, Paul Griswold. *A história do Conselho Mundial de Igrejas*. São Paulo, Imprensa Metodista, s.d.
- McCONNELL, C. *Baháismo, teosofia, rosa-crucianismo*. Argentina, Editorial Verdad, 1967.
- McDOWELL, Josh & STEWART, Don. *Entendendo as religiões seculares*. São Paulo, Candeia, 1989.
- MEDRADO, Angelo D. *Maçonaria e cristianismo*. Paraná, ed. do autor, s.d.
- MONIZ, Heitor. *O que é o existencialismo*. Rio de Janeiro, Ed. A Noite, 1948.
- NOVAES, Mário Amaral. *O cristão e a maçonaria*. São Paulo, Livr. Independente, s.d.
- OCULTISMO, O. A revelação da ciência dos magos. Trad. Maria Leonor Braga Abecassis, Portugal, Publ. Europa-América, 1973.
- OUTLER, Albert C. *Para que o mundo creia*. Trad. J. C. Maraschin. São Paulo, Imprensa Metodista, 1973.
- PELLEGRINI, Luis. *Madame Blavatsky*. São Paulo, T. A. Queiroz, ed., 1986.
- POUPARD, Paul, dir. *Diccionario de las religiones*. Vários trad. Barcelona, Espanha, Herder, 1987.
- SANTOS, Sebastião Dodel dos. *A maçonaria através dos tempos*. Rio de Janeiro, Ed. Aurora, s.d.
- SCHLESINGER, Hugo & PORTO, Humberto. *Crenças, seitas e símbolos religiosos*. São Paulo, Paulinas, 1983.
- SCHLINK, M. Basilea. *Os cristãos e a ioga*. Belo Horizonte, Ed. Betânia, s.d.
- SCHREIBER, Hermann & SCHREIBER, Georg. *História e mistérios das sociedades secretas*. Trad. Eurico Douwens, 2ª ed., São Paulo, IBRASA, 1967.
- SELIGMANN, Kurt. *História da magia*. Trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto, Lisboa, Edições 70, 1974, v. 1 e 2. (Col. Esfinge)
- SMITH, F. LaGard. *As vidas imaginárias de Shirley McLaine*. Trad. Wanda de Assumpção. Florida, EUA, Ed. Vida, 1989.
- SPROUL, R. C. *Razão para crer*. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo, Mundo Cristão, 1986.
- TERRA, J. E. Martins. *Religião e magia*. São Paulo, Edições Loyola, 1985.
- TESTEMUNHOS Sobre Sociedades Secretas. Trad. Mário Amaral Novael. 2ª ed. São Paulo, Edições Cristãs, 1987.
- VÁSQUEZ, Guillermo. *Una mirada al existencialismo*. El Paso, Tx., USA, Casa Bautista de Publicaciones, 1970.
- VILA, Samuel. *Las teologias modernas y la Biblia*. Espanha, Ed. Clie, 1980.
- WASSERZUG-TRAEDER, G. *O caminho fatal do movimento ecumênico*, Porto Alegre, RS, Obra Missionária Chamada da Meia-Noite, s.d.
- WILGES, Irineu. *As religiões no mundo*. Cultura Religiosa, Petrópolis, RJ, Ed. Vozes Ltda, 1982, v.1

Endereços JUERP

JUNTA DE EDUCAÇÃO RELIGIOSA E PUBLICAÇÕES

DA CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ

Correspondência
Caixa Postal 320
20001-970 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

Representante Exclusiva Para o Brasil da:
CASA BAPTISTA DE PUBLICACIONES — El Paso, TEXAS — USA

ASOCIACIÓN EDICIONES LA AURORA — ARGENTINA

BELÉM — PA
Travessa Padre Prudêncio, 61 — Loja 3
66010-150 — Belém, PA — Centro
Tel.: (091) 223-6297

BELO HORIZONTE — MG
Rua dos Tamoios, 481 — Centro
Terreo — 2º, 3º, e 4º Pavimentos
30120-050 — Belo Horizonte, MG
Tel.: (031) 01-00223 / (031) 201-498

BRASÍLIA — DF
SDS — Bl G, Lojas 13/17
Conjunto Bacarat — Asa Sul
70392-900 — Brasília, DF
Tel.: (061) 224-5449

CAMPINAS — SP
Rua Ferreira Penteado, 272 — Centro
13010-040 — Campinas, SP
Tel.: (019) 32-1846

CAMPO GRANDE — MS
Av. Afonso Pena, 1897 — Sala 12
Executive Center
70902-070 — Campo Grande, MS
Tel.: (067) 383-1963

CURITIBA — PR
Rua Desembargador Westphalen, 443 — Centro
80010-110 — Curitiba, PR
Tel.: (041) 223-8268

DUQUE DE CAXIAS — RJ
Av. Nilo Peçanha, 441 — Centro
25010-141 — Duque de Caxias, RJ
Tel.: (021) 771-2358

MACEIÓ — AL
Rua Joaquim Távora, 274 — Centro
57020-240 — Maceió, AL
Tel.: (082) 223-5110

MANAUS — AM
Rua Rui Barbosa, 139
69010-220 — Manaus, AM
Tel.: (092) 233-8263

NITERÓI — RJ
Rua XV de Novembro, 49 — Loja 102 — Centro
24020-120 — Niterói, RJ
Tel.: (021) 717-2917

NOVA IGUAÇU — RJ
Rua Otávio Tarquínio, 178 — Centro
26210-170 — Nova Iguaçu, RJ
Tel.: (021) 767-8308

PORTO ALEGRE — RS
Av. Cristóvão Colombo, 1155 — Floresta
90560-004 — Porto Alegre, RS
Tel.: (0512) 22-3171

RECIFE — PE
Rua do Hospício, 187 — Boa Vista
50060-080 — Recife, PE
Tel.: (081) 221-5470

RIO DE JANEIRO — RJ
Rua Mariz e Barros, 39 — Loja D 38/39
Praça da Bandeira
20270 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 273-0447

Rua do Ouvidor, 130 — Sobreloja 215/216 e 217
Centro
20041-000 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 252-2628

Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

SALVADOR — BA
Av. Visconde de São Lourenço, 6 — Campo Grande
40080-010 — Salvador, BA
Tel.: (071) 321-9326

SANTARÉM — PA
Av. Barão do Rio Branco, 404 — Loja F
68005-310 — Santarém, PA
Tel.: (091) 522-1332

SÃO LUÍS — MA
Av. São Pantaleão, 195 — Lojas A e B — Centro
65015-460 — São Luís, MA
Tel.: (098) 222-1135

SÃO PAULO — SP
Av. São João, 816/820 — Centro
01036-100 — São Paulo, SP
Tels.: (011) 223-3433/223-3642

VITÓRIA — ES
Rua Barão de Itapemirim, 208 — Centro
29010-060 — Vitória, ES
Tel.: (027) 223-2893

Representante no Exterior:

PORTUGAL
CEBAPES — CENTRO BAPTISTA DE PUBLICAÇÕES, LDA
Lisboa — PORTUGAL

IMPrensa BÍBLICA BRASILEIRA
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

O JORNAL BATISTA
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0772

ACAMPAMENTO BATISTA SÍTIO DO SOSSEGO
Estrada BR 101, S/Nº, Km 193 — Rio Dourado
28860-000 — Casimiro de Abreu, RJ
Tel.: (101) Pedir à Telefonista Rio Dourado 2

ACAMPAMENTO BATISTA FAZENDA PALMA
Distrito Varpa
17625-000 — Município de Tupã, SP
Tel.: (0144) 42-2812 — Ramal 33

JUERP CAPELAS E MÓVEIS
Estrada Boa Vista, S/Nº
28970-000 — Araruama, RJ
Tel.: (0246) 65-1517
(021) 269-0772

CORREIO JUERP
Rua Silva Vale, 781 — Cavalcânti
Caixa Postal 320
21370-360 — Rio de Janeiro, RJ
Tel.: (021) 269-0048



Este livro faz parte da Série **Seitas do Nosso Tempo**, que vem a lume para prover os crentes de informações sobre as seitas que mais trabalham no contexto brasileiro, chamando a atenção para o perigo das doutrinas que disseminam.

Numa época de tantas confusões teológicas e discórdias doutrinárias, sentimos a grande necessidade de irmos ao encontro dos crentes que costumeiramente se vêem assediados e molestados pelos adeptos das seitas, tendo dificuldade em rechaçá-los.

O autor desta série, o Pr. Tácito da Gama Leite Filho, é um estudioso do fenômeno das seitas há mais de 10 anos. Muito daquilo que conseguiu coletar e reunir em seus livros é fruto de pesquisas **in loco**, sem, evidentemente, desprezar as fontes bibliográficas existentes, principalmente os livros autorizados das próprias seitas.

Segundo o autor, todas as seitas usam de métodos proselitistas. Geralmente são os afiliados a uma igreja reconhecidamente evangélica os mais visados. Daí a importância do estudo dos livros desta série por todo crente que esteja buscando um melhor conhecimento, para argumentar, com segurança, com todo aquele que ouse questionar o caráter de sua fé e a razão de sua esperança.

A série traz uma sucinta explanação sobre as seitas proféticas, orientais, neopentecostais, mágico-religiosas, espíritas, atitudes ideológicas e filosóficas, e encerra-se com uma Fenomenologia das Seitas. Ao todo, são 7 volumes. Cada estudo é didaticamente estruturado de maneira a facilitar também a utilização do livro em preleções e estudos em grupo nas igrejas.

Nossa expectativa é que esta série venha contribuir grandemente para o fortalecimento doutrinário dos crentes de nossas igrejas e, num sentido mais abrangente, na salvação de vidas mal-informadas, arrastadas pela sedução mística, fanática e enganosa das seitas.